

Pollyanna Cresce
Eleanor H. Porter.
Coleção Azul.
Editorial Publica, Lisboa, 1991.
Infanto-Juvenil.

Esta obra foi digitalizada sem fins comerciais e destinada unicamente à leitura de pessoas portadoras de deficiência visual. Por força da lei de direitos de autor, este ficheiro não pode ser distribuído para outros fins, no todo ou em parte, ainda que gratuitamente.

Pollyanna Cresce
Composto e impresso por
Printer Portuguesa, Indústria Gráfica, Lda. Mem Martins - Sintra
Para A Editorial Publica, Com Sede Na Avenida Poeta Mistral, 6-b - 1000 Lisboa
Março de 1991
Tradução de João Sargaço
Adaptação de António M. Francisco
Capa de José Antunes
Editorial Publica

Digitalização e Correção:
Dores Cunha

1. Della diz o que pensa

Della Wetherby dirigiu-se decididamente para casa da sua irmã, na Commonwealth Avenue, e tocou energicamente à campainha. Da cabeça aos pés irradiava saúde, competência e decisão. Até a sua voz vibrava com a alegria de viver, ao cumprimentar a criada que lhe abriu a porta.

- Bom dia, Mary. A minha irmã está em casa?

- Sim, minha senhora, Mrs. Carew está em casa

- hesitou a rapariga -, mas deu ordens para não deixar entrar ninguém.

- Ah sim? Mas eu não sou qualquer pessoa! - sorriu Mrs. Wetherby. - Portanto ela há-de receber-me. Não se preocupe, porque eu responsabilizo-me. Onde está ela, na sala de estar?

- Sim, minha senhora, mas...

Miss Wetherby, no entanto, já ia a meio caminho das escadas, e a criada, com expressão de desespero, desistiu. Já no hall, passou através de uma porta semiaberta e bateu.

- O que é, Mary? - ouviu-se uma voz aborrecida. - Ah, é a Della! - ouviu-se a mesma voz

6

completamente modificada, cheia de calor e surpresa. Minha querida irmã, donde vieste?

- Sim, sou eu - sorriu a jovem, já dentro da sala.

- Fui passar o Domingo com duas outras enfermeiras, e agora estou de regresso ao



Sanatório. Não me demoro. Vim só dar-te um beijo.

Mrs. Carew fez uma expressão triste e retraiu-se com alguma frieza. O ar de alegria que, por momentos, se lhe espelhara no rosto, tinha desaparecido.

- Claro! Devia ter calculado, tu nunca cá páras!

Della Wetherby riu, estendendo-lhe as mãos; a seguir, de repente, a sua voz e os seus modos alteraram-se. Olhou para a irmã com seriedade e ternura e disse delicadamente:

- Querida Ruth, bem sabes que não consigo viver nesta casa.

Mrs. Carew olhou para ela irritada, protestando:

- Não sei porquê!

Della Wetherby abanou a cabeça, explicando.

- Sabes sim, querida. Sabes que não sinto afinidade nenhuma com tudo isto: o ambiente, a falta de objectivos, a tua insistência na tristeza, na amargura.

- Mas eu sou triste e amargurada.

- Mas não devias ser!

- Porque não? Que razões tenho para não ser assim?

Della Wetherby fez um gesto de impaciência e continuou:

- Olha Ruth, tens 33 anos. Tens boa saúde, devias ter, se tratasses bem de ti; dispões de muito tempo

7

e ainda mais de dinheiro. Devias arranjar alguma coisa para fazeres nesta manhã maravilhosa ao contrário de ficares aqui sentada e encafuada em casa, ainda por cima dando ordens à criada para não deixar entrar ninguém.

- Mas eu não quero ver ninguém!

- Olha, eu havia de arranjar maneira de querer. Mrs. Carew olhou constrangida e virou a cabeça.

- Oh! Della, porque é que nunca me compreendes? Eu não sou como tu. Não consigo esquecer...

Uma expressão compreensiva passou pelo rosto da irmã.

- Referes-te a Jamie? Se é, não me esqueço, querida, mas anichares-te em casa, não te ajudará a encontrá-lo.

- Como se eu não tivesse já tentado encontrá-lo durante oito longos anos, sem ficar metida em casa! respondeu prontamente Mrs. Carew indignada, com um soluço na voz.

- Claro que sim, querida - atalhou a outra rapidamente - e vamos continuar a procurá-lo, as duas, até o encontrarmos ou morrermos. Realmente este ambiente não ajuda nada.

- Mas eu não quero fazer mais nada - murmurou Ruth Carew, desgostosa.

Fez-se silêncio por momentos. A irmã mais nova sentou-se a olhar para a outra com uma expressão preocupada e reprovadora.

- Ruth - disse ela por fim, com alguma impaciência -, desculpa-me, mas será que vais continuar sempre assim? Reconheço que és viúva, contudo, a tua vida de casada durou apenas um ano e o teu marido era muito mais velho que tu. Esse breve ano, agora, não pode

contar muito mais do que um sonho. Decerto não vais ficar amargurada toda a vida!

- Não, não murmurou Mrs. Carew desgostosa.

- Então vais ficar sempre assim?

- Se eu conseguisse encontrar Jamie.

- Sim, eu sei. Porém, minha querida, não haverá mais nada no mundo que te possa fazer feliz sem ser o Jamie?

- Acho que não - suspirou Mrs. Carew, com indiferença.

- Ruth! - exclamou a irmã quase zangada.

Depois, riu de súbito e adiantou: - Oh! Ruth, Rute, como gostava de te dar uma dose de Pollyanna! Não conheço ninguém que precise tanto disso!

Mrs. Carew endireitou-se um pouco.

- Não faço ideia do que seja isso da Pollyanna

mas, seja o que for, não quero - retorquiu ela rispidamente. - Isto não é o teu querido Sanatório e não

sou uma doente tua a quem dês remédios e ordens. Por favor, lembra-te disso.

Os olhos de Della Wetherby brilharam, mas a boca manteve-se sem sorrir.

- Pollyanna não é um remédio, minha querida

- disse ela com ar sério - se bem que já ouvisse algumas pessoas chamarem-lhe tónico. Pollyanna é uma menina.

9

- Uma criança? Como podia eu saber? - respondeu a outra, ainda com alguma amargura. - Tu tens a tua "beladona", portanto era natural que tivesses alguma "Pollyanna". Além disso, estás sempre a aconselhar-me a tomar alguma coisa, e como disseste distintamente "dose" e dose significa normalmente remédio.

- Bom, Pollyanna é uma espécie de remédio - sorriu Della. - São os médicos do Sanatório que dizem, todos, que ela é melhor do que qualquer remédio que possam receitar. É uma menina, de 12 ou 13 anos, que esteve no Sanatório durante o Verão todo e que lá passou a maior parte do Inverno. Eu só estive com ela um mês ou dois, porque se foi embora depois de eu chegar. Foi, no entanto, o suficiente para me tocar com o seu encanto. Além disso, todo o Sanatório continua a falar de Pollyanna e a jogar o jogo dela.

- Jogo?

- Sim - assentiu Della, com um sorriso curioso.

- Era o "Jogo do Contentamento". Nunca me hei-de esquecer desse jogo. Consiste em procurar algo que dê contentamento em tudo o que nos acontece. Pollyanna achou que era um jogo engraçadíssimo e joga-o sempre. E quanto mais difícil é encontrar alguma coisa que dê contentamento, mais divertido o jogo se torna, ainda que, por vezes, seja horivelmente difícil.

- Mas que interessante! - murmurou Mrs. Carew que ainda não tinha compreendido bem.

- Havias de ver os resultados desse jogo no Sanatório. E o Dr. Ames diz que ela revolucionou a cidade

10

inteira de onde veio, exactamente da mesma maneira. Ele conhece muito bem o Dr. Chilton, o homem que casou com a tia de Pollyanna. E, a propósito, creio que esse casamento foi um dos seus feitos. Ela resolveu uma velha birra de namorados que havia entre eles. Sabes, é que há dois anos ou mais, o pai de Pollyanna morreu e a menina foi enviada para o Este, para casa da tia. Em Outubro foi atropelada por um automóvel e disseram-lhe que nunca mais poderia voltar a andar. Em Abril, o Dr. Chilton mandou-a para o Sanatório e ficou até Março, durante quase um ano. Regressou a casa praticamente curada. Ai, se visses a menina! Só houve uma coisa que ensombrou a felicidade dela. É que não pôde ir a pé até à casa. Parece que a cidade inteira a foi receber com bandeiras e fanfarras. Digo-te, é quase impossível falar de Pollyanna. É preciso conhecê-la. Por isso que te digo que devias receber uma dose de Pollyanna. Fazia-te bem, de certeza.

Mrs. Carew levantou um pouco o queixo.

- Devo dizer que estou um pouco em desacordo contigo - respondeu ela friamente. - Não estou interessada em ser "revolucionada" e não tenho nenhuma birra de namorados para resolver. E não haveria nada que me fosse mais detestável do que ter uma menina presunçosa que me dissesse o que eu devia pensar. Nunca suportaria. - e foi interrompida por uma sonante gargalhada.

- Oh! Ruth, Ruth! A Pollyanna presunçosa! Só gostava que a conhecesses agora! Eu bem sabia que era difícil falar de Pollyanna. Assim, é claro, não estás

11

preparada para a conhecer. Mas presunçosa é que ela não é! - e desatou outra vez a rir. Porém, logo a seguir, olhando a irmã com ar preocupado, prosseguiu: - A sério, minha querida, não se pode fazer nada? Acho que não deves desperdiçar a tua vida desta maneira. Porque não saís mais e visitas outras pessoas?

- Mas porquê, se não me apetece? Estou cansada das pessoas. Sabes que a sociedade sempre me aborreceu!

- Então porque não tentas algum trabalho em prol do próximo?

Mrs. Carew fez um gesto de impaciência.

- Minha querida Della, eu já passei por isto antes. Dou muito dinheiro e isso é suficiente. Não sei bem quanto, mas se calhar até é demais. Não acredito em gente pobre.

- Eu quis dizer dares um pouco de ti própria, querida - atreveu-se Della, delicadamente. - Se te conseguisses interessar por alguma coisa exterior à tua própria vida, isso ajudar-te-ia muito!

- Olha, minha querida Della - interrompeu a irmã, gravemente -, gosto muito de ti e prezo que venhas cá, mas falta-me paciência para te ouvir dizer o que devo fazer. A ti, assenta bem fazeres o papel de anjo-da-guarda e tratares dos doentes, e talvez tu consigas esquecer o Jamie dessa maneira. Mas eu não consigo. Tudo isso me faria pensar ainda mais nele,

martirizando-me por não saber se tem alguém a cuidar dele. Além disso, ser-me-ia muito desagradável o facto de ter de me misturar com todo o género de pessoas.

12

- Já alguma vez tentaste?

- Claro que não! - respondeu Mrs. Carew indignada.

- Então como podes saber sem experimentares? perguntou a jovem enfermeira, levantando-se aborrecida.

- Tenho de me ir embora. Vou ter com as minhas colegas na South Station. O nosso comboio parte ao meio-dia e meia. Desculpa se te fiz zangar - concluiu ao despedir-se.

- Não estou zangada, Della - suspirou Mrs Carew

- , mas gostava que me compreendesses!

Della Wetherby saiu logo. O seu semblante, os seus passos e modos eram bem diferentes daqueles com que tinha entrado uma hora antes. Toda a vivacidade e alegria de viver tinham desaparecido. Ao longo de meio quarteirão quase arrastava os pés. Depois, de repente ergueu bem a cabeça e respirou fundo.

- Se passasse uma semana naquela casa morria. Acho que nem sequer Pollyanna conseguiria desfazer aquele ambiente! E a única coisa que arranjaría para ficar contente seria não ter de lá ficar.

Tal descrença na capacidade de Pollyanna para alterar o estado das coisas na casa de Mrs. Carew não lhe respondia exactamente à opinião de Della Wetherby.

Isso acabou por se revelar a curto prazo, pois a enfermeira mal tinha chegado ao Sanatório quando soube de algo que a fez percorrer de novo a viagem de 80 kms até Boston, logo no dia a seguir.

Tal como anteriormente, ela percebeu que Mrs. Carew não saíra de casa desde que se tinham encontrado.

13

- Ruth - disse ela ansiosa, depois de ter correspondido à saudação da irmã surpreendida - eu tinha

que vir e tu, desta vez, tens de confiar em mim e fazer o que te digo. Ouve! Tu podes receber aqui a Pollyanna se quiseres.

- Mas eu não quero - retorquiu Mrs. Carew friamente. Della Wetherby parecia não a ter ouvido e continuou entusiasmada.

- Ontem, quando voltei para o Sanatório, soube que o Dr. Ames recebeu uma carta do Dr. Chilton, o tal que casou com a tia de Pollyanna. Nessa carta, ele diz que vai passar o Inverno à Alemanha, frequentar um curso especial, e que levaria com ele a mulher se a conseguisse convencer de que Pollyanna ficaria bem durante esse tempo num colégio interno. Só que Mrs.

Chilton não queria deixar Pollyanna num colégio, e por isso ele receava que ela não o pudesse acompanhar.

E aí está agora, Ruth, a nossa oportunidade. Queria que tu ficasses com Pollyanna durante o Inverno, de modo a que ela pudesse ir à escola aqui perto.

- Mas que ideia tão absurda, Della! Como se eu quisesse ter aqui uma criança para me atrapalhar e aborrecer!

- Mas ela não te vai aborrecer nem um bocadinho.

Deve ter quase 13 anos e sabe fazer absolutamente tudo.

- Eu não gosto de crianças que sabem fazer tudo

- retorquiu Mrs. Carew com uma ponta de perversidade, mas rindo-se, o que fez a irmã readquirir coragem e insistir no seu propósito.

14

Talvez fosse pelo carácter súbito daquele apelo ou pela sua novidade. Talvez fosse por a história de Pollyanna ter tocado de algum modo o coração de Ruth Carew. Ou talvez fosse a sua falta de vontade em recusar a defesa apaixonada da irmã. Fosse o que fosse, quando Della Wetherby se despediu apressadamente meia hora mais tarde já levava consigo a promessa de Ruth Carew em receber Pollyanna naquela casa.

- Mas lembra-te disto - avisou Mrs. Carew enquanto a irmã se despidia -, se essa menina começar a querer impor-me seja o que for, devolvo-ta logo e podes fazer com ela o que quiseres. Não ficarei mais com ela!

- Não me esquecerei disso, mas não estou nada preocupada - respondeu a irmã mais nova, despedindo-se.

E enquanto se afastava murmurava consigo própria: Metade do trabalho está feito; agora vamos à outra metade, que é a de fazer com que Pollyanna venha. diabo! hei-de conseguir! Vou escrever uma carta de modo a que eles a deixem vir!

2. Amigos de longa data

Naquele dia de Agosto, em Beldingsville, Mrs. Chilton esperou que Pollyanna se fosse deitar antes de conversar com o marido sobre a carta que tinha chegado no correio da manhã. O assunto teve de esperar, porque o médico estava sempre muito ocupado com os seus

doentes e não houvera tempo para conferências familiares.

Quando o médico entrou na sala eram já oito e meia.

O seu rosto cansado iluminou-se ao vê-la, sem que os seus olhos deixassem de reflectir interrogação.

- Que se passa, Polly querida? - perguntou ele

com ar preocupado.

A mulher riu divertida.

- É uma carta... não pensei que descobrisses só por olhar para mim.

- Então não debes ficar com esse ar - disse ele a sorrir. - O que é, afinal?

Mrs. Chilton hesitou, cerrou os lábios e depois agarrou numa carta que tinha junto dela.

- Vou lê-la - disse. - É de uma tal Miss Della Wetherby, do Sanatório do Dr. Ames.

16

- Então lê lá - pediu ele, deitando-se ao comprido no sofá junto da mulher.

Mrs. Chilton começou então a ler a carta em voz alta:

" Cara Mrs. Chilton

Esta é a sexta vez que começo a escrever-lhe, pois das restantes cinco vezes rasguei a carta. Assim decidi não começar de todo em todo mas dizer- Lhe directamente ao que venho. Quero a Pollyanna. Posso tê-la?

Conheci-a, a si e seu marido, em Marosado, quando vieram buscar Pollyanna, mas calculo que não se lembrem de mim. Vou pedir ao Dr. Ames, que me conhece muito bem, para escrever a seu marido de modo a que não receie confiar-me a sua querida sobrinha.

Sei que não quer ir com o seu marido à Alemanha, para não deixar Pollyanna sozinha; por isso me atrevo a pedir-lhe que nos deixe ficar com Pollyanna. Peço-lhe que a deixe ficar connosco. Vou agora dizer-lhe porquê.

A minha irmã, Mrs. Carew, é uma senhora solitária e muito infeliz. Vive num mundo de tristeza onde nem a luz do Sol penetra. Estou convencida de que se existe alguma coisa na Terra que lhe pode trazer alegria à vida, é a sua sobrinha, Pollyanna.

Quer deixá-la experimentar? Gostava de lhe contar tudo o que ela fez aqui no Sanatório, mas

17

é impossível. Só vendo com os próprios olhos. Há muito que descobri que não conseguimos explicar tudo acerca de Pollyanna. Quando tentamos, parece que se trata de uma menina impossível, presumida e enfadonha. No entanto, sabemos bem que não é nada disso. Basta trazer Pollyanna e deixá-la falar por si. É por isso que a quero levar à minha irmã e deixá-la falar por si própria. Claro que ela frequentaria a escola e, entretanto, disso estou convencidíssima, ela seria capaz de sarar a ferida que minha irmã traz no coração.

Não sei como terminar esta carta. Creio que ainda é mais difícil do que começá-la. Penso que não desejo concluí-la. Só me apetece continuar a falar sem parar, com receio de, parando, lhe dar a oportunidade de me dizer não. Por isso, se estiver tentada a dizer essa palavra horrorosa, por favor, considere como se eu não tivesse parado de falar, dizendo-lhe como quero e preciso de Pollyanna.

Della Wetherby.

- É isto! - exclamou Mrs. Chilton, enquanto punha a carta de lado. - Já alguma vez leste uma carta assim, ou ouviste falar de um pedido tão absurdo?

- Não penso assim - disse o médico sorrindo. Não creio que seja absurdo querer Pollyanna.

- Mas. a maneira como ela expõe o assunto! Sarar a ferida no coração da irmã e tudo isso!

Até parece que a criança é uma espécie de remédio!

O médico riu abertamente.

- O facto é que ela o é. Eu sempre disse que gos taria de a poder receitar e vender, como se de embalagem de comprimidos se tratasse. O Charlie Ames diz que sempre fez questão, no Sanatório, de dar rapidamente aos seus doentes uma dose de Pollyanna após a chegada deles, durante o ano inteiro que ela lá esteve internada.

- Uma dose!... - desdenhou Mrs. Chilton.

- Então não a vais deixar ir?

- Ir? Claro que não! Achas bem que deixasse ficar a criança com pessoas desconhecidas? E estranhos como estes? Ao voltarmos da Alemanha não me surpreenderia que viessemos encontrar Pollyana já embalada e eti quetada.

O médico riu de novo, deitando a cabeça para trás, e levando as mãos ao bolso à procura de uma carta.

- Recebi notícias do Dr. Ames esta manhã

- disse ele num tom algo diferente do habitual e que produziu uma expressão de estranheza no rosto da mulher.

- E se eu te lesse agora a minha carta?

" Caro Tom

Miss Della Wetherby pediu-me que lhe fizesse

um favor a ela e à irmã, o que faço com prazer;

Conheço as Wetherby desde crianças. São de uma família antiga e educada, e dignas do maior respeito-

Por esse lado nada tem a recear.

19

Eram três irmãs, Doris, Ruth e Della. Doris

casou com um tal John Kent, contra a vontade da família. Kent era de boas famílias, mas ele próprio não valia muito. Um excêntrico e de trato difícil.

Ficou muit o zangado com a atitude dos Wetherby em relação a ele e o relacionamento entre as famílias era difícil até nascer umfilho. Os Wetherbypassaram a adorar aquele menino, James, ou Jamie, como lhe chamavam. Doris, a mãe, morreu quando o menino tinha quatro anos e os Wetherbyfizeram

todo o possível para que o pai lhes entregasse completamente a criança. Kent, porém, desapareceu de

repente, levando consigo o menino. Desde então

nunca mais souberam deles, embora tivessem mandado procurá-los, pelo mundo inteiro.

A perda levou praticamente à morte Mr. e Mrs.

Wetherby, ocorrida a ambos pouco depois. Ruth, por sua vez casou e enviuvou. O marido, chamado

Carew, era muito rico e bem mais velho do que ela.
Morreu um ano após o casamento, deixando-a com
um bebé que acabou também por morrer um ano
depois.

Desde que o pequeno Jamie desapareceu, Ruth
e Della passaram a ter um único objectivo na vida:
reencontrá-lo. Fartaram-se de gastar dinheiro e
revolveram o céu e a terra, todavia sem resultados.
Della acabou por se dedicar à enfermagem. Tem
feito um trabalho esplêndido e tornou-se uma
mulher saudável, eficiente e alegre, embora sem
esquecer o sobrinho perdido e sem descuidar

20

qualquer possível pista que a pudesse conduzir à sua descoberta.
Porém, com Mrs. Carew as coisas passaram-se de modo bastante diferente. Depois de ter
perdido o seu próprio filho, concentrou todo o amor maternal no filho da irmã. Como pode
imaginar, ficou completamente desesperada quando ele desapareceu. Isso sucedeu há oito
anos e têm sido para ela oito longos anos de infelicidade, tristeza e amargura. Tudo o que o
dinheiro pode comprar e está evidentemente ao alcance dela, mas nada lhe agrada, nada a
interessa. Della acha que é a altura de fazer com que ela mude, custe o que custar, e
acredita que a brilhante sobrinha da sua mulher, Pollyanna, pode ser a chave mágica que
conseguirá abrir a porta de uma nova vida para ela. Sendo assim, espero que não vejam
impedimento em satisfazer o pedido dela. E devo acrescentar que também eu, pessoalmente
ficaria muito grato pelo favor, porque Ruth Carew e a irmã são grandes e antigas amigas
minhas e de minha mulher, e o que as afecta a elas também toca a nós.

Charlie"

Concluída a leitura da carta, fez-se entre ambos
um longo silêncio, tão longo que o médico perguntou:
- Então, Polly?

.

1

r

f:

-

POLLYANNA CRESCE 1

O silêncio manteve-se. O médico, observando atentamente o rosto da mulher, viu
que os lábios dela estavam trémulos. Aguardou sem insistir até ela responder.

- Quando achas que contam com ela? - perguntou finalmente.

Surpreendido, o Dr. Chilton indagou:

- Então vais deixá-la ir?

- Mas que pergunta, Thomas Chilton! Com uma

á carta destas eu podia fazer outra coisa que não fosse deixá-la ir? Sendo o próprio Dr. Ames quem pede, achas que depois de tudo o que ele fez pela Pollyanna eu podia recusar fosse o que fosse?

- Oh, minha querida, só espero que o médico não se lembre de te pedir a ti - murmurou o marido com um sorriso excêntrico.

A mulher apenas lhe concedeu um olhar de desdém, dizendo:

- Podes escrever ao Dr. Ames e dizer-lhe que deixamos ir a Pollyanna. E pede-lhe que diga a Miss

Wetherby para nos escrever a dar todas as instruções.

Terá de ser por volta do dia 10do mês que vem, porque tu partes a seguir e eu quero ver a criança bem instalada antes de partir.

- Quando vais dizer a Pollyanna?

- Talvez amanhã.

- O que lhe vais dizer?

- Ainda não sei bem, mas só aquilo que tiver de dizer. Seja como for, Thomas, não devemos estragar

Pollyanna e qualquer criança poderia estragar-se se metesse na cabeça que era uma espécie de... de...

22

- De remédio embalado com etiqueta e tudo - interrompeu o médico com um sorriso.

- Sim, é isso - suspirou Mrs. Chilton. A inconsciência dela é que salva tudo. Sabes isso muito bem.

- Sim, eu sei - assentiu o marido.

- É claro que ela sabe que tu e eu e metade da cidade estão a jogar o jogo com ela e que somos mais felizes por o jogarmos.

A voz de Mrs. Chilton vacilou um pouco, continuando depois com mais firmeza:

- Mas se ela, conscientemente, deixasse de ser como é, natural, radiosa e feliz, a jogar o jogo que o pai lhe ensinou, tornava-se exactamente aquilo que a enfermeira disse que parecia: impossível. Por isso, diga o que lhe disser, nunca lhe direi que vai para casa de Mrs. Carew para a alegrar - concluiu Mrs. Shilton, levantando-se decididamente e pondo o trabalho de lado.

- Acho que és muito sensata - aprovou o médico.

No dia seguinte disseram a Pollyanna. Foi assim que as coisas se passaram:

- Minha querida - começou a tia, quando ambas ficaram a sós nessa manhã -, gostavas de ir passar o próximo Inverno a Boston?

- Consigo?

- Não. Eu decidi ir com o teu tio à Alemanha. Mrs. Carew, uma grande amiga do Dr. Ames, convidou-te para permaneceres com ela o Inverno e acho que devo deixar-te ir.

O rosto de Pollyanna fez-se triste.

- Mas em Boston não tenho o Jimmy, ou Mr. Pendleton ou Mrs. Snow, nem ninguém conhecido.

- Não, querida, mas quando para aqui vieste também não os tinhas até os conheceres.

Pollyanna esboçou um sorriso.

- É verdade tia Polly, não os conhecia! Isso quer dizer que em Boston existem Jimmys, Mr. Pendletons

e Mrs. Snows à minha espera para eu as conhecer, não é verdade?

- Sim, querida.

- Então devo ficar contente com isso. Acho que agora a tia Polly sabe jogar o jogo melhor do que eu. e Nunca tinha pensado em ter pessoas à minha espera só para eu as conhecer. E há muita gente! Vi algumas pessoas, quando lá estive há dois anos com Mrs. Gray. Estivemos lá duas horas inteiras no caminho do Oeste para aqui. Na estação havia um homem simpatiquíssimo, que me disse onde eu podia beber água. A tia acha que ele ainda lá está? Gostava de o rever. E também havia uma senhora muito bonita com uma menina pequenina. Vivem em Boston, como me disseram. A menina chamava-se Susie Smith. Talvez as venha a ver. Acha que sim? E havia um rapaz e uma outra senhora com um bebé, mas viviam em Honolulu, por isso não devo conseguir encontrá-los agora. Mas conhecerei Mrs. Carew. Quem é Mrs. Carew, tia Polly? É das suas relações?

- Querida Pollyanna! - exclamou Mrs. Chilton meio a rir meio desesperada. - Como podes querer que

alguém acompanhe o que dizes e ainda menos o que pensas, quando vais a Honolulu e voltas em dois segundos! Não, Mrs. Carew não é nossa conhecida. É irmã de Miss Della Wetherby. Lembras-te de Miss Wetherby do Sanatório?

Pollyanna bateu palmas.

- É irmã de Miss Wetherby? Ah, tenho a certeza de que é muito querida! Miss Wetherby era. Adorei Miss Wetherby. Tinha pequenos vincos em redor dos olhos e da boca, quando ria, e conhecia histórias engraçadas. Só a tive durante dois meses, porque só cheguei um pouco antes de eu ter alta. Ao princípio tive pena por não a ter tido durante todo o tempo, mas no fim, fiquei contente, porque se eu a tivesse tido durante todo o tempo teria sido muito mais difícil despedir-me dela. Engraçado, e agora parece que a vou ter outra vez, porque vou ficar com a sua irmã.

Mrs. Chilton respirou fundo e mordeu o lábio.

- Mas Pollyanna, não podes estar à espera que elas sejam parecidas! - atreveu-se a tia a dizer.

Nos dias seguintes, enquanto se trocavam cartas sobre a permanência de Pollyanna em Boston, Pollyanna preparava-se para partir desdobrando-se em visitas aos amigos de Beldingsville.

Toda a gente da pequena cidade de Vermont conhecia agora Pollyanna e quase todos

jogavam o jogo com ela. Os poucos que não o faziam era por desconhecerem o que era o Jogo do Contentamento. Assim, de uma casa para a outra, Pollyanna contou as novidades sobre a sua partida para Boston, onde passaria

25

o Inverno. Em todo o lado ouviu um clamor de lamentações e protestos, desde Nancy, cozinheira da tia Polly,

até ao casarão da colina onde vivia John Pendleton.

Nancy não hesitou em dizer a toda a gente, excepto à patroa, que considerava tal viagem um disparate, e que se pudesse ficaria muito contente em levar Miss

Pollyanna consigo para a sua casa na terra, podendo assim Mrs. Polly partir para a Alemanha. Na colina, John Pendleton repetiu praticamente a mesma coisa, e não hesitou em dizê-lo directamente a Mrs. Chilton. Quanto a Jimmy, um rapazinho de 12 anos de quem John Pendleton tomara conta a pedido de Pollyanna e que entretanto adoptara, ficou indignadíssimo e não demorou a manifestá-lo:

- Mas acabaste de chegar! - disse ele, reprovando

Pollyanna num tom de voz que os rapazinhos usam quando querem esconder o facto de se sentirem magoados.

- Bem, estou cá desde Março. Além disso, não vou lá ficar para sempre, é só este Inverno.

- Não interessa. Estiveste fora o ano inteiro, e se eu soubesse que ias outra vez embora, não me tinha

dado ao trabalho de te receber com bandeiras e "fafarras" no dia da tua chegada do "sadtório".

Não me digas, Jimmy Bea! - exclamou Pollyanna,

em tom surpreendido e desaprovador. Depois, com um toque de superioridade, resultante do orgulho ferido, observou: - Não te pedi para me ires receber. Além disso cometeste dois erros: é fanfarras e sanatório

que se diz.

26

- E quem se rala com isso?

Os olhos de Pollyanna abriram-se ainda mais numa expressão de reprovação.

- E também já não me chamo Jimmy Bean! redarguiu o rapaz, levantando o queixo.

- Não és? Então porquê? - perguntou a menina.

- Fui adoptado legalmente. Ele tencionava há muito adoptar-me, mas não conseguia. Agora já conseguiu. Chamo-me Jimmy Pendleton e passei a chamá-lo por tio John. Só que ainda

não estou habituado e tenho dificuldade em chamá-lo assim.

O rapaz continuava zangado, mas os vestígios da irritação tinham-se atenuado no rosto da menina, ao ouvir as palavras dele. Bateu as palmas com alegria.

- Mas que bom! Agora tens uma família a sério, uma família que gosta de ti. E nunca mais terás que explicar o teu nome, pois agora é igual ao dele. Estou tão contente, tão CONTENTE!

O rapaz levantou-se de repente do muro onde estavam sentados e afastou-se. Estava corado e tinha os olhos cheios de lágrimas. Era a Pollyanna que ele tudo devia, todo o bem que lhe tinha acontecido, ele bem o sabia.

3. Uma dose de Pollyanna

À medida que o dia 8 de Setembro se aproximava, data em que Pollyanna deveria chegar, Mrs. Ruth Carew tornava-se cada vez mais nervosa e exasperada consigo própria. Dizia lamentar a promessa que fizera em receber a criança. Escreveu à irmã, pedindo-lhe para a libertar do compromisso, mas Della respondeu que era demasiado tarde, pois tanto ela como o Dr. Ames já tinham escrito aos Chiltons.

Pouco tempo depois chegou a carta de Della, transmitindo-lhe que Mrs. Chilton tinha dado o seu acordo e que viria dentro de alguns dias a Boston tratar da questão da escola e de outros assuntos. Assim, não havia nada a fazer senão deixar as coisas seguir o seu curso natural. Mrs. Carew acabou por se convencer e sujeitou-se ao inevitável, mas de má vontade. Procurou ser educada quando Della e Mrs. Chilton chegaram, mas ficou satisfeita por Mrs. Chilton se demorar pouco devido à quantidade de coisas que tinha para resolver.

Felizmente, a chegada de Pollyanna não estava prevista para depois do dia 8, pois o tempo em vez de

28

reconciliar Mrs. Carew com a ideia da nova hóspede, enchia-a antes de impaciência com aquilo a que chamava de aceitação absurda do esquema disparatado de Della.

Della também estava perfeitamente consciente do estado de espírito da irmã, e embora exteriormente ela não tivesse uma atitude decidida, no seu íntimo estava muito receosa em relação aos resultados. Depositava todas as suas esperanças em Pollyanna e decidiu apostar em deixar a menina iniciar a sua luta totalmente sozinha e sem ajuda. Arranjou, assim, as coisas de modo a que Mrs. Carew a fosse esperar à estação. E logo que as apresentações foram feitas, alegou um compromisso inadiável e despediu-se. Mrs. Carew, mal tendo tempo de observar a convidada, encontrou-se sozinha com ela.

- Della, Della, não te vás já embora - disse ela agitada na direcção da enfermeira que se afastava.

Della não deu mostras de a ter ouvido. Aborrecida, Mrs. Carew virou-se para a criança a seu lado.

- Mas que pena ela não ter ouvido - disse Pollyanna, cujos olhos tristes seguiam também a enfermeira. - Preferia que ela tivesse ficado, mas agora tenho-a a si, não é? Posso ficar contente com isso.

- Ah sim, tem-me a mim e eu tenho-a a si - respondeu a senhora de maneira pouco graciosa.
- Vamos por aqui - indicou ela com um gesto para a direita.

Vagarosamente, Pollyanna virou-se e caminhou ao lado de Mrs. Carew através da gigantesca estação. Olhou ainda uma ou duas vezes, preocupada, para o

29

rosto pouco sorridente da senhora e, finalmente, disse hesitante e com voz perturbada:

- Se calhar pensava que eu era bonita.
- Bonita? - repetiu Mrs. Carew.
- Sim, com caracóis! Decerto deve ter pensado como eu era, tal como fiz em relação a si. Só que eu sabia que a senhora devia ser bonita e simpática por causa da sua irmã. Eu tinha-a a ela como referência, mas a senhora não tinha ninguém e eu sei que não sou bonita por causa das sardas e não é simpático estar-se à espera de uma menina bonita e receber uma como eu, e...

- Que disparate, menina! - interrompeu Mrs. Carew um pouco asperamente. - Vamos buscar a sua mala e depois seguimos para casa. Estava a contar que a minha irmã ficasse connosco mas parece que não pode, nem por uma noite.

Pollyanna sorriu e fez que sim com a cabeça.

- Não devia poder. Devia ter alguém à espera. Tinha sempre alguém à espera dela lá no Sanatório. É uma maçada quando as pessoas estão sempre à nossa espera, não é? Assim, nem temos tempo de estar por nossa conta; mas, apesar disso, podemos ficar contentes, porque é bom ser-se desejado, não é?

Não se ouviu resposta, talvez porque, pela primeira vez na sua vida, Mrs. Carew reflectia se existia alguém algures que a desejasse realmente. Não que quisesse ser desejada, pensou para si própria, zangada, enquanto levantava mais a cabeça e franzia o sobrolho na direcção da criança.

30

Pollyanna não a viu franzir o sobrolho. Os olhos da menina dirigiam-se agitadamente em redor.

- Que carro tão bonito! Vamos nele? - exclamou Pollyanna quando chegaram diante de uma bonita limosina, com o motorista de libré a abrir a porta.

O motorista procurou sem êxito ocultar um sorriso. Porém, Mrs. Carew respondeu com a despreocupação de alguém para quem andar de automóvel não é mais do que um meio de deslocação de um lugar aborrecido para outro tão aborrecido como o anterior.

- Sim, vamos nele. Vamos para casa, Perkins - acrescentou, dirigindo-se ao deferente motorista.

- O carro é seu? - perguntou Pollyanna, detectando um ar inegável de proprietária no comportamento da sua anfitriã. - Mas que carro tão bonito! Deve ser muito rica, mais do que os que só têm tapetes em todas as salas e gelado aos domingos como os Whites, uma das minhas Senhoras da Caridade. Eu pensava que eles eram ricos, mas sei agora que ser realmente rico significa ter anéis de diamantes, criadas, casacos de pele de foca, vestidos de

seda e veludo para mudar todos os dias e um automóvel. Tem isso tudo?

- Sim, acho que sim - admitiu Mrs. Carew, com um ligeiro sorriso.

- Então, com certeza, é rica! - concluiu Pollyanna. - A minha tia Polly também tem tudo isso, mas o carro dela é puxado por cavalos. Gosto imenso de andar nestas coisas. Nunca tinha andado antes, a não ser naquele que me atropelou. Levaram-me nele depois de me terem tirado debaixo. Mas, é claro,

31

não dei por nada, de maneira que não pude apreciar. Desde então nunca mais estive dentro de nenhum. A tia Polly não gosta. O tio Tom gosta e quer ter um. Ele diz que precisa de um automóvel na sua profissão. É médico e todos os outros médicos da cidade já têm carro. Não sei o que irá sair dali. A tia Polly está muito incomodada com aquilo. Ela quer que o tio Tom tenha tudo o que quer, mas quer que ele queira aquilo que ela quer que ele queira, está a perceber?

Mrs. Carew riu de repente.

- Sim, minha menina, parece-me que percebo - respondeu com alguma reserva, embora o olhar reflectisse uma expressão pouco habitual.

- Ainda bem - respondeu Pollyanna contente. Sabia que compreenderia, apesar de parecer um bocado confuso o que eu disse. A tia Polly diz que só não se importava de ter um automóvel se fosse o único no mundo, para que ninguém fosse contra ela... Tantas casas! - bruscamente, Pollyanna mudou de assunto, olhando em redor, com admiração. - Nunca mais acabam! Tem de haver muitas, para que tanta gente possa ter onde morar, pelo que vi na estação, para além das muitas outras que se vêem nas ruas. E, claro, onde há mais pessoas, também há mais gente para conhecer. Adoro pessoas. E a senhora?

- A dorar pessoas?

- Sim, as pessoas, toda a gente!

- Não, Pollyanna, não posso dizer que as adoro

- respondeu Mrs. Carew, friamente e um pouco contraída.

32

Os olhos de Mrs. Carew tinham perdido aquela expressão especial. Viravam-se desconfiadamente para Pollyanna. Mrs. Carew dizia para si própria: será que tenho agora, como arenga principal, o meu dever de me dar com o próximo, à maneira da Irmã Della!

- A senhora não gosta de pessoas? Eu gosto muito. São todas tão simpáticas e diferentes umas das outras. E aqui deve haver muitas que são simpáticas e diferentes. Nem imagina como fiquei contente ao saber que vinha para cá! Adivinhei que ia gostar logo que descobri que era a senhora, isto é, a irmã de Miss Wetherby. Adoro Miss Wetherby e, por isso, não duvidei que ia gostar muito de si, pois, com certeza, são parecidas por serem irmãs.

A limosina tinha virado para a Commonwealth Avenue e Pollyanna começou imediatamente a louvar a beleza da avenida, com um jardim tão bonito no meio e que se tornava ainda mais bonita depois de terem passado por tantas ruas estreitas.

- Acho que toda a gente devia gostar de viver aqui

- comentou entusiasmada.

- É muito possível, mas seria difícil - retorquiu Mrs. Carew, com as sobrancelhas levantadas.

Pollyanna, suspeitando que a expressão reflectida no rosto da senhora era de contentamento por a casa dela não se situar naquela linda avenida, apressou-se a corrigir.

- Não, claro que não - concordou. - Eu não quis dizer que as ruas mais estreitas não sejam também bonitas. Até talvez ainda sejam melhores, pois assim podemos

33

estar contentes por não ter que andar tanto quando precisamos de atravessar a rua para pedir um ovo emprestado. Mas vive aqui? - interrompeu ela, quando o carro se deteve defronte da porta de uma casa. - Vive aqui Mrs. Carew?

- Sim, claro que vivo aqui - respondeu a senhora, algo irritada.

- Mas que contente que se deve sentir por viver num sítio tão bonito - exultou a menina, correndo para o passeio e olhando excitada em redor. - Não se sente contente?

Mrs. Carew não respondeu. Sisuda e de testa franzida, saiu da limosina.

Pela segunda vez em cinco minutos Pollyanna apressou-se a corrigir.

- Claro que eu não me referia ao tipo de contentamento que seja pecado de orgulho - explicou, perscrutando ansiosa o rosto de Mrs. Carew. - Talvez pensasse que eu me referia a esse tipo de contentamento, como a tia Polly pensava às vezes. Não me refiro a esse tipo de contentamento por termos alguma coisa que os outros não têm, mas ao tipo de contentamento que nos faz apetecer gritar e bater com as portas, mesmo que não seja boa educação - concluiu, dançando e saltando em bicos dos pés.

O motorista virou-se precipitadamente e meteu-se no carro. Mrs. Carew, que continuava séria, ia à frente ensinando o caminho.

- Venha Pollyanna - limitou-se a dizer, crispadamente.

34

Cinco dias mais tarde, Della Wetherby recebeu uma carta da irmã e abriu-a ansiosamente. Era a primeira que chegava desde que Pollyanna estava em Boston com Mrs. Carew.

" Querida irmã

"Della, porque não me informaste sobre esta criança que insististe para que tomasse conta? Estou fula e não a posso mandar embora. Já tentei por três vezes, mas, em todas elas, antes de começar a dizer o que quero, ela interrompe-me dizendo-me que está a gostar imenso de estar comigo, que se sente muito contente e que sou muito boa em ficar com ela enquanto a tia está na Alemanha. Assim, diz-me, com que cara posso virar-me para ela e dizer: porfavor vai para casa, não te quero aqui. E o mais absurdo é que acho que não lhe entra na cabeça que não a quero cá e parece que também não consigo fazer-lhe compreender isso.

"É claro que se ela começar a pregar e a dizer-me para pensar nos meus pecados, mando-a imediatamente embora. Eu disse-te que não permitiria isso. E não permito. Por duas ou três vezes pensei que ela ia começar com prédicas, mas até aqui não passam das histórias ridículas acerca dumas Senhoras da Caridade, com o sermão a derivar para outro lado, felizmente para ela, se quer ficar.

"Mas ela é realmente impossível. Eu conto.

"Em primeiro lugar, está maravilhada com a casa. No primeiro dia em que aqui chegou, pediu-me para abrir todas as salas e não ficou satisfeita senão quando viu desaparecer todas as sombras da casa para que pudesse apreciar todas as coisas maravilhosas que havia, coisas essas qQue ela disse serem ainda mais bonitas que as de Mr. John Pendleton que creio ser alguém de Beldingsville. De qualquerforma não se trata de uma das Senhoras da Caridade. A té aí já percebi.

"Depois, como se não bastasse fazer-me correr de quarto em quarto, à laia de cicerone, descobriu um vestido de noite de cetim branco que eu já não vestia há anos e suplicou-me que o vestisse. Acabei por fazê-lo, não sei porquê, mas senti-me completamente desamparada nas mãos dela.

"Mas isto foi apenas o principio. Pediu-me então para ver tudo aquilo que eu tinha e era tão engraçada nas histórias que contava sobre as colectas para os missionários, que eu tive mesmo de rir, embora ao mesmo tempo quase tivesse vontade de chorar, ao pensar nas coisas horríveis que a pobre criança tinha de vestir. E, claro, dos vestidos passámos às jóias. E ela fez tanto barulho ao ver dois ou três dos meus anéis, que eu, dispatadamente, acabei por abrir o cofre só para ver os olhos dela arregalados. Cheguei mesmo a pensar que a criança ficava maluca. Pôs-me todos os anéis, alfinetes de peito, pulseiras e colares que tenho e insistiu em colocar dois diademas de brilhantes na minha cabeça. Fiquei

sentada com pérolas, diamantes e esmeraldas pen durados, sentindo-me qual deusa num templo hindú, principalmente quando tão dispatada criança começou a dançar à minha volta batendo as palmas e cantando: Que maravilhosa, que maravilhosa! Como eu gostava de a pendurar por um fio na janela! Daria um prisma lindissimo!

"Ia-lhe perguntar que diabo queria dizer com aquilo, quando ela caiu no chão e começou a chorar. E porque achas que estava a chorar? Calcula! Porque estava radiante por ter olhos para poder ver! Que achas tu disto?

"Claro que não a aturo, isto é só o principio. Pollyanna está cá há quatro dias e trava conhecimento com toda a gente. Mas, como disse, ficarei com ela até que comece com prédicas. Então devolvo-ta. Felizmente que ainda não começou com isso.

Ruth. "

"Ainda não começou com prédicas", realmente!

- murmurou Della Wetherby, dobrando as folhas da carta da irmã. - Oh, Ruth! Ruth! E ainda admites ter aberto todas as salas, escancarado todas as janelas, e que te cobriste de cetim e de jóias! E Pollyanna ainda nem esteve aí, sequer, uma semana! E, de facto, sem que tenha, ainda, feito alguma prédica!

4. O jogo e Mrs. Carew

Para Pollyanna, Boston era uma experiência nova. E decerto que também para a parte da cidade que tinha o privilégio de a conhecer, ela era igualmente uma experiência nova.

Pollyanna, ao contrário das pessoas que acham que para ver o mundo se deve começar

pelos pontos mais distantes, começou por "ver Boston" através de uma exploração minuciosa do meio mais próximo, a bela residência da Commonwealth Avenue, agora a sua casa. Isso, juntamente com os trabalhos escolares, ocuparam-na completamente durante alguns dias.

Havia tanta coisa para ver e para aprender. Era tudo tão maravilhoso e tão bonito. Desde os botõezinhos na parede, os quais, ao tocar-se-lhes, inundavam as salas de luz, ao grande e silencioso salão de baile, cheio de espelhos e quadros. Também havia tanta gente encantadora para conhecer, além da própria Mrs. Carew. Havia a Mary, que limpava os quartos, respondia à campainha e acompanhava Pollyanna à escola todos os dias; a Bridget, que estava na cozinha e cozinhava; Jenny, que servia à mesa; e Perkins, que conduzia o

38

automóvel. E eram todos tão simpáticos, apesar de tão diferentes também!

Pollyanna tinha chegado numa segunda-feira e, portanto, passara quase uma semana até ao domingo seguinte. Desceu as escadas nessa manhã com uma expressão radiosa.

- Adoro os domingos - disse alegremente.

- Adora? - a voz de Mrs. Carew soava com o aborrecimento de quem não gosta de dia nenhum.

- Sim, por causa da igreja e da catequese. De que gosta mais, da igreja ou da catequese?

- Bom, de facto... - balbuciou Mrs. Carew, que raramente ia à igreja e nunca frequentava a catequese.

- É difícil dizer, não é? - interrompeu-a Pollyanna, com olhos luminosos, mas ao mesmo tempo sérios. Eu gosto mais da igreja por causa do meu pai. Sabe, ele era pastor e deve estar mesmo no Céu com a mãe e os meus irmãos. Mas tento imaginá-lo cá em baixo e, muitas vezes, é mais fácil fazê-lo na igreja quando o padre está a pregar. Fecho os olhos e imagino que é o pai que ali está, o que me ajuda muito. Fico tão contente por conseguir imaginar coisas. A senhora não fica?

- Não sei bem, Pollyanna.

- Mas pense só como são muito mais bonitas as coisas que imaginamos do que as que são realmente verdadeiras. É claro, as suas não são, porque as reais são tão bonitas.

- Mrs. Carew, zangada, começou a falar mas Pollyanna retomou apressadamente o que dizia.

39

- E claro que as minhas coisas reais são sempre muito mais bonitas. Realmente, durante o tempo em que estive doente, sem poder andar, tive de imaginar tanto quanto podia. Talvez por isso, continuo a fazê-lo inúmeras vezes, ora sobre o pai ora sobre o que calha. Hoje vou imaginar que é o pai que está lá no púlpito. A que horas vamos?

- Vamos, onde?

- À igreja.

- Mas, Pollyanna, eu não vou, não gosto de ir...

- Mrs. Carew tossiu para aclarar a voz e tentar de novo dizer que não ia à igreja e que quase nunca lá ia, mas ao ver o rosto confiante de Pollyanna e aqueles olhos alegres diante de si

não conseguiu dizê-lo. - Talvez por volta das dez e um quarto, se formos a pé - disse então, quase de mau humor. - Enfim, é perto daqui!

Aconteceu, assim, que Mrs. Carew, naquela linda manhã de Setembro, ocupou pela primeira vez desde há muitos meses o banco dos Carew na igreja muito elegante onde ia quando era rapariga e que continuava a auxiliar bastante no que se referia a dinheiro.

Para Pollyanna, a missa daquela manhã de domingo foi motivo de grande admiração e alegria. A música maravilhosa do coro, os vitrais iluminados pelo sol, a voz apaixonada do pastor e os rituais do culto, encheram-na de êxtase, deixando-a perplexa. Só já perto de casa, disse com fervor:

- Oh! Mrs. Carew, tenho estado a pensar como estou contente por não termos de viver senão um dia de cada vez!

40

Mrs. Carew franziu o sobrolho e olhou para a menina. Mrs. Carew não estava com disposição para prédicas. Tinha acabado de ser obrigada a ouvi-las, do púlpito, e não estava disposta a ouvi-las de uma criança. Além disso, essa teoria de "viver um dia de cada vez" bem sabia que era uma doutrina particularmente querida de Della. Não insistia ela, constantemente: "Mas tu só tens de viver um minuto de cada vez, Ruth, e toda a gente pode aguentar seja o que for durante um minuto de cada vez! "

- Que disseste? - inquiriu Mrs. Carew, tensa.

- Sim. Pense só o que eu faria se tivesse que viver ontem, hoje e amanhã ao mesmo tempo - disse Pollyanna. - Com tantas coisas maravilhosas. Mas tive o dia de ontem; agora, estou a viver hoje; e o de amanhã ainda está para vir e também o próximo domingo. Honestamente, Mrs. Carew, se não fosse domingo e não estivéssemos nesta rua tão simpática e calma, punha-me a dançar e a gritar. Não podia deixar de o fazer. Mas, por ser domingo, tenho de esperar até chegar a casa, para aí cantar um hino, o hino mais alegre de que me consiga lembrar. Sabe qual é o hino mais alegre que existe, Mrs. Carew?

- Não, acho que não - respondeu Mrs. Carew, com voz fraca, olhando como se estivesse à procura de alguma coisa perdida.

Para uma pessoa que espera que lhe digam que só precisa de aguentar um dia de cada vez por as coisas serem tão más, é surpreendente, para não dizer outra coisa, que lhe digam que, por as coisas serem tão boas,

41

é uma felicidade não ter de aguentar senão um dia de cada vez!

Segunda-feira, na manhã seguinte, Pollyanna foi sozinha pela primeira vez à escola, de que gostou muito. Conhecia agora perfeitamente o caminho. Ficava próximo. Tratava-se de um pequeno colégio privado para meninas e, de certo modo, constituía uma nova experiência para si, e se ela gostava de experiências novas!

Ora, Mrs. Carew não gostava de experiências novas, e o certo é que estava a tê-las nos últimos dias. Para uma pessoa que se sente cansada de tudo, ter como companhia tão íntima alguém para quem tudo constitui uma alegria fascinante, por certo tudo isso deve ser um aborrecimento. E Mrs. Carew estava mais que aborrecida, sentia-se exasperada. Ainda

assim, admitia para consigo própria que, se alguém lhe perguntasse por que razão se sentia exasperada, a única razão que poderia apresentar seria "por Pollyanna estar tão contente".

A Della, porém, Mrs. Carew escreveu que a palavra "contentamento" lhe dava cabo dos nervos, e que, por vezes, preferia não voltar a ouvi-la. Continuava a admitir que Pollyanna ainda não lhe fizera nenhuma prédica, e que nem sequer tentara fazê-la jogar o jogo. O que fazia, simplesmente, era considerar o "contentamento" de Mrs. Carew como uma coisa óbvia, o que para quem não se sentia contente era quase uma provocação.

Foi durante a segunda semana da estada de Pollyanna que o aborrecimento de Mrs. Carew se manifestou com irritação. A causa imediata foi a conclusão brilhante

42

de Pollyanna para uma história acerca de uma das suas "Senhoras da Caridade".

- Ela estava a jogar o jogo, Mrs. Carew. Mas talvez não saiba de que jogo se trata. Vou contar-lhe. É um jogo ótimo.

- Não interessa, Pollyanna - objectou Mrs. Carew. Sei tudo sobre esse jogo. A minha irmã contou-me, e devo dizer que não me interessa nada.

- Com certeza, Mrs. Carew! - exclamou Pollyanna, pedindo desculpa. - Não estava a pensar no jogo para si. A senhora, evidentemente, não o podia jogar.

- Não o podia jogar? - perguntou indignada Mrs. Carew, que, apesar de não tencionar jogar tal jogo disparatado, não estava disposta a ouvir dizer que não o conseguiria fazer.

- Creio que não! - disse Pollyanna, rindo. O jogo é para descobrir alguma coisa que nos dê contentamento e a senhora nem consegue começar a procurar, porque não há nada ao seu redor que não lhe dê contentamento. Assim, não seria jogo nenhum para si, percebeu?

Mrs. Carew corou, zangada. Com o seu habitual aborrecimento dissera porventura mais do que queria dizer.

- Bom, não quis dizer tanto - contrariou ela friamente. - O que sucede é que não encontro nada que me dê contentamento.

Por momentos Pollyanna olhou-a espantada.

- Mas porquê, Mrs. Carew?

43

- Ora, que quer que haja aqui que me dê contentamento? - desafiou a senhora, esquecendo-se momentaneamente que não permitiria que Pollyanna lhe "desse prédicas".

- Mas, tudo - murmurou Pollyanna ainda espantada. - Tem esta linda casa.

- É apenas um lugar onde se come e dorme e eu não gosto de comer nem de dormir.

- Mas tem tantas coisas lindas!

- Cansei-me delas!

- Mesmo o seu automóvel, que a pode levar a toda a parte?

- Mas eu não quero ir a toda a parte.

- Já pensou nas pessoas e nas coisas que podia ver, Mrs. Carew?

- Não estou interessada nelas, Pollyanna. O espanto de Pollyanna não se dissipava. A expressão crispada do rosto da senhora ficou mais vincada.

- Mas, Mrs. Carew, não compreendo. Antes, havia sempre coisas más para as pessoas

jogarem o jogo e quanto piores fossem mais divertido era descobri-las; ou seja, descobrir coisas que nos dessem contentamento. Mas quando não existem coisas más, eu própria não sei como jogar o jogo.

Houve silêncio por momentos. Mrs. Carew, sentada, olhava para a janela. O seu ar zangado transformara-se entretanto num olhar desesperado e triste. Vagarosamente virou-se e disse:

- Pollyanna, não tinha pensado dizer-lhe isto, mas decidi fazê-lo. Vou contar-lhe por que razão nada do

44

que tenho me pode dar contentamento. - Assim começou a contar a história de Jamie, o menino de quatro anos que há oito anos desaparecera completamente sem nunca mais ter dado sinal de si.

- E nunca, nunca mais o viu? - balbuciou Pollyanna, com os olhos cheios de lágrimas quando a senhora terminou a história.

- Nunca mais!

- Mas havemos de o encontrar, Mrs. Carew. Tenho a certeza que o encontraremos.

Mrs. Carew abanou a cabeça tristemente.

- Não consigo. Já procurei por toda a parte, mesmo em países estrangeiros.

- Mas ele tem de estar nalgum sítio.

- Talvez esteja morto, Pollyanna. Pollyanna soltou um pequeno grito.

- Não, Mrs. Carew. Por favor não diga isso! Vamos imaginar que ele está vivo. Podemos fazer isso e será uma grande ajuda. Se conseguirmos imaginá-lo vivo, podemos também imaginar que o vamos encontrar. E isso ajudará ainda mais...

Vê, Mrs. Carew, agora já pode jogar o jogo! Pode jogá-lo com o Jamie. Pode ficar contente todos os dias, porque cada dia a aproxima mais do momento em que o tornará a ver.

5. Um novo conhecimento

Acompanhada de Mrs. Carew, Pollyanna assistiu a concertos e matinés e visitou a biblioteca municipal e o museu de arte. Acompanhada de Mary, deu belos passeios para ver Boston e visitou o palácio municipal e a velha igreja do sul.

Embora gostasse imenso de andar de automóvel, Pollyanna gostava ainda mais de andar de autocarro, como Mrs. Carew, surpreendida veio a descobrir.

- Vamos de autocarro? - perguntou Pollyanna ansiosa.

- Não. Perkins leva-nos - respondeu Mrs. Carew. A seguir, ao ver o desapontamento indisfarçável estampado no rosto de Pollyanna, ela acrescentou surpreendida:

- Eu a pensar que a menina gostava mais de andar de automóvel!

- Sim, sim! - assentiu Pollyanna, apressadamente. - Eu não devia ter dito nada! Possivelmente é mais barato do que andar de autocarro e.

- Mais barato que andar de autocarro! - exclamou Mrs. Carew surpreendida.

46

- Sim - explicou Pollyanna, de olhos mais abertos -, de autocarro são cinco cêntimos por pessoa e o automóvel não custa nada porque é seu. É claro, gosto muito do automóvel -

apressou-se ela a dizer antes que Mrs. Carew falasse. - É só porque no autocarro há tanta gente e é muito divertido observá-los, não acha?

- Não, Pollyanna, não acho - respondeu Mrs. Carew secamente.

Por acaso, dois dias depois, Mrs. Carew ouviu algo mais sobre Pollyanna e os autocarros, e desta vez foi Mary que lhe contou.

- Que estranho, minha senhora! - explicava Mary, em resposta a uma pergunta que a patroa lhe fez.

- A prontidão com que Miss Pollyanna transforma toda a gente, sem qualquer esforço! Está nela! Transpira felicidade! Calcule, entrámos num autocarro, em que todos pareciam maldispostos, e cinco minutos depois tudo era irreconhecível. Homens e mulheres tinham parado de resmungar e as crianças pararam de chorar.

- Às vezes, é por algo que Miss Pollyanna me diz e que as pessoas ouvem. Outras, é apenas o "obrigado" que ela diz quando alguém insiste em dar-nos o lugar. Outras ainda, é pela maneira como ela sorri para um bebé ou para um cão. É verdade, todos os cães abanam a cauda com ela; e todos os bebés, crescidos ou mais pequenos, sorriem e acenam para ela. Se o autocarro não pára, ela faz disso uma brincadeira, e se por acaso, nos enganamos no autocarro, é a coisa mais divertida que nos pode acontecer. Ela é assim com todas

47

as coisas. De facto, com Miss Pollyanna ninguém consegue estar mal- humorado!

- Sim, acredito - murmurou Mrs. Carew, retirando-se.

O mês de Outubro veio a revelar-se nesse ano especialmente quente e agradável. E à medida que os dias dourados passavam, tornava-se evidente que acompanhar o ritmo de Pollyanna, quando saíam de casa, era uma tarefa que consumia bastante tempo e paciência a qualquer um. Mrs. Carew dispunha de tempo, mas não de paciência; por outro lado, não estava disposta a permitir que Mary passasse tanto tempo com Pollyanna nas suas fantasias. É claro que estava fora de questão manter a criança dentro de casa. Foi assim que, algum tempo depois, Pollyanna se veio a encontrar no grande e belo jardim, no Jardim Público de Boston, e sozinha. Aparentemente, tinha toda a liberdade mas, na realidade, estava sujeita a uma quantidade de regras. Não devia conversar com estranhos, fossem homens ou mulheres; não devia brincar com crianças estranhas e, em circunstância nenhuma, devia sair do jardim, excepto para voltar para casa. Além disso, Mary, que a levava ao jardim, verificava primeiro se ela saberia depois regressar a casa e se sabia que a Commonwealth Avenue vinha de Arlington Street através do jardim. E o regresso a casa seria necessariamente quando o relógio da torre da igreja badalasse as quatro e meia.

Pollyanna, passou realmente a ir muitas vezes ao jardim. Muitas vezes acompanhada de algumas das colegas

48

da escola; mas, muitas mais sozinha. Apesar das restrições serem rígidas, divertia-se muito. Podia observar as pessoas sem mesmo falar com elas; e podia também conversar com os esquilos e os pombos que vinham avidamente comer as nozes e os grãos de milho que ela sempre lhes levava.

Encontrou muitas vezes um rapaz numa cadeira de rodas, com quem gostava de falar. Gostava de se entreter com os animais, especialmente quando eles vinham buscar-lhe as nozes aos bolsos. Mas Pollyanna, observando à distância, notava sempre uma circunstância estranha. Apesar da satisfação do rapaz em servir o seu banquete, a reserva de comida que trazia acabava quase sempre imediatamente e apesar de ele dar mostras de desapontamento, tal como o esquilo, nunca solucionava o problema trazendo mais comida no dia seguinte. Pollyanna achava que era uma questão de vistas curtas.

Quando o rapaz não brincava com os pássaros e com os esquilos, entretinha-se a ler. Na cadeira tinha normalmente livros usados e, às vezes, uma revista ou duas. Ele estava quase sempre num lugar especial e Pollyanna intrigava-se como é que ele lá chegava. Então, num dia inesquecível, descobriu. Era feriado e fora mais cedo. Logo após ter chegado ao lugar do costume, viu trazerem-no na cadeira de rodas. Um rapaz de cabelo claro empurrava-a. Correu ao encontro deles, com contentamento.

- Não devo conversar com desconhecidos. Mas consigo posso, porque o conheço de vender jornais lá na rua e também posso conversar com ele, depois de

49

sermos apresentados - concluiu ela, com um olhar cintilante na direcção do rapaz paralítico. O rapaz riu-se para o lado e deu umas palmadinhas no ombro do rapaz paralítico.

- Estás a ouvir? Vou apresentar-te! - e, adoptando uma atitude pomposa, disse: - Minha senhora, este é o meu querido amigo Sir James, Lorde of Murphy's Alley, e... - mas o rapaz da cadeira de rodas interrompeu-o.

- Jerry, deixa-te de disparates! - exclamou zangado; depois, virando para Pollyanna o rosto radiante, disse: - Tenho-a visto aqui muitas vezes, e observo-a particularmente quando dá de comer aos pássaros e aos esquilos, pois traz sempre muita comida para eles! Até acho que prefere, como eu, o Sir Lancelot. Mas, claro, também temos a Lady Rowena, mas não acho que ela tenha sido malcriada com Guinevere, ontem, quando lhe tirou o jantar da frente.

Pollyanna, confusa, piscou os olhos e franziu a testa, olhando ora para um ora para outro rapaz. Jerry riu outra vez à socapa. Depois, com um último empurrão, colocou o carro na posição habitual e preparou-se para ir embora. Por cima do ombro ainda disse a Pollyanna:

- Olhe, menina, deixe-me avisá-la de uma coisa. Este tipo não está bêbado nem é maluco, percebe? Ele só deu os nomes aos seus amiguinhos - e fez um gesto amplo dos braços na direcção das criaturas felpudas e aladas que se juntaram ali vindas de todos os lados. E nem sequer são nomes de gente. São nomes de

50

peessoas dos livros, está a perceber? Então adeus, Sir James

- despediu-se ele com uma careta para o rapaz da cadeira de rodas, e foi-se embora.

Pollyanna ainda piscava os olhos e franzia a testa quando o rapaz paralítico se virou para ela com um sorriso.

- Não ligue ao Jerry. Ele é assim. Era capaz de cortar a mão direita por minha causa, mas gosta muito de brincar. Ele não me disse o seu nome.

- Chamo-me Pollyanna Whitier.

Uma expressão de simpatia espelhou-se nos olhos de Pollyanna.

- Não consegue andar mesmo nada, Sir James? O rapaz riu divertido, para depois esclarecer:

- Com que então Sir James! Isso foi mais um dos disparates do Jerry. Não sou "sir".

Pollyanna pareceu desapontada.

- Não é? Nem é "lord", como ele disse?

- Claro que não.

- Pensava que era. Como o pequeno Lord Fauntleroy. E.

Mas o rapaz interrompeu impaciente:

- Conhece o pequeno Lord Fauntleroy? E também conhece Sir Lancelot e o Graal Sagrado, o Rei Artur e a Távola Redonda, e Lady Rowena e Ivanhoe? Conhece-os todos?

Pollyanna fez um sinal de dúvida.

- Receio não os conhecer todos - admitiu. Estão todos nos livros?

O rapaz fez que sim com a cabeça.

51

- Tenho-os aqui. Alguns deles já os li várias vezes. Encontro sempre algo de novo neles. Sabe, também não tenho mais. Estes eram de meu pai. Deixa isso, meu diabinho! - interrompeu ele, rindo e dirigindo-se a um esquilhinho pendurado nas suas calças, que metia o nariz num dos bolsos. - Acho que é melhor dar-lhes a paparoca, senão ainda nos comem - disse o rapaz a rir. Este é o Sir Lancelot. É sempre o primeiro.

O rapaz puxou de uma caixinha, que abriu com cuidado, protegendo-a dos inúmeros olhitos brilhantes que observavam cada movimento. Em redor dele só se ouviam zumbidos e batidelas de asas. Sir Lancelot, atento e ávido, ocupava um dos braços da cadeira de rodas. Um outro amiguinho, de cauda farfalhuda, menos atrevido, sentava-se nos quartos traseiros a um metro de distância. E um terceiro esquilo chiava barulhento num ramo de uma árvore vizinha.

Da caixa, o rapaz tirou algumas nozes, um pãozinho e uma rosca. Olhou para esta, hesitante, e perguntou a Pollyanna:

- Traz alguma coisa?

- Sim, trago muita coisa - respondeu Pollyanna, batendo no saco que trazia.

- Então, hoje talvez a coma - disse o rapaz, guardando a rosca com ar de alívio.

Pollyanna, para quem esse gesto passou quase despercebido, meteu os dedos no seu próprio saco e deu início ao banquete.

Foi uma hora maravilhosa. Para Pollyanna, foram os momentos mais maravilhosos que passou desde que

chegara a Boston, pois tinha encontrado alguém com quem podia falar depressa e durante todo o tempo que queria. Este estranho jovem parecia dispor de uma colectânea de histórias maravilhosas sobre bravos guerreiros e lindas damas, de torneios e batalhas. Além disso, descrevia as suas imagens com tanta nitidez e vivacidade, que Pollyanna via com os seus próprios olhos os feitos valorosos dos guerreiros em armas, e as belas damas com tranças,

trajando vestidos carregados de jóias.

As "Senhoras da Caridade" foram esquecidas. Nem sequer pensava no "Jogo do Contentamento". Pollyanna, com a face corada e os olhos brilhantes, percorria aquela época encantada conduzida por um rapaz que se alimentava de romances, e que, apesar de o desconhecer, tentava meter nessa curta hora em que estava acompanhado inúmeros dias de solidão.

Quando soou o meio-dia, Pollyanna apressou-se a regressar a casa e, no caminho, lembrou-se de que nem sabia o nome do rapaz. "Só sei que não se chama Sir James", e suspirou, franzindo a testa contrariada. "Mas não faz mal, amanhã vou perguntar-lhe. "

6. Jamie

No dia seguinte, Pollyanna não viu o rapaz. Estava a chover e não pôde ir ao jardim. No outro dia também choveu. Nem sequer no terceiro dia. Apesar de o Sol ter voltado a brilhar e embora ela tenha ido ao princípio da tarde para o jardim e ter esperado bastante, ele não apareceu. Mas no quarto dia, sim, ele lá estava no sítio do costume e Pollyanna apressou-se a ir cumprimentá-lo alegremente.

- Estou tão contente por o ver! Onde esteve? Não tem vindo.

- Não pude. Tive muitas dores - explicou o rapaz bastante pálido.

- Teve dores? - inquiriu Pollyanna cheia de pena.

- Sim, tenho-as sempre - respondeu o rapaz, com naturalidade. Quase sempre consigo suportá-las e, então, venho cá. Só quando pioro, como nestes dias, é que não venho.

- Mas como aguenta as dores sempre?

- Tenho que aguentar - respondeu o rapaz, abrindo mais os olhos. - As coisas são como são e não podem ser de outro modo. Para que serve imaginar que

54

poderiam ser diferentes? De resto, quanto mais dói num dia, mais agradável se torna no dia seguinte, quando dói menos.

- Eu sei. É como ojogo... - ia Pollyanna a dizer, mas o rapaz interrompeu-a.

- Hoje, trouxe muita comida? - perguntou ele ansioso. - Espero que sim! Eu não consegui trazer nada. O Jerry não conseguiu poupar um cêntimo e esta manhã não havia comida suficiente para eu trazer.

Pollyanna olhou cada vez mais comovida.

- E o que faz quando não tem nada para comer?

- Passo fome!

- Nunca conheci ninguém que não tivesse nada para comer - disse Pollyanna com voz trémula. - É claro que o pai e eu éramos pobres, e tínhamos de comer feijões e pastéis de peixe quando o que nos apetecia era peru. Mas tínhamos sempre alguma coisa. Porque não se queixa você às pessoas que vivem aqui nestas casas?

- Ora, não servia de nada!

- Como assim, não lhe dariam alguma coisa? O rapaz voltou a rir, mas agora de modo estranho.

- Ninguém, que eu conheça, deita fora carne assada e bolos com natas! Além disso, se

nunca passarmos fome, não sabemos como é bom saborear batatas e leite e não teria grande coisa para escrever no meu Livro das Alegrias.

- Escrever onde?

O rapaz riu embaraçadamente e corou.

- Esqueça! Pensava que falava com a Mumsey ou o Jerry.

55

- Mas o que é o seu Livro das Alegrias? - insistiu Pollyanna. - Conte-me, por favor. Os cavaleiros, os lordes e as damas entram nesse livro?

O rapaz disse que não com a cabeça. Os olhos deixaram de sorrir e assumiu uma expressão triste.

- Não, antes estivessem! - disse ele, suspirando tristemente. - Bem vê, quando não podemos andar, também não podemos combater nem ter damas que nos dêem a espada e concedam talismãs.

- Os olhos do rapaz iluminaram-se com um brilho súbito. Ergueu o queixo altivamente. Depois, também com rapidez, o brilho esmoreceu e o rapaz caiu de novo na sua tristeza.

- Não podemos fazer nada - concluiu ele, desanimadamente. - Só podemos sentar-nos e pensar, às vezes até com pensamentos desagradáveis. Eu queria ir à escola e aprender mais coisas do que a Mumsey me pode ensinar. Penso muito nisso. Queria correr, e jogar à bola com os outros rapazes. Também penso nisso. Queria ir para a rua vender jornais com o Jerry. Não queria que tomassem conta de mim por toda a vida. enfim, penso nisso tudo!

- Eu também sei isso - disse Pollyanna suspirando. - Eu também perdi as minhas pernas durante algum tempo.

- Perdeu? Então deve saber alguma coisa. Mas recuperou-as. e eu não - disse o rapaz com um ar ainda mais sombrio.

- Voltando atrás: ainda não me contou sobre o Livro das Alegrias - insistiu Pollyanna.

56

O rapaz riu, um pouco envergonhado.

- Sabe, não é grande coisa, a não ser para mim. Para si não deve ter grande importância. Comecei a escrevê-lo há um ano. Nesse dia sentia-me especialmente mal. Nada corria bem. Não parava de me lamentar. Então, agarrei num dos livros do pai e tentei lê-lo. A primeira coisa que li, foi isto, que decorei:

"Os prazeres são mais intensos

Onde parecem não existir

Não há uma folha que caia no solo

Que não tenha uma alegria de silêncio ou de som"*

- Fiquei furo. Queria ver o tipo que escreveu aquilo no meu lugar e ver que género de alegria ele podia encontrar nas minhas "folhas". Estava tão zangado, que decidi demonstrar que ele não sabia o que dizia, e, assim, comecei a procurar as alegrias nas minhas "folhas". Peguei num pequeno bloco-notas vazio, que o Jerry me tinha dado, e decidi escrevê-las. Tudo o que tivesse a ver com alguma coisa de que eu gostasse, escrevia no livro. Poderia desse modo saber quantas "alegrias" eu tinha.

- Sim, sim! - exclamou Pollyanna interessadíssima, quando o rapaz fez uma pausa para respirar.

- Bem, não estava à espera de arranjar muitas, mas ainda arranjei bastantes. Em quase tudo havia sempre

* Blanchard, "Alegrias Ocultas" - in Ofertas Liricas

57

alguma coisa de que eu gostava um pouco e, assim, tinha quase sempre assunto para escrever. Primeiro, foi o próprio livro, o facto de o ter arranjado e ter decidido escrever nele. Depois, uma pessoa ofereceu-me uma flor num vaso, e o Jerry encontrou um livro giro no metropolitano. A partir daí tornou-se-me divertidíssimo procurar motivos de alegria e encontrava-os nos lugares mais estranhos. Um dia, o Jerry descobriu o bloco-notas e percebeu o que era. Desde então, ficou a ser o Livro das Alegrias. E é tudo.

- Tudo? - exclamou Pollyanna, deliciada e surpreendida, procurando controlar-se. - Calcule, isso é o mesmo que o meu jogo! Você está a jogar o "Jogo do Contentamento" sem o conhecer. Bem, talvez esteja a jogá-lo melhor do que eu! Penso que o não conseguiria jogar, se não tivesse que comer e não pudesse mesmo andar - disse ela comovida.

- Jogo? Que jogo? Não conheço jogo nenhum! disse o rapaz, franzindo a testa.

Pollyanna bateu as palmas.

- Eu sei que não conhece e é por isso que é tão bonito! Mas oiça: vou explicar-lhe o que é o jogo.

E ela explicou.

- Ah! - exclamou o rapaz, satisfeito, quando ela acabou. - Quem diria!

- E você aí está a jogar o meu jogo, melhor do que toda a gente que conheço, e eu ainda nem sequer sei o seu nome! - exclamou Pollyanna, em tom quase escandalizado. - Quero saber tudo a seu respeito e desse famoso Livro das Alegrias.

58

- Só que não há mais nada para saber. Além disso está aqui o pobre Sir Lancelot e os outros à espera de comida - concluiu ele.

- É verdade, aqui estão eles - disse Pollyanna, suspirando e olhando impaciente para as criaturas que se agitavam em torno deles. Com decisão, virou o saco de pernas para o ar e espalhou o que trazia aos quatro ventos. - Pronto, já está. Agora podemos conversar outra vez - disse ela, contente. - E há uma quantidade de coisas que eu quero saber. Primeiro, por favor, como se chama? Só sei que não é Sir James.

O rapaz sorriu.

- Não sou de facto, mas é assim que o Jerry quase sempre me chama. Mumsey e os outros chamam-me Jamie.

- Jamie! - Pollyanna conteve a respiração, com um brilho de esperança a cintilar-lhe nos olhos. Mas quase de seguida sentiu-se assaltada pela dúvida.

- Mumsey significa mãe?

- Claro!

Pollyanna descontraiu-se. Se Jamie tinha uma mãe, não podia ser o mesmo Jamie de Mrs.

Carew, cuja mãe morrera há muito tempo. Mas se fosse ele, que interessante que era.

- Onde vive? Tem mais alguém de família, para além de sua mãe e do Jerry? Vem para aqui todos os dias? Onde está o seu Livro das Alegrias? Posso vê-lo? Os médicos já o desiludiram de voltar a andar? Onde disse que arranjou esta cadeira de rodas?

O rapaz respondeu troçando.

59

- Tantas perguntas! Quer que comece por qual? Bem, vou começar pela última, portanto do fim para o princípio. Assim talvez não me esqueça de nenhuma. Arranjei esta cadeira de rodas há um ano. Jerry conhece um jornalista que escreveu sobre mim, dizendo que eu não podia andar, etc. e falava do Livro das Alegrias. Logo apareceu uma quantidade de homens e mulheres com esta cadeira de rodas para mim. Disseram-me que tinham lido tudo acerca de mim e que queriam que eu ficasse com ela para me recordar deles.

- Mas que contente deve ter ficado!

- É verdade! Gastei uma página inteira do Livro das Alegrias para contar tudo sobre a cadeira.

- Mas nunca mais pode voltar a andar? - os olhos de Pollyanna estavam rasos de lágrimas.

- Infelizmente, disseram que não.

- Também me disseram isso, mas depois mandaram-me para o Dr. Ames, onde fiquei quase um ano, e ele pôs-me a andar. Talvez que ele pudesse fazer o mesmo consigo!

O rapaz fez que não com a cabeça.

- Oh, não podia! De qualquer maneira não podia lá ir tratar-me. Devia custar muito dinheiro. Já me convenci de que nunca mais voltarei a andar. Paciência!

- e o rapaz atirou a cabeça para trás num gesto de impaciência. - Procuro não pensar nisso. Sabe como é quando o nosso pensamento começa a trabalhar.

- Sim, claro, e eu a falar disso! - exclamou Pollyanna, arrependida. - Já lhe disse que sabe jogar o jogo melhor do que eu. Continue, pois ainda nem

60

sequer me contou metade. Onde vive? E o Jerry, é o único irmão que tem?

Uma expressão doce surgiu no rosto do rapaz. Os olhos brilharam-lhe.

- Ele não é da família, nem a Mumsey! Oh, mas têm sido tão bons para mim!

- O quê? - perguntou Pollyanna, imediatamente alerta. - Então essa tal "Mumsey" não é a sua mãe?

- Não.

- E não tem mãe? - perguntou Pollyanna cada vez mais agitada.

- Não, não me lembro de alguma vez ter tido mãe, e o pai morreu há seis anos.

- Que idade tinha?

- Não sei. Era pequeno. A Mumsey diz que eu tinha uns seis anos. Foi nessa altura que ficaram comigo.

- E chama-se Jamie? - Pollyanna continha a respiração.

- Sim, já lhe disse.

- Mas com certeza tem outro nome!

- Não sei.

- Não sabe?

- Não me lembro. Era demasiado pequeno e nem os Murphys sabem. Só me conheceram por Jamie.

Uma expressão de grande desapontamento surgiu no rosto de Pollyanna, mas quase de imediato um novo pensamento afastou-lhe as sombras.

- Se não sabe qual é o seu apelido também não pode saber se é ou não Kent! - exclamou ela.

61

- Kent? - perguntou o rapaz, confuso.

- Sim - respondeu Pollyanna, excitadíssima. Sabe, é que há um rapazinho chamado Jamie Kent que. - ela parou de repente e mordeu o lábio.

Ocorrera a Pollyanna que não seria simpático dar a conhecer ao rapaz a sua esperança de que ele fosse o desaparecido Jamie. Era preferível que ela se certificasse antes de suscitar quaisquer expectativas, pois de outro modo podia causar mais tristeza do que alegria.

- Bom, esqueçamos isso do Jamie Kent. Fale-me antes de si, por quem estou mais interessada.

- Não há mais nada a contar. Não sei nada de interessante - disse o rapaz hesitante. - Disseram-me que o meu pai era estranho e nunca falava. E que nem sequer sabiam como se chamava. Todos lhe chamavam "o professor". Mumsey diz que ele e eu vivíamos num pequeno quarto das traseiras, no último andar de uma casa em Lowell, e que éramos pobres, mas não tanto como agora. O pai de Jerry era vivo nessa altura e tinha um emprego.

- Sim, sim, continue - instou Pollyanna.

- Bem, a Mumsey diz que o meu pai estava bastante doente e se tornou cada vez mais estranho, de maneira que, por isso, tinham-me com eles uma boa parte do tempo. Nessa altura eu conseguia andar um pouco, mas as minhas pernas já não estavam bem. Brincava com o Jerry e com a menina que morreu. Entretanto, o meu pai morreu e não havia ninguém que tomasse conta de mim. Foi então que umas pessoas queriam pôr-me num orfanato, mas a Mumsey disse que

62

ficava comigo e o Jerry esteve de acordo. E assim fiquei com eles. A menina tinha morrido e eles disseram que eu podia tomar o lugar dela. Desde então têm tomado conta de mim. Depois cá e fiquei pior. Agora eles são muitíssimo pobres porque o pai de Jerry morreu. Mas continuam a tomar conta de mim. Não são tão bons?

- Sim, sim - exclamou Pollyanna. - Mas hão-de ter a sua recompensa. Tenho a certeza, serão recompensados!

Pollyanna tremia agora toda de satisfação. A última dúvida tinha desaparecido. Encontrara o desaparecido Jamie. Tinha a certeza. Mas, prudentemente, não devia ainda falar. Mrs. Carew devia vê-lo primeiro. Depois... Bem, nem a imaginação de Pollyanna conseguia visualizar a imagem do feliz reencontro de Mrs. Carew com Jamie!

Pôs-se de pé de repente, com desrespeito manifesto por Sir Lancelot, que tinha voltado e

estava a meter o nariz no colo dela à procura de mais nozes.

- Bom, tenho de me ir embora já, mas amanhã volto. Talvez traga comigo uma senhora que, julgo, gostará de o conhecer. Você também volta cá amanhã? - quis ela saber, ansiosa.

- Sim. Jerry traz-me cá quase todas as manhãs. Eles preparam as coisas para mim de maneira a eu trazer o meu almoço e ficar até às quatro da tarde. O Jerry é muito bom para mim!

- Eu sei, eu sei - assentiu Pollyanna. - Entretanto, talvez eu encontre outra pessoa boa para si!

Os planos de Pollyanna

No caminho para casa, Pollyanna foi idealizando alegres planos. No dia seguinte, de uma maneira ou de outra, teria de convencer Mrs. Carew a acompanhá-la num passeio ao Jardim Público. Não sabia bem como havia de arranjar as coisas, mas teria de o conseguir.

Estava fora de questão dizer directamente a Mrs. Carew que tinha encontrado Jamie e que desejava que ela fosse vê-lo. Havia a possibilidade de este não ser o Jamie dela. E se não fosse, teria suscitado falsas esperanças a Mrs. Carew, podendo o resultado ser desastroso. Através de Mary, Pollyanna soubera que já por duas vezes Mrs. Carew ficara muito doente em consequência de grandes desilusões ao seguir pistas que a conduziram a rapazinhos que não eram o filho da falecida irmã. Assim, Pollyanna sabia que não podia dizer a Mrs. Carew a razão por que queria que a acompanhasse num passeio ao Jardim Público, no dia seguinte. E foi a pensar nisso que Pollyanna regressou a casa.

Porém, o destino, mais uma vez, interveio sob a forma de uma forte carga de água, e bastou a Pollyanna olhar para a rua, na manhã seguinte, para saber como

64

a intenção lhe saíra furada. E o pior foi que nem nos dois dias seguintes as nuvens desapareceram. Pollyanna passou três tardes inteiras a caminhar de uma janela para outra, olhando o céu e perguntando ansiosamente a toda a gente: "Não acham que vai levantar?" Tal comportamento era tão estranho na alegre menina e as perguntas constantes eram tão irritantes, que Mrs. Carew acabou por perder a paciência.

- Por amor de Deus, menina, qual é o seu problema? - exclamou ela. - Como me surpreende que se preocupe tanto com o tempo! Afinal, onde está hoje esse seu belo jogo?

Pollyanna corou e ficou cabisbaixa.

- É verdade, parece que desta vez me esqueci do jogo - admitiu ela. - E, claro, se procurar encontrarei algo que me dê contentamento. Posso ficar contente porque, uma vez, Deus disse que não mandaria outro dilúvio. E tudo isto porque eu queria tanto que hoje fizesse bom tempo!

- E porquê hoje especialmente?

- Queria ir passear para o Jardim Público. Pollyanna procurou falar despreocupadamente. Quis assim, exteriormente, manifestar uma indiferença afectada. Embora, interiormente, tremesse de excitação e expectativa.

- Talvez Mrs. Carew gostasse de ir comigo? -arriscou-se.

- Eu? Ir passear ao Jardim Público? - perguntou Mrs Carew de sobrolho ligeiramente levantado. Não, obrigada, receio que não - respondeu sorrindo.

65

- Pensei que não recusasse! - hesitou Pollyanna, quase em pânico.

- Pois recuso!

Pollyanna procurava controlar-se, aflita. Estava muito pálida.

- Mas, por favor, Mrs. Carew... por favor não diga que não vai! - pediu ela. - Queria que viesse comigo por uma razão especial. Desta vez, só desta vez!

Mrs. Carew franziu a testa. Ia a abrir a boca para dizer um "não" bem determinado, mas algo nos olhos suplicantes de Pollyanna lhe alterou tal propósito porque, ao responder, pronunciou um "sim", ainda que vago.

- Está bem, menina, farei como pede, mas, ao prometer-lhe ir, terá também de prometer que não se aproxima da janela durante uma hora e não volta mais a perguntar com tanta insistência se o tempo vai levantar, está bem?

- Está! - exclamou, excitada, Pollyanna. Logo a seguir, quando uma réstea de luz pálida que era quase um raio de sol atravessou a janela, ela gritou de alegria:

- Acha que vai. - levou a mão à boca, lembrando-se da promessa, e fugiu da sala a correr.

O tempo melhorou só na manhã seguinte. Porém, não obstante o sol brilhar, estava fresco; e à tarde, quando Pollyanna regressou da escola, sentia-se mesmo um vento frio. E, ao contrário de todos, insistia que estava um lindo dia e que ficaria infelicíssima se Mrs.

66

Carew não fosse passear com ela ao jardim. É claro que Mrs. Carew acabou por ir, mesmo contrariada.

Como seria de esperar, foi uma saída infrutífera. A senhora impaciente e a menina ansiosa, caminharam apressadamente cheias de frio, pelos arruamentos do jardim. Pollyanna, não encontrando o rapaz onde era habitual, procurava nervosamente por todos os cantos do jardim. Não se conformava. Ali andava acompanhada de Mrs. Carew, e não via Jamie. E como era irritante não poder dizer nada à senhora! Finalmente, cheia de frio e fula, Mrs. Carew insistiu em ir para casa. Pollyanna, desesperada, não teve outro remédio senão fazer-lhe a vontade.

Os dias que seguiram foram de tristeza para Pollyanna. Para ela, parecia um segundo dilúvio; só que do ponto de vista de Mrs. Carew não passava das chuvas habituais de Outono. Depois, veio nevoeiro, humidade, nuvens e mais frio. Se, por acaso, surgia um dia de sol, Pollyanna corria imediatamente até ao jardim. Mas em vão, Jamie não estava lá. Já estavam em meados de Novembro e o próprio jardim apresentava-se cada vez mais triste. As árvores estavam nuas, os bancos mais vazios e não se via um barco no lago. É verdade que os esquilos e os pombos continuavam por lá, mas dar-lhes de comer constituía mais uma tristeza do que uma alegria, porque cada sacudidela da cauda de Sir Lancelot lhe trazia memórias amargas do rapaz que o baptizara e estava ausente.

"E eu que não lhe perguntei onde vivia! ", lamentava-se Pollyanna, à medida que os dias passavam.

"Chama-se Jamie. Só sei que se chama Jamie. Será que tenho agora de esperar até à Primavera e que faça calor suficiente para ele voltar? E se nessa altura já não posso vir cá?" Mas, numa tarde sombria, aconteceu o inesperado. Ao passar pelo hall superior ouviu vozes zangadas no andar de baixo, e reconheceu numa delas a de Mary e uma outra que dizia:

- Nem pensar! Não sou um pedinte, está a perceber? Quero falar à menina Pollyanna, porque tenho um recado para ela, de Sir James. Vá, vá chamá-la, se não se importa.

Com uma exclamação de alegria, Pollyanna desceu as escadas a correr.

- Estou aqui, estou aqui! O que é? Foi o Jamie que o mandou?

Assim agitada, quase se ia a atirar de braços abertos para o rapaz, quando Mary, escandalizada, a interceptou com mão firme.

- Miss Pollyanna, conhece este pedinte? O rapaz barafustou, zangado; mas antes de ele poder falar mais, Pollyanna interpôs-se e disse:

- Ele não é pedinte. É um dos meus melhores amigos. - Depois virou-se para o rapaz e perguntou ansiosa - O que é? Foi o Jamie que o mandou?

- Foi. Há um mês que está de cama sem se levantar. Está doente e quer vê-la. Pode vir?

- Doente? Que pena! - lamentou Pollyanna. Claro que vou. Vou buscar já o meu chapéu e o meu casaco.

- Miss Pollyanna! - protestou Mary, reprovadora. - Como se Mrs. Carew a deixasse ir a algum sítio com um rapaz assim tão estranho!

- Mas ele não é um estranho! - objectou Pollyanna. Já o conheço há muito tempo e tenho de ir. Eu...

- Afinal, que vem a ser tudo isto? - perguntou Mrs. Carew, severa, vinda da sala. - Quem é este rapaz, Pollyanna. O que faz ele aqui?

Pollyanna virou-se com vivacidade.

- Mrs. Carew deixa-me ir, não deixa?

- Ir aonde?

- Ver o meu irmão, minha senhora - interrompeu o rapaz apressadamente e esforçando-se por ser bem educado. - Ele está inquieto e não descansou enquanto eu não vim pedir a Pollyanna que o fosse visitar. Ele até tem visões com ela.

- Posso ir, não posso? - suplicou Pollyanna. Mrs. Carew franziu o sobrolho.

- Ir com este rapaz, menina? Evidentemente que não! Admira-me como pode ser tão rebelde ao pensar nisso por um instante!

- Mas eu quero ir - insistiu Pollyanna.

- Que criança absurda! Nem pense nisso. Pode dar algum dinheiro a este rapaz se quiser, mas.

- Obrigado senhora, mas eu não vim aqui à procura de dinheiro - respondeu o rapaz ofendido. - Vim à procura dela.

- Sim, Mrs. Carew, este é o Jerry, Jerry Murphy, o rapaz que vende jornais cá na rua - apoiou Pollyanna.

- Deixa-me agora ir com ele?

Mrs. Carew abanou a cabeça, objectando:

- Isso está fora de questão, Pollyanna.

- Mas Jam. o outro rapaz, está doente e quer-me ver!

- Não posso consentir.

- Conheço-o muito bem, Mrs. Carew. A sério que conheço. Ele lê livros muito bonitos, cheios de cavaleiros, lordes e damas e dá de comer aos pássaros e aos esquilos, dá-lhes nomes e tudo isso. Ele não pode andar, e, além disso, muitas vezes não tem comida suficiente. E também joga, desde há um ano, o meujogo e eu não sabia. Consegue até jogá-lo muito melhor do que eu. Há vários dias que ando à procura dele. A sério, Mrs. Carew, com honestidade, tenho de o ver - dizia Pollyanna, quase soluçando. - Não o posso perder outra vez!

O rosto de Pollyanna estava vermelho de aflição.

- Pollyanna, tudo isso é um completo disparate. Estou surpreendida por a menina insistir em fazer uma coisa que eu reprovo. Não posso permitir que vá com este rapaz. Não quero saber de mais nada.

No rosto de Pollyanna surgiu uma expressão nova. De olhar meio assustado, meio exaltado, levantou o queixo e enfrentou Mrs. Carew. Trémula e determinada, disse então:

- Nesse caso, terei de lhe dizer. Não tencionava fazê-lo antes de ter a certeza. Queria que o visse primeiro, mas agora tenho de lhe dizer. Não o posso perder outra vez. Mrs. Carew, penso que é o Jamie, o seu Jamie.

70

- Jamie? Não! O meu Jamie? - O rosto de Mrs. Carew tornou-se subitamente pálido.

- Sim.

- É impossível!

- Até pode ser. Mas por favor, ele chama-se Jamie e não sabe o apelido. O pai morreu quando ele tinha seis anos e não se lembra da mãe. Agora julga ter doze anos. Estas pessoas tomaram conta dele quando o pai lhe morreu. O pai era esquisito e jamais disse a alguém o nome, e.

Mrs. Carew interrompeu-a com um gesto. Com efeito, a senhora estava cada vez mais pálida, e os seus olhos irradiavam um brilho indescritível.

- Vamos imediatamente - disse ela. - Mary, diga ao Perkins para preparar já o carro. Pollyanna, vá buscar o seu chapéu e o casaco. Rapaz, por favor espera aqui. Iremos contigo imediatamente. - E foi-se, escada acima, a correr.

No hall, finalmente, o rapaz pôde respirar fundo, desabafando:

- Chi! Agora até vamos de carro! Mas que nível! Que dirá Sir James?

8. No beco dos Murphys

Com o ruído opulento que parece caracterizar as limosinas de luxo, o automóvel de Mrs. Carew atravessou a Commonwealth Avenue e subiu Arlington Street, em direcção a Charles. No banco de trás sentava-se uma menina de olhos brilhantes e uma senhora crispada e

pálida. À frente, dando indicações ao motorista pouco satisfeito, sentava-se Jerry Murphy, orgulhoso e empavonado.

Quando a limosina parou diante de uma porta de aspecto pobre, num pátio sujo, o rapaz saltou para o chão e, numa imitação ridícula das pomposidades que já observara muitas vezes, abriu a porta do automóvel e ficou à espera das damas.

Pollyanna saltou imediatamente, com os olhos abertos de espanto e tristeza, mirando em redor. Atrás dela saiu Mrs. Carew, visivelmente incomodada pela sordidez do ambiente e pelas crianças mal vestidas da vizinhança que acorreram imediatamente.

Jerry, zangado, gesticulava e bravateava.

- Vão-se embora! Isto não é cinema grátis! Desapareçam! Temos de passar, Jamie tem visitas.

72

Mrs. Carew pousou a mão trémula no ombro de Jerry.

- É melhor não ir! - disse ela depois, recuando. O rapaz, porém, não a ouviu. À cotovelada e empurrando, abriu caminho à força. E antes de Mrs. Carew saber como, chegou com o rapaz e Pollyanna ao vão de umas escadas, num hall mal iluminado e com cheiro a bafio.

Mais uma vez Mrs. Carew estendeu a mão trémula.

- Esperem - ordenou ela. - Lembrem-se! Não digam uma palavra sobre a possibilidade de ele ser o rapaz que eu procuro. Tenho de o ver primeiro com os meus próprios olhos e interrogá-lo.

- Com certeza! - concordou Pollyanna.

- Está bem. Concordo - disse o rapaz acenando afirmativamente. Agora, subam com cuidado. As escadas têm buracos e há quase sempre miúdos a dormir nos patamares. O elevador não está hoje a funcionar - disse ele a brincar. - Têm que subir até ao último andar!

Mrs. Carew deu pelos buracos nas tábuas, que rangiam assustadoramente, e cruzou-se com um miúdo, um bebé de dois anos, que brincava com uma lata vazia dependurada num fio. As portas estavam abertas e viam-se mulheres mal vestidas e despenteadas ou crianças de caras sujas. Algures, ouvia-se um bebé a chorar. De outro lado, o praguejar de um homem. Por toda a parte se sentia um cheiro nauseabundo.

No cimo do último lance de escadas, o rapaz parou diante de uma porta fechada.

- Estou a pensar no que dirá Sir James quando vir as visitas que lhe trago. A Mumsey, sei o que fará.

Começará a soluçar, comovida, quando vir o Jamie tão encantado.

Até que escancarou a porta, dizendo alegremente:

- Aqui estamos. Viemos de carro e tudo! Que me diz, então Sir James?

Era um quarto pequeno, frio e triste, quase sem ;
mobília mas escrupulosamente limpo. Não havia por

ali cabeças desgrenhadas, nem crianças choramingonas, nem cheiros a uísque ou sujidade. Havia duas camas, três cadeiras partidas, uma mesa e um fogão. Numa das camas, um rapaz de bochechas vermelhas e olhos febris, estava deitado. Junto dele, sentava-se uma mulher, muito pálida e vergada pelo reumatismo.

Mrs. Carew entrou no quarto. Como se precisasse de uma pausa para se recompor, encostou-se por momentos à parede. Pollyanna correu para o rapaz deitado com um pequeno grito, enquanto Jerry se retirou.

- Oh, Jamie! Como estou contente por voltar a ver-te! - exclamou Pollyanna. - Nem imaginas como te procurei todos os dias! Que pena me faz estares doente!

Jamie sorriu radiante e estendeu a mão macilenta e magra.

- Eu não estou triste, estou contente porque assim vieste ver-me. Além disso, já me sinto melhor. Mumsey, esta é a menina que me falou do jogo da alegria. Sabes, a Mumsey, agora, também o joga. - disse ele triunfante, virando-se para Pollyanna. - Antes, ela

74

chorava, porque lhe doíam muito as costas, impedindo-a de trabalhar. Depois, quando eu fiquei doente, ela ficou contente por não poder trabalhar, pois assim podia ficar aqui a tomar conta de mim.

Nesse momento Mrs. Carew aproximou-se. Os seus olhos, meio receosos e meio saudosos, observaram atentamente o rosto do rapaz paralítico.

- É Mrs. Carew. Trouxe-a para te ver, Jamie - disse Pollyanna, timidamente.

A mulherzinha, curvada, tinha-se entretanto posto de pé junto da cama. Oferecia nervosamente a cadeira à senhora. Mrs. Carew aceitou sem dar grande atenção. Os olhos continuavam fixados no rapaz deitado.

- Chamas-te Jamie? - perguntou ela com dificuldade visível.

- Sim, senhora! - Os olhos brilhantes do rapaz olhavam directamente para os dela.

- Qual é o teu outro nome?

- Não sei.

- Não é seu filho?

Pela primeira vez, Mrs. Carew virou-se e dirigiu-se à mulherzinha curvada, que continuava junto à cama.

- Não, minha senhora.

- E não sabe como ele se chama?

- Não, minha senhora. Nunca soube.

Com um gesto de desespero, Mrs. Carew virou-se outra vez para o rapaz.

- Pensa bem, não te lembras de nada para além de o teu nome ser Jamie? O rapaz abanou a

cabeça e os seus olhos espelhavam surpresa.

75

- Não, mesmo nada.

- Não tens qualquer coisa que pertencesse a teu pai e que tenha o nome dele escrito?

- Não havia nada que valesse a pena guardar, para além dos seus livros - disse Mrs. Murphy. - Talvez queiram vê-los - sugeriu ela, apontando para uma fila de livros gastos, existentes numa prateleira, perguntando de imediato, com curiosidade incontida: - Acha que o conhecia, minha senhora?

- Não sei - murmurou Mrs. Carew enquanto se levantava e atravessava o quarto dirigindo-se à prateleira dos livros.

Não eram muitos, talvez dez ou doze. Havia um volume com peças de Shakespeare, um de "Ivanhoe", outro da "Dama do Lago" em muito mau estado, um livro com poemas diversos, um livro de Tennyson sem capa, um pequeno "Lord De Fauntleroy" e mais dois ou três de história medieval. Mas, embora Mrs. Carew observasse minuciosamente cada um deles, não descobriu nenhuma palavra escrita nem qualquer outra coisa que indiciasse o seu antigo dono. Com um suspiro de desespero voltou-se para o rapaz e para a mulher que a observavam surpreendidos.

- Gostava que me contassem o que sabem sobre vocês próprios - disse ela, hesitante, sentando-se novamente na cadeira junto da cama.

E contaram-lhe. Era praticamente a mesma história que o Jamie já tinha contado a Pollyanna no Jardim Público. Pouco havia de novo e não havia nada de significativo, apesar das perguntas insistentes de

76

Mrs. Carew. No fim, Jamie dirigiu os olhos ansiosos para o rosto de Mrs. Carew.

- Acha que conhecia o meu pai? - perguntou. Mrs. Carew fechou os olhos e levou a mão à cabeça.

- Não sei - respondeu ela - Mas acho que não. Pollyanna soltou uma exclamação de desapontamento, e imediatamente levou a mão à boca, obedecendo a um olhar reprovador de Mrs. Carew.

- Foste tão boa em vir! - disse Jamie a Pollyanna num tom de agradecimento. - Como está Sir Lancelot? Continuas a ir dar-lhe de comer?

Pollyanna não respondeu imediatamente. Os olhos dele deslocavam-se entre o rosto dela e o ramo de flores cor-de-rosa numa garrafa de gargalo partido.

- Já viste as minhas flores? Foi Jerry que mas trouxe. Alguém as deitou para o chão e ele apanhou-as. Não são bonitas? E têm um bocadinho de cheiro. Mas Pollyanna pareceu nem sequer ouvi-lo. Continuava a olhar perscrutadoramente o quarto inteiro, remexendo as mãos nervosamente.

- Só não percebo como é que podes jogar o jogo, aqui, Jamie - disse ela quase a gaguejar. - Acho difícil existir um lugar tão horrível para viver - disse ela tristemente.

- Havias de ver os Pykes, no andar de baixo. O quarto deles é muito pior do que este. Nem sabes a quantidade de coisas boas que existem neste quarto. Se, ao menos, o pudéssemos

manter... Sabes, o problema é que temos de o largar. Isso, agora é que nos preocupa mais.

77

- Largar, porquê?

- Ora, porque temos a renda em atraso! A Mumsey tem estado doente e não tem conseguido ganhar nada. - Apesar de um sorriso corajoso, a voz de Jamie vacilou. - Miss Dolan, lá em baixo, que é a senhora onde guardo a minha cadeira de rodas, ajudou-nos esta semana. Mas, claro, que não pode continuar a fazer isso e, então, teremos de ir embora, se o Jerry não arranjar dinheiro.

- Mas, não podemos... - ia Pollyanna a dizer, mas calando-se logo, porque Mrs. Carew se levantou,

de repente, dizendo:

- Venha, Pollyanna, temos de ir. - Depois, virou-se para a mulher e disse-lhe: - Não precisam de sair. Vou mandar-vos comida e dinheiro imediatamente. E

vou referir o vosso caso a uma das organizações de caridade, para que considere a vossa situação...

Surpreendida, parou de falar. A figurinha curvada da mulher que estava diante dela, endireitara-se quase completamente. Mrs. Murphy corara e os seus olhos quase chispavam.

- Obrigada, mas não, Mrs. Carew! - disse ela, trémula e orgulhosa. - Somos pobres, Deus o sabe, mas

não vivemos da caridade.

- Que disparate! - exclamou Mrs. Carew, severa.

- Deixam a mulher de baixo ajudar-vos... Este rapaz ainda há pouco acabou de o dizer.

- Eu sei, mas isso não é caridade. Mrs. Dolan é minha amiga. Ela sabe que eu era capaz de lhe fazer

o mesmo e já a ajudei antes. A ajuda dos amigos não

78

é caridade. Eles preocupam-se connosco. E é isso que faz a diferença. Não fomos sempre assim tão pobres como somos agora, e isso faz-nos sofrer muito mais. Obrigada, mas não podemos aceitar o seu dinheiro.

Mrs. Carew fez uma cara muito zangada. Fora uma hora de muito desapontamento, de sofrimento e de cansaço. Fora até muito paciente. Só que agora sentia-se irritadíssima.

- Muito bem, como queiram - disse friamente e acrescentando em tom irritado - nesse caso, porque não exigem que o vosso senhorio torne este local decente enquanto aqui estão? Decerto têm direito a ter as janelas inteiras e as escadas em condições sofríveis.

Mrs. Murphy concordou, desanimada. A sua pequena figura tinha voltado à mesma postura de desalento.

- Já tentámos, só que ele nunca está disposto a fazer nada. Já falámos em tudo isso ao procurador, e a resposta dele é que as rendas são demasiado baixas para o proprietário gastar dinheiro em reparações.

- Sovinice, é o que é! - exclamou Mrs. Carew, exasperada. - É uma vergonha! Como também é uma clara violação da lei - Verão, vou fazer com que se cumpra a lei. Qual é o nome do procurador e quem é o proprietário deste prédio?
- Não sei o nome do proprietário, senhora, mas o agente é Mr. Dodge.
- Dodge! - Mrs. Carew virou-se estranhamente.
- Ele chama-se Henry Dodge?
- Sim, senhora. É isso, também se chama Henry.

79

Uma espécie de rubor aflorou no rosto de Mrs. Carew, para logo de seguida se tornar ainda mais pálida.

- Muito bem, vou ver o que posso fazer - murmurou ela em voz mais baixa, preparando-se para sair.
- Venha Pollyanna, temos de ir.

Sentada na cama, Pollyanna despediu-se chorosa de Jamie.

- Hei-de vir cá outra vez. Muito em breve - prometeu, enquanto se apressava a seguir Mrs. Carew, que se adiantara a sair.

Só depois de terem descido os três andares e atravessado o grupo de homens, mulheres e crianças, que gesticulavam e conversavam em redor da limosina e de Perkins, é que Pollyanna voltou a falar. Mal o motorista, zangado, fechou as portas ela suplicou:

- Querida Mrs. Carew, por favor, diga que é o Jamie! Seria tão bom para ele ser o Jamie.
- Mas não é o Jamie!
- Tem a certeza?

Houve um compasso de espera. Depois Mrs. Carew cobriu o rosto com as mãos.

- Não, a certeza não tenho. Essa é a tragédia! argumentou - Eu acho que não é, tenho quase a certeza, mas, claro, há ainda essa possibilidade, e é isso que me atormenta.
- Então porque não pensa já que ele é o Jamie?
- suplicou Pollyanna - Nesse caso até o podia levar para sua casa e... - Mrs. Carew virara-se para ela, surpreendida e irada.

80

- Levar esse rapaz para minha casa, não sendo o Jamie? Nunca, Pollyanna!
- Mesmo não sendo o Jamie, acho que a senhora ficaria muito contente se houvesse alguém que encontrasse o verdadeiro Jamie e o ajudasse como a senhora pode agora fazer com este. Se o seu Jamie fosse como este, pobre e doente, não gostava que alguém tomasse conta dele, o confortasse e.
- Páre com isso, Pollyanna - lastimou-se Mrs. Carew, virando a cabeça de um lado para o outro, num rito de dor. - Ai, quando penso que talvez nalgum lado o meu Jamie possa estar nestas condições! um soluço não a deixou concluir a frase.
- É isso que eu quero dizer. Isso mesmo! - exclamou Pollyanna, triunfante. - Está a perceber? Se este for o seu Jamie, é claro que o há-de querer, se não for, não estará a fazer mal nenhum ao outro Jamie por ficar com este. Ao mesmo tempo estaria a praticar o bem, pois faria este muito feliz, muito feliz! E se depois acabar por encontrar o verdadeiro Jamie,

não perde nada, pois tornou dois rapazinhos felizes em vez de um, e.

- Mrs. Carew voltou de novo a interrompê-la.

- Pollyanna, páre com isso! Eu quero pensar! Chorosa, Pollyanna refastelou-se no seu banco. Com um esforço visível, manteve-se calada durante algum tempo. Depois, como se as palavras saíssem sozinhas, ela disse:

- Que lugar tão horroroso! Só queria que o senhorio tivesse que lá viver. Sempre queria ver se vivia contente.

81

Mrs. Carew sentou-se de repente muito direita. O rosto apresentava uma mudança curiosa. Quase como um apelo, estendeu a mão na direcção de Pollyanna.

- Páre com isso - pediu ela. - Até pode suceder que ela não saiba que é dona de um lugar assim. Mas, agora vai ser arranjado.

- Ela? Então o dono é uma mulher? Conhece-a? E também conhece o agente?

- Sim - Mrs. Carew mordeu os lábios. - Conheço-a a ela e conheço o agente.

- Oh, assim fico contente! - disse Pollyanna suspirando. - Então, tudo vai ser melhor!

- Sim, decerto! - respondeu Mrs. Carew, com ênfase, enquanto o carro parava diante da porta de sua casa.

Mrs. Carew falava como se soubesse do que estava a falar. Sabia mesmo muito mais do que dizia a Pollyanna. Antes de se deitar, naquela noite, escreveu uma carta a um tal Henry Dodge, convocando-o imediatamente para uma reunião, no sentido de se fazerem alterações e reparações urgentes num dos prédios de que era proprietária. Referia-se ainda a janelas partidas, escadas esburacadas. O que havia de levar o dito Henry Dodge a franzir a testa zangado e a praguejar, ao mesmo tempo que empalidecia, receoso.

9. Uma surpresa para Mrs. Carew

Tendo a questão das reparações e dos melhoramentos sido eficientemente resolvida, Mrs. Carew disse a si própria que tinha cumprido o seu dever e que o assunto estava encerrado. Havia de esquecer. O rapaz não era o Jamie, nem o podia ser. Aquele rapaz doente, ignorante e aleijado ser o filho da sua falecida irmã? Impossível! Tinha de afastar essa ideia da cabeça.

Foi aí, porém, que Mrs. Carew se encontrou perante uma barreira inultrapassável. Tudo aquilo persistia em não lhe sair da cabeça. Diante dos olhos via sempre a imagem daquele quatinho húmido e do rapazinho triste. Aos seus ouvidos soava constantemente aquela frase comovedora: "E se fosse o Jamie?". Além disso, estava sempre ali Pollyanna, e mesmo que Mrs. Carew mandasse calar as queixas e as perguntas da menina, não havia maneira de lhe acabar com o olhar reprovador.

Outras duas vezes, desesperada, Mrs. Carew foi ver o rapaz, dizendo a si própria que apenas precisava de mais uma visita para se convencer de que ele não era quem suspeitava. Quando estava na presença do rapaz,

83

ela dizia a si própria estar convencida, mas, depois de se afastar dele, as mesmas dúvidas

voltavam a assaltá-la. Finalmente, em estado de grande desespero, escreveu à irmã e contou-lhe a história toda.

" Querida Della

"Não tencionava contar-te, pois achava que não valia a pena entusiasmar-te nem suscitar falsas esperanças. Tenho a certeza de que não é ele e, no entanto, ao escrever estas palavras, sei que não estou certa. É por isso que quero que venhas cá. Tens que vir depressa. Quero que o vejas.

"Estou desejosa de saber o que vais dizer. É claro que não vemos o nosso Jamie desde os quatro anos. Teria agora doze. Este rapaz tem doze, creio eu (ele não sabe a sua idade ao certo). Os olhos e os cabelos não são diferentes dos do nosso Jamie. É aleijado, mas ficou assim depois de uma queda, há seis anos, e ficou ainda pior a seguir a outra queda quatro anos mais tarde. É impossível obter uma descrição completa do pai, mas, daquilo que sei, não há nada de conclusivo a favor ou contra o facto de ele ser o marido da Doris. Chamavam-lhe professor, era um homem estranho e parecia não ter mais nada senão livros. Isto, pode ou não significar nada. O Kent, era de certo estranho e boémio nos seus gostos. Se ele se preocupava ou não com livros, não me lembro. Lembras-te? E, é claro, que o título de professor

84 ELEANOR H. PORTER

pode ter sido assumido por ele, ou apenas ter-lhe sido dado por outras pessoas. Quanto a este rapaz, não sei. Mas tenho esperanças que tu consigas descobrir.

Ruth. "

Della veio imediatamente e foi logo ver o rapaz. Mas também ela ficou indecisa. Achou que não devia ser o Jamie, mas, ao mesmo tempo, havia a possibilidade de ser ele. Tal como Pollyanna, porém, ela tinha uma saída bastante satisfatória para o dilema.

- Porque não tomas conta dele, querida? - propôs à irmã. - Até o poderias adoptar? Seria bom para ele, pobre pequeno, e...

Mrs. Carew não a deixou concluir.

- Não, não posso - lastimou-se. - Quero é o meu Jamie. O meu Jamie e mais ninguém.

Della em nada contribuiu e regressou ao seu trabalho.

Se Mrs. Carew pensou que o assunto tinha ficado encerrado, voltou de novo a enganar-se. Realmente, os dias e as noites continuavam a ser-lhe penosos. Além disso, estava em dificuldades com Pollyanna, cada vez mais perturbada, face à verdadeira pobreza que enfrentara pela primeira vez. Ela conhecera pessoas que não tinham comida, que vestiam roupas esfarrapadas e que viviam em quartos minúsculos, escuros e sujos. O seu primeiro impulso foi, evidentemente, ajudar. Com

85

Mrs. Carew fez duas visitas a Jamie e ficou muito contente com a alteração das condições da casa depois de o tal Dodgge ter feito as melhorias. Mas, para Pollyanna, isso era apenas uma gota de água no oceano. Havia naquele local muito mais miséria. Confiadamente, ela esperava que Mrs. Carew ajudasse também todos os outros infelizes.

- Ah sim? - exclamou Mrs. Carew ao ouvir o que Pollyanna esperava dela. - Quer então

toda a rua com pinturas e escadas novas! Não quer mais nada?

- Sim, mais coisas! - disse Pollyanna contente.

- Tanto que eles precisam! E que divertido era dar-lhas! Ai, como eu gostava de ser rica para os poder ajudar! Nem calcula como fico contente por poder estar consigo quando os ajudar.

Mrs. Carew quase gaguejou, tal o seu espanto. Mas não perdeu tempo a explicar que não tinha intenção de fazer mais nada no pátio dos Murphys. Já tinha sido bastante generosa com o que fizera no andar onde vivia o Jamie com os Murphys (entendera não precisar de dizer a ninguém que era dona do prédio inteiro). Explicou, sim, a Pollyanna, que existiam numerosas instituições de caridade que tinham exactamente por actividade ajudar as pessoas pobres, e que ela já doava bastante dinheiro a essas instituições.

Mesmo assim, porém, Pollyanna não ficou convencida.

- Mas não percebo por que razão é melhor uma série de pessoas juntarem-se e fazer aquilo que toda a gente gostaria de fazer por si própria. Acho que preferia

86

ser eu a dar a Jamie um livro bonito do que ser uma sociedade qualquer a fazê-lo. Ele, com certeza, gostaria muito mais que fosse eu.

- É provável - respondeu Mrs. Carew, com indiferença, mas um tanto irritada. - Mas também é provável que esse livro não fosse tão bom para Jamie, como o seria se o livro fosse oferecido por um conjunto de pessoas habilitadas a escolher o livro mais conveniente. Isto levou-a a dizer também outras coisas que Pollyanna não percebeu bem sobre "a pauperização dos pobres", "os malefícios da oferta indiscriminada" e "o pernicioso efeito da caridade desorganizada".

Além disso, também acrescentou, em resposta à expressão de perplexidade de Pollyanna:

- É muito possível que, se me oferecesse para ajudar essas pessoas, elas não aceitassem. Lembra-se de Mrs. Murphy ter recusado deixar-me enviar-lhe comida e roupas?

- Se lembro! - respondeu Pollyanna, com um suspiro. - Mas há outra coisa que não compreendo. Não me parece certo que nós tenhamos direito a ter tanta coisa bonita e que eles não tenham nada!

Com o decorrer do tempo, este sentimento de Pollyanna aumentou em vez de diminuir e as suas perguntas e comentários acabavam por ser um alívio para o estado de espírito da própria Mrs. Carew. Até o teste do "Jogo de Contentamento". Só que, neste caso, Pollyanna achava que era quase um falhanço. Dizia ela:

- Não vejo como podemos encontrar seja o que for que nos dê contentamento nesta coisa dos pobres. Podemos

ficar contentes com nós próprios por não sermos pobres como eles, mas sempre que penso assim, fico com tanta pena deles que não posso continuar contente. Podíamos ficar contentes ajudando os pobres, mas se não os ajudarmos, de onde nos pode vir o contentamento?

A estas perguntas, Pollyanna nem sempre tinha resposta satisfatória.

Especialmente de Mrs. Carew, que continuava a ser perseguida por visões do verdadeiro

Jamie e do Jamie possível, que ficou muito mais desassossegada e desesperada com a chegada do Natal. Tudo lhe lembrava a possibilidade do seu Jamie ter um sapatinho sem prendas.

Foi exactamente na quadra do Natal que se desenrolou consigo a última batalha. Resolutamente, todavia sem uma verdadeira alegria no rosto. Foi então que deu ordens rigorosas a Mary e chamou Pollyanna.

- Pollyanna - disse ela, quase a segredar -, decidi tomar conta do Jamie. O carro virá imediatamente e vou buscá-lo agora. Se quiser, pode vir comigo.

O rosto de Pollyanna transfigurou-se naturalmente de alegria.

- Oh, Que feliz eu sou! Até me apetece chorar! Mrs. Carew, porque será que quando nos sentimos tão felizes, nos apetece chorar?

- Não sei, Pollyanna - respondeu Mrs. Carew sem convicção.

O rosto de Mrs. Carew continuava porém sem alegria.

88

Quando chegou ao pequeno quarto dos Murphys, não perdeu muito tempo a dizer ao que ia. Em poucas palavras contou a história do desaparecido Jamie. Não manifestou todavia as suas dúvidas quanto ao facto de ele ser o verdadeiro Jamie, dizendo que decidira levá-lo para casa dela para lhe proporcionar todas as comodidades. Depois, com um ar um tanto desprendido, fez saber que aqueles eram os planos que tinha traçado para ele. Aos pés da cama, Mrs. Murphy ouvia, chorando baixinho. Do outro lado do quarto, Jerry Murphy, de olhos muito abertos, soltava exclamações de espanto. Quanto ao Jamie, deitado, ouviu tudo aquilo com ar de quem tinha visto abrir-se diante de si a porta do paraíso. Ainda que, gradualmente, enquanto Mrs. Carew falava, os seus olhos fossem denunciando outra expressão, ao ponto de os fechar, virando a cara.

Quando Mrs. Carew concluiu, fez-se um silêncio antes de Jamie voltar de novo a cara para ela e falar. Estava lívido e dos olhos caíam-lhe lágrimas.

- Obrigado, Mrs. Carew, mas não posso ir! disse, simplesmente.

- Não pode o quê? - exclamou Mrs. Carew, como se duvidasse do que ouvia.

- Jamie! - exclamou Pollyanna.

- Então miúdo, que se passa? - perguntou Jerry, troçando e aproximando-se dele. - Não sabes ver o que é bom para ti?

- Sei, mas não posso ir - insistiu o rapaz.

- Mas, Jamie... Jamie, pensa no que poderia significar para ti! - insistiu Mrs. Murphy.

89

- Já pensei. Julgam que não sei o que estou a fazer e do que estou a desistir? - depois, para Mrs. Carew, virou os olhos cheios de lágrimas e disse: - Não posso, não posso deixá-la fazer isso tudo por mim. Se gostasse realmente de mim, era diferente, mas a senhora não me quer a mim. Quer o verdadeiro Jamie e eu não sou o verdadeiro Jamie. A senhora não pensa que eu o seja, posso vê-lo no seu rosto.

- Mas... mas... - começou Mrs. Carew, sem concluir.

- Além disso, não sou como os outros rapazes, não posso andar - interrompeu o rapazinho

nervoso. Acabava por se cansar de mim. Não podia suportar ser um fardo assim. É claro, se a senhora gostasse de mim como a Mumsey. - disse ele, levando a mão à boca para conter um soluço. Depois, voltou outra vez a cabeça, continuou. - Não sou o Jamie que quer.

Fez-se novo silêncio. Depois, muito calmamente, Mrs. Carew pôs-se de pé. O seu rosto estava sem cor, havendo algo nela que silenciou um soluço vindo dos lábios de Pollyanna.

- Venha, Pollyanna! - foi tudo que disse.

- Tu és mesmo maluco! - barafustou Jerry Murphy, falando para o rapaz deitado, quando a porta se fechou.

O rapaz paralisado ficou a chorar, como se a porta que se acabara de fechar fosse a que o poderia ter conduzido ao paraíso e se fechasse para sempre.

Passaram-se os meses de Fevereiro, Março e Abril e depois o Maio, aproximando-se a data do regresso de

90

Pollyanna a casa. Mrs. Carew despertou então, subitamente, para a realidade do que representaria para si o regresso de Pollyanna a casa.

Sentiu-se surpreendida e perturbada porque até ali só tinha encarado com satisfação a partida dela. Quantas vezes dissera a si própria, e desejara, que a casa voltasse a ser sossegada, a ter paz e a poder esconder-se dos aborrecimentos do mundo exterior. Como tanto desejara poder dedicar a atenção à sua consciência pungente e às memórias do menino desaparecido. É verdade, em tudo isso pensara, como possível, quando Pollyanna regressasse a casa.

Mrs. Carew sabia agora, muito bem, que sem Pollyanna a casa ficaria vazia e que sem o Jamie seria ainda pior. A consciência desta realidade não era agradável para o seu orgulho. Era uma tortura para o seu coração, visto que o rapaz já se tinha recusado duas vezes a ir viver com ela. Durante os últimos dias da estada de Pollyanna, a luta foi difícil, embora o orgulho acabasse sempre por predominar. Então, no dia em que Mrs. Carew sabia que seria a última visita de Jamie, o coração triunfou e pediu mais uma vez ao rapaz que fosse para ela o seu desaparecido Jamie.

Aquilo que disse exactamente nunca se conseguiu lembrar depois, mas o que o rapaz disse nunca esqueceu. Foram seis breves palavras.

Durante um longo minuto, os olhos dele perscrutaram o rosto dela. Depois, a sua cara iluminou-se, enquanto lhe respondeu:

- Oh, sim! Agora a senhora gosta mesmo de mim!

10. Jimmy tem ciúmes

Desta vez, Beldingsville não recebeu Pollyanna com fanfarras e foguetes, talvez porque apenas muito poucos conhecessem a hora da chegada. Mas não faltaram as saudações de alegria da parte de todos os que a viram no momento em que desceu do comboio, acompanhada da tia Polly e do Dr. Chilton.

Pollyanna não perdeu tempo e iniciou uma ronda de visitas aos seus velhos amigos. Com efeito, nos dias que se seguiram, segundo dizia a Nancy, "não podíamos pôr o dedo onde

quer que fosse que ela lá não estivesse".

E a todos os lados onde ia, via-se confrontada com a pergunta: "Gostou de Boston?". A ninguém respondeu de forma tão cabal como o fez com Mr. Pendleton.

- Sim, gostei, em parte.

- Então não gostaste de tudo? - perguntou Mr. Pendleton, sorrindo.

- Não, de algumas coisas não gostei, embora gostasse de lá estar - explicou apressadamente.

- Foram tempos bem divertidos e havia muitas coisas que eram bastante diferentes e estranhas, como por exemplo jantar

92

à noite em vez de o fazermos ao meio-dia. Toda a gente foi muito boa para mim e vi uma quantidade de coisas lindas, como Bankerhill e o Jardim Público, os autocarros e uma quantidade de quadros e estátuas, armazéns e avenidas que pareciam não ter fim. E muita gente. Nunca vi tanta gente!

- Pensei que gostasses das pessoas - comentou o senhor.

- E gosto. Mas para que serve haver tanta gente se não os podemos conhecer? Além disso, Mrs. Carew não me deixava travar conhecimento com estranhos.

Fez-se um ligeiro silêncio. Depois, com um suspiro, Pollyanna resumiu.

- Penso que foi disso que gostei menos. Era muito mais agradável se as pessoas se conhecessem! Veja só, Mr. Pendleton: existe uma quantidade de gente que vive em ruas estreitas e sujas, que não têm feijão nem pastéis de peixe para comer, nem sequer as coisas que vêm nas colectas de caridade. Em contrapartida, existem muitas outras pessoas, como Mrs. Carew, que vivem em casas maravilhosas, a abarrotar de coisas óptimas para comer e para vestir e, até, sem saberem o que hão-de fazer ao dinheiro. Se essas pessoas conhecessem as outras.

Mr. Pendleton interrompeu-a com uma gargalhada.

- Minha querida criança, não vês que essas pessoas não têm interesse em conhecer-se umas às outras!

- Felizmente que não são todas assim - sustentou Pollyanna. - Por exemplo, a Sadie Dean, que vende bandoletes num grande armazém, quer conhecer

93

pessoas e eu apresentei-a a Mrs. Carew. A Sadie, o Jamie e muitas outras pessoas, visitaram-nos e Mrs. Carew ficou contente por conhecê-los. Foi isso que muito me fez pensar que se as pessoas como Mrs. Carew pudessem conhecer as outras... Mas, é claro, não podia ser eu a apresentá-las todas. Eu própria não conheço muitas. E assim, se se pudessem conhecer uns aos outros, de maneira a que os ricos pudessem dar aos pobres parte do seu dinheiro.

Mr. Pendleton interrompeu-a de novo, com uma gargalhada.

- Oh Pollyanna, Pollyanna, disse - trocistaReceio que estejas a penetrar em águas demasiado profundas! Sem te dares conta disso, estás a tornar-te uma socialistazinha.

- Uma quê? - perguntou a menina confusa. Não sei o que isso é, mas sei o que é ser sociável e gosto das pessoas que o são. Se é a mesma coisa, então não me importo, até gostava de o

ser.

- Tenho dúvidas, Pollyanna - disse o senhor, sorrindo. - O que sei é que, ao chegares a esse teu plano da distribuição geral da riqueza, enfrentas um problema que terás dificuldade em resolver.

Pollyanna deu um grande suspiro.

- Eu sei - concordou ela. - É isso que Mrs. Carew diz. Acha que isso a tornaria pobre, resultando num efeito pernicioso. ou qualquer coisa assimdisse a rapariga secamente, quando o homem começou a rir. - Mas, de qualquer modo, não compreendo por que razão algumas pessoas hão-de ter tanto e outras não

94

hão-de ter nada. Não gosto disso. Se alguma vez tiver muito hei-de dar... Mr. Pendleton desatou a rir, interrompendo Pollyanna, que também começou a rir, rematando assim:

- De qualquer maneira, continuo a não compreender.

- Pois não, querida, receio que não! É uma questão que nós também não compreendemos. Mas diz-me lá - acrescentou - quem é esse Jamie, de quem falas tanto?

E Pollyanna contou-lhe. Ao falar de Jamie, Pollyanna esqueceu-se do resto. Adorava falar do Jamie, porque disso compreendia bem. E, nesse caso concreto, Mr. Pendleton estaria interessado no facto de Mrs. Carew ter levado o rapaz para sua casa, pois ninguém melhor do que ele compreenderia a importância do gesto.

Aliás, sobre esse assunto, Pollyanna falava a toda a gente. Partia do princípio que todos estariam tão interessados como ela própria. Todavia, a maior parte dos casos, ficou desapontada pelo pouco interesse demonstrado. E um dia teve uma surpresa maior, vinda do próprio Jimmy Pendleton.

- Ouve lá - perguntou ele um tanto irritado -, não havia mais ninguém em Boston, além desse Jamie?

- Porquê Jimmy Bean? Que queres tu dizer?inquiriu Pollyanna.

O rapaz levantou um pouco o queixo.

- Não me chamo Jimmy Bean, chamo-me Jimmy Pendleton. É que, da tua conversa, fico a pensar que não havia mais ninguém em Boston senão esse maluco

95

que chama Lady Lancelot a pombos e esquilos, e todas essas tretas.

- Porquê, Jimmy Be... Pendleton! - gaguejou Pollyanna, para continuar em tom acalorado: - Jamie não é maluco! É um rapaz simpático e sabe muito. Lê muitos livros! Consegue até inventar histórias da sua própria cabeça! Além disso, não é "Lady Lancelot" é "Sir Lancelot". Se soubesses metade do que ele sabe, também saberias isso! - concluiu ela, de olhar flamejante.

Jimmy Pendleton ficou atrapalhado e com um ar infeliz. Mas os ciúmes fizeram-no contratarcar.

- O certo é que não dou - disse a troçar - grande coisa pelo nome dele. Jamie! Soa a maricas! E sei de mais pessoas que também acham.

- Quem?

Não houve resposta.

- Quem foi? - perguntou Pollyanna com veemência.

- O meu pai.

- O teu pai? - repetiu Pollyanna, espantada. Porquê? Se ele não conhecia o Jamie?

- Pois não. Não era esse Jamie. Era eu. O rapaz continuou a falar em tom teimoso, de olhar desviado. No entanto, havia uma doçura curiosa na sua voz, que se notava sempre que falava no pai.

- De ti?!

- Sim. Foi um pouco antes de ele morrer. Parámos quase uma semana numa quinta. O pai ajudava no feno e eu fazia o que podia. A mulher do camponês

96

era muito boa para mim e não tardou a chamar-me de Jamie. Porquê, não sei. Um dia o pai ouviu-a e ficou zangado. Tão zangado, que nunca mais esqueci que ele disse que Jamie não era nome de rapaz e que nenhum filho seu seria assim chamado. Achava que era um nome maricas. Puxa, nunca o vi tão zangado como nessa noite. Calcula, nem ficou para acabar o trabalho e partiu comigo nessa mesma noite. Fiquei com pena, porque gostava da mulher do camponês.

Pollyanna fez que sim com a cabeça, mostrando interesse e simpatia. Raramente o Jimmy falava do seu passado misterioso.

- E o que aconteceu depois?

Pollyanna esquecera completamente a questão que estivera na base da discussão, ou seja, o facto de o nome de Jamie ser considerado efeminado, o que fez suspirar o rapaz.

- Continuámos a andar, até encontrarmos outro lugar, lugar onde o pai acabou por morrer. Depois, puseram-me no asilo.

- De onde fugiste, encontrando-te eu naquele dia, junto da casa de Mrs. Snow. É desde aí que te conheço.

- Oh, sim! É desde aí. - Repetiu Jimmy, num tom de voz bastante diferente, regressando ao presente e ao motivo da discórdia. - Mas eu não sou Jamie - con cluiu ele com desdém e deixando Pollyanna confusa.

- Ainda bem que não te comportas sempre desta maneira! - disse a rapariga, suspirando e observando tristemente a figurinha do rapaz na sua atitude arrogante e surpreendente.

11. A tia Polly fica alarmada

Pollyanna estava em casa há uma semana, quando chegou uma carta de Della Wetherby, dirigida a Mrs. Chilton:

"Só gostava de conseguir explicar-lhes o que a vossa sobrinhinha fez pela minha irmã, mas receio não o conseguir. Era preciso que a conhecessem antes. A senhora viu-a e talvez se tenha apercebido um pouco da tristeza e escuridão em que ela se envolvia desde há anos. E não faz ideia da amargura que lhe inundava o coração, da falta de interesses e de objectivos, e da insistência no luto permanente.

"Então chegou Pollyanna. Talvez não lhe tenha contado, mas a minha irmã, logo a seguir à

promessa de tomar conta de Pollyanna, arrependeu-se e estava firmemente decidida a devolver-ma, assim que Pollyanna lhe comesse com prédicas. Só que Pollyanna nunca lhe fez prédicas, pelo menos minha irmã diz que não, e ela estava bem atenta a isso. No entanto, deixe-me só dizer o que encontrei, quando

98

ontem a fui visitar. Talvez nada lhe possa dar uma ideia melhor do que a vossa maravilhosa Pollyanna realizou.

"Para começar, quando me aproximei da casa vi que todos os estores estavam levantados, quando antes estavam sempre fechados. Ao entrar no hall ouvi música - era o Parsifal. As salas estavam abertas e o ar cheirava a rosas.

"Mrs. Carew e Mr. Jamie estão ambos no salão de música, - disse-me a criada. De facto, lá os encontrei, minha irmã e o rapazinho que ela decidiu levar para casa, escutando ambos um desses aparelhos modernos que podem conter uma companhia inteira de ópera, incluindo a orquestra.

"O rapaz estava sentado numa cadeira de rodas, de ar pálido mas beatificamente feliz. Minha irmã parecia dez anos mais nova. O seu rosto, habitualmente descorado, apresentava-se com boas cores e os olhos brilhavam. Um pouco depois, após eu ter falado alguns minutos com o rapaz, minha irmã e eu subimos ao andar de cima, aos seus aposentos, e aí falou-me de Jamie. Não do antigo Jamie, de quem costumava falar com olhos húmidos e suspiros de desespero, mas do novo Jamie, agora sem sinal de lágrimas, e, em vez disso, com entusiástico interesse.

"Della, ele é maravilhoso, - começou por dizer. - Tudo o que há de melhor em música, arte e literatura, parece agradar-lhe de forma maravilhosa.

99

Só que, evidentemente, necessita de evoluir e de se educar. É disso que me vou ocupar. Amanhã chega um tutor. É claro que a linguagem dele

é um bocado feia, mas leu tantos livros bons, que o vocabulário dele é surpreendente e havias de ouvir as histórias que sabe contar! É claro, em educação geral ele é bastante deficiente, mas está ansioso por aprender e, assim, isso será facilmente remediado.

Adora música e vou proporcionar-lhe toda a aprendizagem que precisa. Já arranjei um lote de discos

cuidadosamente seleccionados. Gostava que visses a cara dele quando ouviu pela primeira vez a música do Santo Graal. Conhece tudo sobre o Rei Artur e a Távola Redonda e fala de cavaleiros, lordes e damas, como tu e eu falamos dos membros da nossa

família, só que, às vezes, quando fala de Sir Lancelot, se refere ou ao antigo cavaleiro ou a um

esquilo do Jardim Público. E Della, creio, é possível que ele torne a andar. Vou pedir ao Dr. Ames

que o veja e... ì

"E assim continuou, enquanto eu ficava sentada de boca aberta e língua amarrada, mas felicíssima!

Conto-lhe tudo isto, cara Mrs. Chilton, para que possa saber como ela está interessada e com que dedicação vai acompanhar o crescimento e desenvolvimento desse rapaz, e como, apesar do seu

estado anterior, tudo isto veio alterar a sua atitude em relação à vida. Tenho a certeza de que nunca mais será a mulher amargurada e rabujenta que foi.

E tudo isto se deve a Pollyanna.

100

"Querida Pollyanna! Estou em crer que a menina está perfeitamente inconsciente de tudo isto. Até creio que nem minha irmã ainda compreendeu o que está a suceder no seu coração e na sua vida.

"E agora, cara Mrs. Chilton, como posso agradecer-lhe? Eu sei que não posso, por isso nem sequer vou tentar. No entanto, no seu íntimo, deve calcular como estou grata, tanto a si como a Pollyanna.

Della Wetherby. "

Parece que se operou mesmo uma cura! - disse o Dr. Chilton, sorrindo, quando a mulher concluiu a leitura da carta.

Para sua surpresa, porém, ela levantou rapidamente a mão em tom reprovador e disse:

- Por favor Thomas!

- Porquê Polly? Qual é o problema? Não estás contente por o remédio funcionar?

Mrs. Chilton encostou-se na cadeira, desanimada.

- Lá estás tu outra vez, Thomas. Claro que estou contente que essa senhora infeliz tivesse mudado e seja agora útil a alguém. E contente também por Pollyanna o ter feito. Mas não gosto que falem dessa criança, permanentemente, como se fosse um frasco de remédio ou uma "cura". Só isso, percebes?

- Que disparate! Onde está o mal? Sempre tenho chamado Pollyanna de tónico!

101

- Mal! Thomas Chilton: essa criança está a crescer, queres estragá-la? Até aqui ela tem estado inconsciente do seu poder extraordinário, e é nisso que reside o segredo do seu sucesso. Mas quando se puser conscientemente a querer modificar alguém, ah! então sabes tão bem como eu que se tornará impossível. Deus permita que ela nunca perceba que é uma espécie de cura!

- Disparate! Ia agora preocupar-me com isso!

- Vês, eu preocupo-me, Thomas.

- Polly, pensa só no que ela tem feito! - argumentou o médico. - Pensa em Mrs. Snow, em

John Pendleton e nas outras pessoas. Todos se modificaram, tal como Mrs. Carew e por graça de Pollyanna!

- Eu sei! - concordou Mrs. Polly Chilton com ênfase. - Mas não quero que Pollyanna o saiba! Evidentemente que ela o sabe de certo modo, pois ensinou-os a jogar o "Jogo do Contentamento" e isso fê-los mais felizes. Assim, está bem. É o jogo, o jogo dela, jogam-no em conjunto. Nem quero admitir que Pollyanna nos impinja um tal sermão quando souber... o problema é esse! Não quero que ela o saiba. É tudo! E agora deixa-me que te diga que decidi ir à Alemanha contigo, neste Outono. Ao princípio pensei em não ir. Não queria deixar Pollyanna e não vou deixá-la agora. Irá connosco!

- Levá-la connosco? Ótimo! Porque não?

- Tenho de a levar. Afastá-la-íamos de Beldingsville por uns tempos. Quero mantê-la meiga, sem que se estrague, se puder.

12. À espera de Pollyanna

Toda a cidade de Beldingsville fervilhava de excitação. Desde que Pollyanna Whitier chegou do Sanatório a andar nunca houve tanta conversa nos quintais e nas ruas. Também hoje, o centro de interesse era Pollyanna. Mais uma vez regressava a casa. Mas seria uma Pollyanna muito diferente e também um regresso diferente!

Pollyanna tinha agora vinte anos. Durante seis, passara os Invernos na Alemanha e os Verões a viajar preguiçosamente com o Dr. Chilton e a tia Polly. Só uma vez em todo esse tempo estivera em Beldingsville, num curto período de quatro semanas, no Verão em que tinha dezasseis anos. Agora regressava a casa para ficar, segundo se dizia, ela e a tia Polly.

O médico não viria com elas. Seis meses antes a cidade recebera, consternada, a notícia de que ele tinha morrido subitamente. Beldingsville esperara então que Mrs. Chilton e Pollyanna regressassem imediatamente ao velho lar, mas não. Soube-se, sim, que a viúva e a sobrinha permaneceriam no estrangeiro durante mais

103

tempo. Até se disse que Mrs. Chilton procurava, assim, esquecer a sua grande dor.

Porém, em breve começaram a correr rumores pela cidade de que financeiramente as coisas não corriam bem para Mrs. Polly Chilton. Certas acções que se sabia serem a base da propriedade dos Harrington tinham-se desvalorizado drasticamente. Outros investimentos, de acordo com as informações existentes, estavam em condições muito precárias. Da propriedade do médico pouco se podia esperar. Ele nunca fora um homem rico e as suas despesas tinham sido bastante pesadas nos últimos seis anos. Por isso, Beldingsville não ficou surpreendida ao saber que Mrs. Chilton e Pollyanna iam regressar a casa a menos de seis meses após a morte do médico.

Voltou o velho solar de Harrington, há tanto tempo fechado e silencioso, a apresentar-se de janelas e portas abertas. Também Nancy, que agora se chamava Mrs. Thimoty Durgin, se aplicou a limpar o pó e puxar o lustro até a velha casa se apresentar impecável.

- Não, não tenho nenhuma instrução para fazer isto. - Explicou Nancy aos amigos e vizinhos curiosos que paravam no portão ou se atreviam a entrar no pátio.

Nancy tinha a chave, evidentemente, e fora arejar a casa e pôr as coisas em ordem. Mrs. Chilton tinha escrito a Mrs. Durgin, dizendo que ela e Miss Pollyanna chegavam na sexta-feira seguinte, e pedindo-lhe o favor de arejar os quartos e as roupas e deixar a chave debaixo do tapete da porta.

104

- Imagine-se, debaixo do tapete! Como se pudesse deixá-las chegar cá, com tudo abandonado e eu longe daqui, sentada no meu alpendre como se fosse uma pessoa importante e sem coração! Como se elas, coitadas, não tivessem já sofrido bastante e a dor de chegarem a esta casa sozinhas, sem o médico! E ainda por cima sem dinheiro. É o que se diz! Como me faz pena! Nem quero imaginar Miss Polly, quero dizer Mrs. Chilton, ficar pobre! Não consigo pensar nisso. Não me conformo, pronto!

Talvez Nancy nunca tivesse falado disto a ninguém com tanto interesse como o fez com um jovem de boa aparência, alto, de olhar franco e sorriso encantador, que bateu à porta às dez da manhã na quinta-feira. Apesar de se sentir embaraçada, sem saber como o tratar, pois ainda hesitava entre Mr. Jimmy, ou Mr. Bean, ou Mr. Pendleton. Até pôs o jovem a rir com o seu nervosismo.

- Não interessa, Nancy! Chame-me como lhe der mais jeito - brincou ele. - Já sei o que queria saber, ou seja, que Mrs. Chilton e a sobrinha são esperadas amanhã.

- Sim senhor, é verdade - respondeu Nancy. Nem calcula como estou contente por voltar a vê-las, apesar de não virem nas melhores condições.

- Sim, eu sei, compreendo - concordou o jovem gravemente. - Suponho que quanto a esse aspecto não podemos fazer nada. Mas estou satisfeito por você estar a fazer o que faz. Isso ajudará muito - concluiu ele com um sorriso, afastando-se montado no seu cavalo.

105

Nas escadas, Nancy dizia para consigo própria: "não estou nada admirada, Mr. Jimmy", enquanto olhava a figura simpática do jovem montado a afastar-se. "Não me admira nada que ande à procura de Miss Pollyanna. Já há muito que eu disse que havia de chegar a altura. E então agora que se tornou tão simpático e alto. Espero que venha a ser como eu penso, como consta dos livros. É claro, se casar com ele e forem viver para o solar de Mr. Pendleton. Quem havia de dizer, ser este o pequeno Jimmy Bean de antes! Nunca vi uma mudança tão grande em ninguém " e foi assim que concluiu o pensamento num último olhar para a figura que desaparecia lá longe, na estrada.

Pensamentos semelhantes atravessaram o espírito de John Pendleton, pouco depois, ainda nessa manhã, quando da varanda da sua grande casa cinzenta, em Pendleton Hill, observava o cavaleiro que se aproximava. Nos seus olhos via-se uma expressão muito semelhante à de Mrs. Nancy Durgin. E também dos seus lábios se ouviu a exclamação: "Mas que bela figura!", quando cavalo e cavaleiro se encaminhavam para o estábulo.

Após breves minutos, o jovem contornava o canto da casa e subia as escadas.

- Então, meu rapaz, é verdade que sempre vêm?

- perguntou o senhor, com manifesto interesse.

- Sim.

- Quando?

- Amanhã! - rematou o jovem, ao deixar-se cair numa cadeira.

106

Face à tensão que se notava na resposta, John Pendleton franziu a testa. Olhou de relance para o rosto do jovem, hesitou por momentos e depois perguntou abruptamente:

- O que é, filho, que se passa?

- O que se passa? Oh... nada!

- Não sejas tolo! Sei muito bem! Saíste daqui há uma hora, tão ansioso que nem os novos cavalos foram motivo para te reter aqui. Agora aí estás, sentado, desanimado, e, na mesma, sem que os cavalos te entusiassem. Se não te conhecesse bem, era capaz de pensar que estarias descontente por as nossas amigas regressarem.

Fez uma pausa à espera de resposta, que, porém, não obteve.

- Então, Jimmy, enganei-me, ou estás contente por elas virem?

O jovem riu, mas o seu olhar era desassossegado.

- Sim, claro.

- No entanto, não é isso que parece.

Ele riu de novo, agora com algum rubor nas faces.

- É que estava a pensar em Pollyanna.

- Em Pollyanna, porquê? Não fizeste mais nada senão falar dela desde que vieste de Boston e até descobriste que estava para chegar. Será que estás mesmo morto por ver Pollyanna?

O rapaz inclinou-se para a frente, com uma expressão curiosa.

- É, é exactamente isso! É como se ontem nada pudesse impedir-me de ver Pollyanna, e hoje, que sei que ela vem, estou assim a modos que perplexo.

107

- Mas porquê, Jimmy?

Perante a incredulidade de John Pendleton, o jovem encostou-se à cadeira, rindo embaraçadamente.

- Bem, é tudo muito estranho e não espero que compreenda. Sei lá, parece-me que queria que Pollyanna não crescesse. Achava-a tão querida, tal como era! Como gosto de pensar nela tal como a vi da última vez, com a sua carinha séria e cheia de sardas, os seus totós de cabelo loiro dizendo com lágrimas nos olhos: "Sim, estou contente por ir, mas acho que ainda ficarei mais contente quando regressar". Foi há quatro anos que a vi pela última vez.

- Eu sei. Compreendo o que queres dizer. Acho que senti o mesmo até vê-la no último Inverno em Roma.

O jovem voltou-se apressadamente.

- Viu-a? Então fale-me dela.

Uma expressão divertida espelhou-se nos olhos de John Pendleton.

- E eu a julgar que não querias saber de Pollyanna já crescida.

Com uma careta, o jovem disfarçou.

- É bonita?

- Ai, os jovens! - disse John Pendleton, brincando. - É sempre a sua primeira pergunta!

- É ou não é? - insistiu o jovem.

- Hás-de julgar por ti próprio. Mas, pensando bem, creio que não é. Podias ficar desapontado. Para o meu gosto, Pollyanna não é bonita no sentido convencional do termo. Com efeito, tanto quanto sei, um

108

dos problemas dela é mesmo o de saber que não é bonita. Em tempos disse-me que uma das coisas que gostava de ter, quando fosse para o Céu era cabelo negro encaracolado; e no último ano, em Roma, disse-me ainda outra coisa. que não era de todo esclarecedora, mas em que detectei um certo desgosto velado. Disse que gostava que alguém escrevesse um romance com uma heroína que tivesse cabelo liso e uma sarda no nariz, mas que, apesar de tudo, pensava ser preferível que as raparigas de quem se escrevia nos livros não os tivessem.

- Isso é mesmo da Pollyanna que eu conheço.

- Ah, deixa, vais reconhecê-la - sorriu o senhor, com ar curioso. - Bem, agora desdigo-me, eu acho que ela é bonita. Tem uns olhos adoráveis e é a perfeita imagem da saúde. Detém toda a alegria primaveril da juventude e todo o rosto se ilumina maravilhosamente quando fala, de tal modo que faz esquecer se as suas feições são ou não regulares.

- Ela continua a jogar o jogo?

John Pendleton sorriu.

- Calculo que sim, embora já não fale muito disso. Pelo menos a mim, das duas ou três vezes que a vi, não falou.

Fez-se um breve silêncio e depois, calmamente, o jovem Pendleton disse:

- Isso era uma das coisas que me preocupava. Por ser um jogo que representou tanto para muita gente,

em toda a cidade! Não me conformava que ela tivesse desistido dele; e, ao mesmo tempo, não conseguia

109

imaginar uma Pollyanna crescida a dizer constantemente às pessoas para se alegrarem com alguma coisa! De algum modo, como disse, não queria considerá-la crescida.

- Se fosse a ti, não me preocupava com isso - disse o senhor, com um sorriso brincalhão. - Com Pollyanna sempre houve alegria, e não me enganarei que ela continue a viver segundo o mesmo princípio, embora, talvez, não exactamente da mesma forma. Pobre moça! Receio que necessite de algum jogo, para tornar a existência tolerável durante algum tempo, pelo menos.

- Está-se a referir ao facto de Mrs. Chilton estar em dificuldades? Ficaram mesmo pobres?

- Penso que sim. Estão com sérios problemas quanto a dinheiro, tanto quanto sei. A fortuna pessoal de Mrs. Chilton foi drasticamente reduzida e os bens de Tom eram escassos. Ele endividou-se por causa de serviços que nunca lhe foram pagos nem nunca o serão. Tom nunca se recusava quando era solicitado e todos os caloteiros da cidade o sabiam e abusavam. Ultimamente teve muitas despesas. Depositava grandes esperanças no seu regresso, quando tivesse concluído a especialização na Alemanha. Partiu sempre do

princípio que sua mulher e Pollyanna dispunham de meios mais que suficientes, provenientes da propriedade dos Harrington e nunca se preocupou com isso.

- Estou a perceber. Foi pena!

- Não é tudo. Dois meses depois da morte de Tom, vi Mrs. Chilton e Pollyanna em Roma. Mrs. Chilton

110

estava em péssimo estado. Para além da tristeza, em resultado da morte do marido, começava a ter noção dos seus problemas financeiros e estava quase fora de si. Recusava-se a regressar a casa e afirmava que nunca mais queria ver Beldingsville nem ninguém daqui. Como sempre foi uma mulher orgulhosa, o infortúnio afectou-a de modo curioso. Foi Pollyanna quem me disse que a tia estava obcecada com a ideia de que Beldingsville jamais aprovara o seu casamento com o Dr. Chilton e agora, com ele morto, ela sentia que não estariam solidários com a sua dor. Ressentia-se também pelo facto de saberem que agora, para além de pobre, também era viúva. Em suma, mergulhara num estado extremamente mórbido e infeliz, que tinha tanto de irracional como de horrível. Pobre Pollyanna! Surpreendia-me como ela aguentava! Se Mrs. Chilton continua no mesmo estado a rapariga vai-se abaixo. Daí que eu diga que Pollyanna deve precisar do jogo.

- Como me entristece que isso esteja a acontecer a Pollyanna! - exclamou o jovem, com voz pouco firme.

- Sim, estou em crer que as coisas ainda não melhoraram, pela maneira como vêm hoje. Tão silenciosamente, sem dizerem nada a ninguém! É mesmo típico de Polly Chilton! Não quer que ninguém a espere. Só assim se compreende que tenha escrito somente à mulher do velho Thimoty, Mrs. Durgin, que olhava pela casa.

- Sim, a Nancy contou-me. É uma boa criatura! Abriu a casa toda e tem-se ocupado dela para não parecer

111

um tumulto de esperanças vãs e prazeres perdidos. Mesmo os jardins apresentam bom aspecto, visto o velho Tom não os ter desprezado. Mas fiquei comovido com aquilo.

Veio depois um longo silêncio, até John Pendleton sugerir:

- Devia ir alguém esperá-las. Porque não vais tu à estação?

- Então vou.

- Sabes em que comboio chegam?

- Não. Nem a Nancy sabe.

- Então como vai ser?

- Vou para lá de manhã e algum comboio hão-de chegar! - resignou-se o jovem.

- O Thimoty também vai com a charrette da família. No fim de contas, não são assim tantos os comboios.

- Eu sei - disse John Pendleton.

- Olha, Jimmy, admiro os teus sentimentos mas não o teu discernimento. Alegra-me que sigas os teus sentimentos e não a tua razão. No entanto, desejo-te boa sorte.

- Obrigado, senhor - disse o jovem, com um sorriso triste. - Bem preciso que me deseje

sorte.

13. A chegada de Pollyanna

Enquanto o comboio se aproximava de Beldingsville, Pollyanna observava atentamente a tia. Durante todo o dia Mrs. Chilton dera sinais de cada vez mais desassossego e tristeza. Pollyanna receava o que poderia acontecer à chegada a casa.

A sobrinha comovia-se sempre que olhava para a tia. Não imaginava que fosse possível uma pessoa mudar e envelhecer tanto em apenas seis meses. Os olhos de Mrs. Chilton haviam perdido o brilho, o seu rosto era agora pálido e triste, e a fronte apresentava fundas e inúmeras linhas. A boca descaía nos cantos e o cabelo estava penteado e apanhado atrás da mesma maneira pouco elegante que usava antigamente. Toda a doçura com que o casamento a dotara desaparecera completamente, regressando a antiga e habitual amargura de Mrs. Polly Harrington, de má memória.

- Pollyanna! - chamou Mrs. Chilton, incisivamente.

A sobrinha olhou-a com ar comprometido. Sentiu-se desconfortável ao pensar que a tia podia estar a ler-lhe os pensamentos.

113

- Sim, tia.

- Onde está o saco pequeno, preto?

- Está aqui.

- Queria que me trouxesses o véu negro. Estamos quase lá.

- Mas é tão quente e espesso, tia!

- Pollyanna, pedi-te o meu véu negro. Queres fazer o favor de cumprir o que te peço, sem contrariar? Ser-me-ia bem mais fácil. Quero o véu. Não me estás a ver proporcionar a todos de Beldingsville a oportunidade de me ver sofrer, pois não?

- Oh! tia! Estão agora as pessoas a pensar dessa forma! - protestou Pollyanna, apressando-se a ir buscar o saco para lhe dar o véu. - Além disso, ninguém estará à nossa espera.

- Está bem. Não dissemos a ninguém para nos vir esperar, mas demos instruções a Mrs. Durgin... Achas que ela guardou essa informação apenas para si? Não me parece. Metade da cidade deve saber que chegamos hoje e uma dúzia ou mais de pessoas hão-de estar na estação. Eu conheço-os! Hão-de querer ver o aspecto de Polly Harrington pobre. Eles...

- Oh! tia, tia! - exclamou Pollyanna, de lágrimas nos olhos.

- Se não estivesse tão só, se meu marido continuasse connosco, e... - parou de falar, virando a cara para o lado, com os lábios a tremerem-lhe convulsivamente. - Onde está esse véu? - perguntou irritada.

- Aqui está ele, minha tia - disse Pollyanna, confortando-a e apressando-se a entregar o véu. Estamos quase a chegar. Que bom que era que o velho Tom ou o Thimoty estivessem à nossa espera!

- Levando-nos a casa, como se pudéssemos dar-nos ao luxo de ter esses cavalos e charrettes! Sabendo como sabes, que amanhã os vamos vender! Não, obrigada, Pollyanna,

prefiro usar o transporte público a essa circunstância!

- Eu sei, mas... - o comboio estacara e Pollyanna concluiu a frase com um suspiro.

Quando as duas mulheres desceram para a plataforma, Mrs. Chilton, de véu negro, não olhava nem para a esquerda nem para a direita. Pollyanna, porém, fez justamente o contrário e ao dar meia dúzia de passos deu consigo a olhar para um rosto ao mesmo tempo familiar e estranho.

- Não é o... Jimmy? - indagou, ao mesmo tempo que lhe estendia cordialmente a mão. - É mesmo. Creio que devo antes chamar-lhe Mr. Pendleton - rectificou ela com um sorriso tímido e adiantando: - Mas que alto e bonito está!

- Estou feliz em vê-la - disse o jovem com um sorriso brejeiro, muito à maneira do Jimmy, virando-se a seguir para Mrs. Chilton, que, de cara coberta, já ia mais adiante.

Voltou-se então para Pollyanna, de olhar perturbado mas com simpatia, dizendo:

- Por favor, venham ambas por aqui - instou ele apressadamente. - Thimoty está aqui com a charrette.

- Ah, que simpatia da parte dele! - exclamou Pollyanna, olhando ansiosamente para a figura sombria

115

e velada e dizendo timidamente à tia, a quem pegou

no braço: - Tia, o Thimoty está aqui. Trouxe a charrette. Está daquele lado. E este é Jimmy Bean, tia.

Lembra-se do Jimmy Bean?

No seu nervosismo e embaraço, Pollyanna nem reparou que estava a chamar ao jovem o antigo nome de infância. Mrs. Chilton, porém, reparou evidentemente nisso. Com nítida relutância, virou-se e

cumprimentou-o, inclinando ligeiramente a cabeça.

- Mr. Pendleton, foi muito simpático da sua parte, mas não queria incomodar nem a si nem o Thimoty - disse friamente.

- Não incomoda nada, que ideia! - disse o jovem rindo, procurando ocultar o seu embaraço. - Agora, dêem-me os vossos bilhetes, para eu poder ir buscar a bagagem.

- Muito obrigada - começou Mrs. Chilton por dizer -, mas tem a certeza de que podemos...

Só que Pollyanna já se antecipara e passara-lhe os bilhetes, e a dignidade exigia que Mrs. Chilton não dissesse mais nada.

O trajecto fez-se praticamente em silêncio. Thimoty, vagamente sentido pela recepção fria da sua antiga patroa, ia sentado à frente, direito e rígido, com os lábios tensos. Mrs. Chilton insistia na sua soturnidade.

Pollyanna não estava tensa nem triste. De olhos ávidos, embora lacrimosos, observava as ruas por que passavam. Só falou uma vez e foi para dizer:

- O Jimmy está bonito! Como ele cresceu!

A tia nem lhe deu resposta.

116

Thimoty estava demasiado sentido e receoso para dizer a Mrs. Chilton o que a esperava em casa. Assim, as janelas abertas, os quartos enfeitados com flores e Nancy à espera no alpendre foram uma surpresa total para Mrs. Chilton e Pollyanna.

- Oh, Nancy, mas que bonito! - exclamou Pollyanna rindo. - Tia, a Nancy está aqui para nos receber. Veja só como ela pôs as coisas bonitas!

A voz de Pollyanna era deliberadamente alegre, embora um pouco trémula. Este regresso a casa sem o seu querido tio não era fácil para ela. E não o sendo para ela, muito pior seria para a tia. Sabia também que ela receava chorar diante de Nancy. Por detrás do pesado véu negro, os olhos estavam semicerrados e os lábios tremiam. Na realidade, não a surpreendia que a tia aproveitasse a primeira oportunidade para descarregar a sua ira, procurando assim esconder a sua comoção. Daí que Pollyanna não ficasse espantada ao ouvir a tia cumprimentar Nancy com breves e frias palavras, dizendo depois rispidamente: "Claro que tudo isto foi muito simpático da sua parte, Nancy, mas realmente preferia que não o tivesse feito."

Toda a alegria se esvaiu do rosto de Nancy, que ficou muito magoada.

- Mas, Miss Polly, quero dizer, Mrs. Chilton, eu não podia entregar-lhe a casa como.

- Não interessa, Nancy - interrompeu Mrs. Chilton - Não quero falar disso.

De cabeça orgulhosamente levantada, saiu da sala. Um minuto depois ouviram bater a porta no quarto.

117

Nancy virou-se para Pollyanna, desolada.

- Miss Pollyanna, que se passa? Que fiz eu de mal? Da minha parte só houve boas intenções!

- Claro que sim! - disse Pollyanna, deixando escapar uma lágrima. - Foi tão bom que o tivesse feito!

- Mas Mrs. Chilton não gostou.

- Gostar, gostou, não quis foi mostrá-lo. Mrs. Chilton estava com medo de mostrar outras coisas. Oh Nancy, Nancy! Estou tão contente, que me apetece chorar! - o que fez, apoiando a cabeça no ombro de Nancy.

- Pronto, pronto, querida menina - procurava Nancy acalmá-la, dispensando-lhe todo o carinho.

- Sabe, é que eu não devo chorar diante dela. Foi difícil chegar aqui.

- Claro, claro, pobre cordeirinha! E eu que havia de fazer as coisas de modo a irritá-la!

- Nada disso! - rectificou Pollyanna agitada. É a maneira dela, Nancy! Ela não quer mostrar como sofre. E depois, com medo de se trair, aproveita tudo como desculpa para. também faz isso comigo. Eu conheço-a bem, está a perceber?

- Sim, assim, quase percebo... - dizia Nancy enquanto apertava ainda mais os lábios e acariciava Pollyanna. - Pobre cordeirinha, ainda bem que eu vim por vossa causa!

- Sim, eu também estou contente por ter vindo - disse Pollyanna, afastando-se gentilmente e enxugando os olhos. - Já me sinto melhor. Agradeço-lhe muito por tudo, Nancy, agora não se prenda mais connosco.

118

- Eu pensava ficar uma semana, para ajudar - disse Nancy, fungando.

- Ficar? Porquê, Nancy? Pensei que tinha casado! Não casou com o Thimoty?

- Sim, mas ele não se importa. Ele prefere que eu fique por vossa causa.

- Mas, Nancy, não podemos ter cá ninguém agora. Eu vou fazer todo o trabalho. Até sabermos exactamente como estão as coisas, vamos viver com grandes economias. Foi o que disse a tia Polly.

- Ai, se eu tivesse dinheiro... - começou Nancy por dizer, mas, ao ver a expressão de Pollyanna, parou e saiu apressadamente da sala para ir ver a galinha que estava no forno do fogão.

Só depois de terminado o jantar e de ter posto tudo em ordem, é que Mrs. Thimoty Durgin consentiu em ir-se embora com o marido. E fê-lo com manifesta relutância, depois de pedir inúmeras vezes para que a deixassem vir dar uma ajudinha de vez em quando.

Logo que Nancy se foi embora, Pollyanna dirigiu-se à sala onde Mrs. Chilton estava sentada, com a mão encobrindo os olhos.

- Posso acender a luz? - perguntou Pollyanna.

- Não vejo inconveniente.

- Não acha que foi tão simpático da parte da Nancy arranjar as coisas tão bem?

Não ouviu resposta.

- Onde conseguiu ela arranjar tantas flores? Todas as salas e até os dois quartos as têm.

Continuou sem ouvir resposta.

119

Pollyanna olhou disfarçadamente para o rosto grave da tia. Daí a pouco, recomeçou, esperançada.

- Sabe, vi o velho Tom no jardim. Pobre homem, está muito pior do reumatismo. Muito mais curvado. Ele perguntou por si, e...

Mrs. Chilton interrompeu-a severamente.

- Pollyanna, que vamos fazer?

- Fazer? Ora, faremos o melhor que pudermos, minha querida tia.

Mrs. Chilton fez um gesto de impaciência.

- Vamos lá, Pollyanna, fala a sério ao menos uma vez. Tens de perceber rapidamente que isto é muito sério. O que vamos nós realmente fazer? Como sabes, os meus rendimentos quase se acabaram. Eu sei que algumas das coisas ainda têm algum valor, embora Mr. Hurt me tivesse dito que pouco resta que valha algo que se veja. Temos algum dinheiro no banco e um pequeno rendimento, evidentemente. E também esta casa. Mas para que serve esta casa? Não a podemos comer nem vestir. É demasiado grande para nós e para o modo como

teremos de viver. Ainda se houvesse alguém interessado nela, por um preço razoável!

- Vendê-la! Oh tia, não pode vender esta casa maravilhosa, cheia de coisas tão lindas!

- Mas, se calhar temos de o fazer, Pollyanna. Sem comer é que não sobrevivemos.

- Eu sei. E eu estou sempre com tanta fome! lamentou-se Pollyanna, com uma risada insípida. Mesmo assim, não vou ficar pesarosa por ter tanto apetite.

120

- Acho bem. Sempre tinhas de encontrar alguma coisa para estar contente. Mas, responde-me, menina, que vamos fazer? Não conseguirás falar a sério durante um minuto?

O rosto de Pollyanna mudou rapidamente.

- Vou falar a sério, tia Polly. Estive a pensar e gostava de conseguir ganhar algum dinheiro.

- Quem me havia de dizer, minha querida, que teria de te ouvir dizer isso! - lamentou-se a senhora.

- Uma filha dos Harrington, ter que trabalhar para ganhar o seu pão!

- Não deve é ver as coisas assim - disse Pollyanna.

- Seria muito melhor comprazer-se por ver uma filha dos Harrington capaz de ganhar o seu pão! Aliás, como qualquer mortal! Portanto, não é desgraça nenhuma, tia Polly.

- Talvez não. Mas lá que amachuca o orgulho de uma pessoa, amachuca, principalmente devido à posição que sempre tivémos em Beldingsville. Tens de convir, Pollyanna, que não é agradável.

Pollyanna parecia não ter ouvido. Tinha o olhar fixo.

- Se eu ao menos tivesse algum talento! Se ao menos soubesse fazer alguma coisa melhor do que os outros - disse ela a suspirar. - Sei cantar um pouco, tocar um pouco, bordar um pouco, mas qualquer delas insuficientemente para ser paga por isso. Acho que do que gosto mais é de cozinhar - concluiu por fim - e tomar conta de uma casa. Gostei de o fazer naquele Inverno, na Alemanha, quando a Gretchen esteve

121

doente. Mas não sei se teria coragem de o fazer em casa de outras pessoas.

- Como se eu te deixasse, Pollyanna!

- Mas a trabalhar apenas na nossa cozinha não dá dinheiro nenhum - lamentou Pollyanna. - E é de dinheiro que precisamos.

- Sim, na realidade, é disso mesmo que precisamos

- confirmou a tia Polly suspirando.

Fez-se um longo silêncio, finalmente quebrado por Pollyanna.

- A tia que tanto fez por mim! E eu, agora, sem saber como ajudar! Porque não nasci eu com qualquer coisa que valesse dinheiro?

- Deixa lá, querida, não penses mais nisso! Se o tio Thomas.

- Pollyanna olhou para a tia com vivacidade e pôs-se de pé.

- Oiça, minha tia, isso não serve de nada! exclamou ela, mudando totalmente de atitude. - Não se atormente, tia. Quer apostar em como hei-de desenvolver um talento maravilhoso, um destes dias? Além disso, acho tudo isto verdadeiramente entusiasmante, mesmo com tanta incerteza. É muito mais divertido precisar das coisas e ficar na expectativa. Saber de

antemão que teremos tudo o que queremos é uma rotina enfadonha. - Concluiu ela, com uma gargalhada.

Mrs. Chilton, porém, não se riu. Apenas suspirou e disse:

- Querida Pollyanna, que criança tu és!

14. Duas cartas

Na segunda metade de Junho desse ano chegou uma carta de Della Wetherby para Pollyanna.

"Estou a escrever-lhe para lhe pedir um favor. Tenho a esperança de que me possa indicar alguma família tranquila em Beldingsville, que esteja disposta a hospedar a minha irmã durante o Verão. Seriam três pessoas Mrs. Carew, a sua secretária e o seu filho adoptivo, Jamie. Eles não querem ir para um hotel nem para uma pensão. A minha irmã está muito cansada e o médico aconselhou-a a ir para o campo repousar: Ele sugeriu Vermont ou New Hampshire. Por isso, pensámos imediatamente em Beldingsville e em si. E aqui estou a perguntar-lhe se nos pode recomendar

um lugar adequado. Eu disse a Ruth que lhe ia escrever: Eles gostavam de partir já no princípio de Julho, se possível. Seria abusar de si, pedir-lhe que nos informasse logo que soubesse de um local? Por favor responda para mim, aqui para o Sanatório. A minha irmã está connosco para algumas semanas de tratamento.

"Aguardo resposta. Saudades,

Della Wetherby. "

123

Após os primeiros minutos, concluída a leitura da carta, Pollyanna sentou-se de sobrolho franzido, pensando em casas de Beldingsville que pudessem hospedar os seus amigos. De repente ocorreu-lhe outra coisa, muito diferente, que a fez correr de alegria à sala de estar, onde a tia curti os seus prantos.

- Tia, tive uma ideia ótima. Eu bem lhe disse que alguma coisa acabaria por acontecer. Ouça só! Recebi uma carta de Mrs. Wetherby, a irmã de Mrs. Carew, com quem fiquei há anos, no Inverno, em Boston. Lembra-se? Elas querem vir passar o Verão ao campo e Mrs. Wetherby escreveu-me a pedir se eu lhes podia arranjar um lugar. Não querem ir para um hotel nem para uma pensão. De princípio não me lembrei onde podia ser, mas agora já sei. Eureka! Adivinhe onde, tia?

- Oh, querida, que excitação? - exclamou Mrs. Chilton - Nem parece teres vinte anos. De que estás tu agora a falar?

- Sobre a casa onde hospedar Mrs. Carew e o Jamie.

- Ah, sim? E então? Em que é que isso me pode interessar? - murmurou Mrs. Chilton, alheada.

- Ora, porque é aqui mesmo. Vamos tê-los aqui, tia.

- Pollyanna! - Mrs. Chilton levantou-se muito hirta e horrorizada.

- Ouça tia, por favor não diga que não. Por favor!

- pediu Pollyanna, ansiosa. - Não está a ver? É a minha oportunidade, a oportunidade que eu já esperava. Podemos muito bem fazer isso. Temos imenso

124

espaço e sabe que eu posso cozinhar e arrumar a casa.

Receberemos dinheiro pois eles pagam bem. Adorariam

vir para cá, tenho a certeza. São três pessoas, vem uma secretária com eles.

- Mas, Pollyanna, eu não posso! Não posso transformar esta casa numa pensão! O solar dos Harrington

não se pode tornar numa mera pensão. Não Pollyanna, não pode ser!

- Não, tia não seria uma pensão vulgar, mas antes

uma pensão invulgar. Diacho, e são nossos amigos!

Amigos que nos visitam... embora como clientes, a

pagar! Ganharíamos assim algum dinheiro, que tanto

necessitamos, tia!

O rosto de Polly Chilton foi atravessado por um espasmo de orgulho ferido. Com um lamento em voz baixa encostou-se na cadeira.

- Mas, como, querida? - perguntou finalmente, com voz sumida. - Como podes tu fazer o trabalho todo sozinha?

- Não, claro que não! - disse Pollyanna, já mais

segura de ter convencido a tia. - Eu cozinhalva e governava a casa, e tenho a certeza que uma das irmãs mais

novas de Nancy nos podia ajudar no resto. Mrs. Durgin podia lavar a roupa, como faz agora.

- Mas, Pollyanna, eu não me sinto nada bem e não posso fazer grande coisa.

- Não, claro que não e não há razão nenhuma para

que faça - disse Pollyanna meio a brincar. - Oh, tia!

Não vai ser tão bom? Até acho demasiado bom para ser verdade. O dinheiro vir ter-me às mãos, assim!

125

- Vir-te ter às mãos? Ainda tens de aprender muita coisa neste mundo, Pollyanna. Uma delas é que os hóspedes de Verão não pagam nada a ninguém sem obter bastante em troca. Actualmente, já cozinhas, arrumas e limpas a casa, e ficas esgotada. Depois, nem sei como será. Vais derrear-te a servir as pessoas e a pôr a casa em ordem. Depois me contas!

- Está bem! - disse Pollyanna, já alegre. Então vou escrever imediatamente a Miss Wetherby, de modo a que o Jimmy Bean possa meter a carta no correio, quando vier à tarde.

Mrs. Chilton olhou inquieta.

- Pollyanna, não gosto que chames a esse jovem tal nome. "Bean" faz-me estremecer. Porque não Pendleton, tanto quanto eu sei?

- Pois é - concordou Pollyanna -, esqueço-me quase sempre. Ele também não gosta... - concluiu, já a sair da sala, a dançar.

Quando Jimmy veio visitá-la, às quatro da tarde, a carta estava pronta. Ainda tremia de entusiasmo e anseio e contou imediatamente a história ao seu visitante.

- Estou morta por os ver - exclamou ela após lhe ter contado os seus planos. - Desde aquele Inverno que não os vejo. Acho que lhe contei tudo sobre o Jamie, não foi?

- Sim, sim, contou. - Havia certo constrangimento na voz do jovem.

- Não é esplêndido que eles possam vir?

- Não vejo porque há-de ser esplêndido.

126

- Então não tenho uma oportunidade tão boa para ajudar a tia Polly, mesmo que seja por pouco tempo? Claro que é esplêndido, Jimmy!

- E muito duro para si - disse ele empertigado e incomodado.

- Acredito que sim. Mas ficarei contente por causa do dinheiro. Estou sempre a pensar nisso. Sou mesmo mercenária, Jimmy!

Durante um minuto não se ouviu resposta. Depois, um pouco de repente, o jovem perguntou:

- Que idade tem esse Jamie?

Pollyanna olhou-o com um sorriso feliz.

- Ah, já me lembro, nunca gostou do nome dele, mas não interessa. Agora é adoptado e deve ter tomado o nome de Carew.

- Pois, mas não me disse que idade ele tem.

- Creio que ninguém o sabe, exactamente. Admito, porém, que seja mais ou menos da sua idade. Gostava de saber como está ele agora. De qualquer modo, nesta carta pergunto isso tudo.

- Ah, pergunta?

Pendleton olhou a carta que tinha na sua mão e sacudi-a com algum desprezo. Apetecia-lhe deixá-la cair, rasgá-la ou sumi-la mesmo. Deitá-la no correio é que não.

Jimmy sabia perfeitamente bem que estava com ciúmes e que sempre tinha tido ciúmes desse jovem de nome tão parecido e ao mesmo tempo tão diferente do seu. Não que ele estivesse apaixonado por Pollyanna. Assim, o afirmava veementemente a si próprio. Só que

127

também não estava nada interessado em que esse estranho, de nome efeminado, viesse para Beldingsville transtornar os bons momentos que eles passavam juntos. Por pouco não o disse a Pollyanna. Até que se despediu, levando a carta consigo.

Realmente, Jimmy não deu azo aos seus maus pensamentos sobre o encaminhamento da carta, pois, alguns dias mais tarde, Pollyanna recebeu uma rápida resposta, encantada, de Miss Wetherby, e quando Jimmy foi visitá-la já teve de ouvir falar dela, dado que

Pollyanna a resumiu nestes termos:

- Na primeira parte diz que está contentíssima por poderem vir. No resto, fala de pormenores sem interesse para si. Além disso, em breve, vai conhecê-los. Acredite, confio bastante em si, Jimmy, para me ajudar a acompanhá-los e a tornar as coisas mais agradáveis para eles.

- Ah está?

- Peço-lhe que não seja sarcástico, só porque não gosta do nome do Jamie! - recomendou Pollyanna, fingindo-se severa. - Você, de certeza, vai gostar dele quando o conhecer. E há-de adorar Mrs. Carew.

- Acha que sim? - retorquiu Jimmy amuado. É uma boa previsão! Espero ao menos que, se eu o fizer, você me corresponda com simpatia.

- Mas é claro. Agora oiça, não resisto, vou ler-lhe sobre Mrs. Carew. A carta é da irmã, Miss Wetherby, que trabalha no Sanatório.

- Está bem! - disse Jimmy, numa tentativa de mostrar educadamente interesse.

128

Pollyanna, sorridente e também ansiosa, começou a ler:

"Pedi-me que lhe contasse tudo acerca de toda a gente. Isso é uma grande tarefa, todavia farei o melhor que puder. Para começar, penso que encontrará a minha irmã muito modificada. Os novos interesses que entraram na sua vida nos últimos seis anos fizeram milagres. Actualmente está um pouco magra e cansada, por excesso de trabalho, mas um bom repouso remediará isso e há-de ver como ela parece jovem e alegre. Porfavor, repare que eu disse alegre. Isso, para si, não significa tanto como signi fica para mim, evidentemente, pois era demasiado nova para compreender como ela era triste e infeliz quando a conheceu naquele Inverno, em Boston. Então, a sua vida, não passava de indiferença e desespero, enquanto agora se apresenta cheia de interesse e alegria.

"Primeiro, adoptou o Jamie. Quando os vir juntos compreenderá logo o que ele representa para ela. Continuamos sem saber se ele é o verdadeiro Jamie, ou não, mas minha irmã gosta dele como se fosse o seu próprio filho e adoptou-o legalmente, como calculo que saiba.

"Depois tem as suas raparigas. Lembra-se da Sadie Dean, a empregada de balcão? Interessou-se por ela e procurou ajudá-la, proporcionando-lhe uma vida melhor. Depois, aumentou os seus esforços, pouco a pouco, e presentemente tem imensas

129

raparigas que a consideram como o anjo-da-guarda. Abriu um lar, para raparigas trabalhadoras, em mol des novos. A sua principal auxiliar é a secretária, a Sadie Dean. Também a irá achar bastante mudada embora continue a ser a mesma Sadie.

"Quanto ao Jamie, pobre Jamie! A maior tristeza da sua vida é que, agora, sabe que não mais poderá andar. Mas para quem conviva com Jamie, raramente o vê como um aleijado. Que alma a dele! Livre! É inexplicável, mas há-de perceber o que quero dizer quando o vir. Além disso, ele conservou maravilhosamente o seu entusiasmo de rapaz e a alegria de viver. Só há uma coisa que poderia extinguir o seu humor e lançá-lo no desespero. Seria descobrir que não é Jamie Kent, o nosso sobrinho. Ele tem-no desejado tão ardentemente

que, presentemente, acredita de facto ser o verdadeiro Jamie. Mas, se não for, espero que nunca o venha a descobrir.

- Aqui está, é tudo o que ela diz sobre eles - anunciou Pollyanna, dobrando a carta. - Não é interessante?

- Sim, claro!

- Agora, havia algo de genuíno na voz de Jimmy. Pensava no que representavam para si as suas pernas. Já não fazia caso de que esse pobre jovem aleijado beneficiasse de alguma atenção de Pollyanna, desde que ela não exagerasse!

15. Os hóspedes

Os dias que antecederam a chegada "dessa gente incomodativa", como a tia Polly designava os hóspedes da sobrinha, foram dias muito trabalhosos para Pollyanna, mas foram também dias alegres, pois ela não se deixava desanimar por mais difíceis que fossem os problemas a resolver.

Tendo convocado Nancy e a irmã mais nova desta, Betty, para a ajudar, Pollyanna percorreu sistematicamente a casa, quarto por quarto e preparou tudo com muito esmero para o maior conforto e comodidade dos seus tão desejados hóspedes. Mrs. Chilton pouco ou nada podia ajudar, ou porque não se sentia bem, ou porque a sua atitude mental, em relação àquela ideia não era de todo favorável, já pelo seu orgulho doentio, já por preconceitos atávicos. Murmurava constantemente:

- Ai, Pollyanna, Pollyanna, só de pensar que o solar dos Harrington se vai tornar nisso!

- Que tem de mal? - procurou Pollyanna apaziguá-la, rindo. - São os Carew que vêm para o solar dos Harrington!

131

Mas Mrs. Chilton não achou graça nenhuma e apenas respondeu com um olhar de desprezo e um grande suspiro, que a sobrinha aproveitou para se retirar e deixá-la sozinha.

No dia combinado, Pollyanna, acompanhada de Thimoty, que era agora dono dos antigos cavalos dos Harrington, dirigiram-se à estação para esperar o comboio da tarde. Até aí, no coração de Pollyanna só havia confiança e alegre expectativa. Mas, ao ouvir o barulho da locomotiva, sentiu-se tomada de um verdadeiro pânico, cheia de dúvidas, desalentada. Compreendeu de súbito a situação na exacta dimensão. Viu-se pouco mais que só. Lembrou-se da riqueza, da posição e dos gostos requintados de Mrs. Carew. Veio-lhe à lembrança o Jamie, certamente mais crescido e diferente do rapazito que conhecera. Foram momentos horríveis, em que só lhe apetecia fugir dali.

- Thimoty, sinto-me mal. Diga-lhes que não pude vir - disse ela gaguejando, preparando-se para se ir embora.

- Minha senhora! - exclamou Thimoty, espantado.

Porém, bastou a Pollyanna olhar para o rosto espavorido de Thimoty. Riu-se e empertigou-se toda.

- Pronto, não foi nada! Estão quase a chegar - disse ela embaraçada e de voz ofegante. Não tardou que Pollyanna os reconhecesse imediatamente. Se tivesse alguma dúvida, as muletas

nas mãos de um jovem alto, de cabelos castanhos, identificariam as pessoas que aguardava.
132

Durante alguns minutos cumprimentaram-se. E logo a seguir Pollyanna deu consigo na charrete com Mrs. Carew a seu lado e Jamie e Sadie Dean diante de si. A realidade mostrava-lhe agora os seus amigos e não deixava de notar-lhes as alterações que em seis anos se tinham produzido.

Quanto a Mrs. Carew, o primeiro sentimento foi de surpresa. Já se tinha esquecido que ela era tão simpática. Também não se recordava que as suas pestanas fossem tão longas e os olhos tão bonitos. Até deu consigo a pensar, invejosamente, como aquele rosto estava de acordo com as medidas do artigo da revista que lera. E, acima de tudo, alegrava-se por não lhe ver os mínimos indícios de tristeza ou amargura.

Depois, apreciou Jamie. Também com ele ficou surpreendida. De facto, tornara-se bonito, e tinha mesmo um ar realmente distinto. Quando se fixou nas muletas, a seu lado, é que a garganta se lhe contraiu, com um espasmo de compaixão.

De Jamie, Pollyanna virou-se para a Sadie Dean. Quanto às linhas do seu rosto, pareciam-lhe bastante as da rapariga que conhecera em Boston. Mas não foi preciso uma segunda observação para perceber que Sadie, quanto ao cabelo e à maneira de vestir, e sobre o discurso e a disposição era uma Sadie bem diferente, para melhor, claro.

Foi, porém, o Jamie que iniciou a conversa mais substancial.

- Que bom que foi oferecerem-nos a vossa casa - dirigiu-se ele a Pollyanna. - Nem queira saber o que

133

eu pensei e como me senti quando escreveu a dizer que podíamos vir!

- Que foi, então? - perguntou Pollyanna hesitante, de olhos fixos nas muletas, e continuando a sentir a garganta apertada.

- Pensei na rapariguinha do Jardim Público com o seu saco de amendoins para Sir Lancelot e Lady Guinevere. Sabia que nos estava a colocar no lugar deles, pois se então tinha um saco de amendoins e nós não tínhamos nenhum não ficaria contente enquanto não os dividisse connosco.

- Um saco de amendoins? - disse Pollyanna a rir.

- Bom, neste caso, o saco de amendoins são quartos arejados no campo, leite de vaca e ovos a sério - continuou Jamie extravagantemente. - Mas vai dar ao mesmo. E é bom que a avise... Lembra-se de como o Sir Lancelot estava sempre esfomeado?

- Está bem, eu assumo o risco - disse Pollyanna, pensando como estava satisfeita por a tia Polly não estar presente para ouvir a confirmação das suas piores previsões assim tão cedo.

- Pobre Sir Lancelot! Alguém lhe dará ainda de comer?

- Se for vivo alguém lhe há-de dar de comer - interpôs-se Mrs. Carew, bem disposta. - Este trouxa ainda lá vai uma vez por semana. Não tenho dúvidas, porque quando quero flocos para o pequeno-almoço, e não há, dizem-me: "O senhor Jamie deu-os de comer aos pombos, minha senhora! "

- Mas, deixe-me que lhe diga. - intrometeu-se Jamie, entusiasmado.

E Pollyanna pôs-se a ouvi-lo, com todo o antigo fascínio, contar a história de um par de esquilos num jardim iluminado pelo Sol.

Para grande alívio de Pollyanna, o primeiro e receado encontro entre a tia Polly e os Carew, correu melhor do que pensara. Os recém-chegados estavam tão encantados com a casa antiga e tudo o que nela existia, que era impossível a proprietária continuar numa atitude rígida diante deles. Além disso, logo se tornou evidente que o encanto e magnetismo pessoais de Jamie quebraram a própria armadura de desconfiança da tia Polly. Pollyanna respirou fundo assim que se apercebeu de que a tia Polly começara a desempenhar o papel de simpática anfitriã destes hóspedes.

Apesar do seu alívio pela alteração de comportamento da atitude da tia, Pollyanna sabia que ainda havia obstáculos a superar, mormente o trabalho a ter. A irmã de Nancy apareceu, mas não era a mesma coisa que a Nancy, como depressa se viu. Além de inexperiente, era lenta. Pollyanna estava receosa que as coisas não corressem pelo melhor. A sua incerteza era tal, que, para si, uma cadeira com pó era um crime e um bolo caído ao chão uma tragédia.

Gradualmente, porém, depois de muito instada por Mrs. Carew e por Jamie, Pollyanna passou a encarar os afazeres mais calmamente, aprendendo que os seus temores aos olhos dos amigos não eram uma cadeira com pó ou um bolo caído, mas sim a expressão de preocupação e ansiedade do seu rosto, o que muito preocupava os visitantes.

- Como se não fosse suficiente deixar-nos vir! afirmou Jamie. - Acredite, não queremos que se mate a trabalhar só para nos dar de comer.

- Além disso, não comemos muito - interveio Mrs. Carew a rir - senão arranjam uma "digestão" como diz uma das minhas raparigas quando a comida não lhe cai bem.

Afinal, os novos membros da família adaptaram-se maravilhosamente ao quotidiano da casa. Ainda não tinham passado 24 horas e Mrs. Carew ouvia Mrs. Chilton manifestar interesse sobre o seu novo lar para raparigas trabalhadoras; e Sadie Dean e Jamie discutiam sobre a possibilidade de ajudarem a descascar ervilhas ou a apanhar flores.

Os Carew já estavam no solar dos Harrington há quase uma semana, quando uma noite John Pendleton e Jimmy vieram de visita. Pollyanna já os esperava, porque, com efeito, antes dos Carew chegarem, ela tinha-lhes pedido muito que viessem. Foi, pois, orgulhosa que fez as apresentações.

- São tão meus amigos que quero que se conheçam bem e que sejam também amigos entre si - auspicou ela.

Pollyanna não ficou nada surpreendida por Jimmy e Mr. Pendleton ficarem impressionados com o encanto e a beleza de Mrs. Carew. Mas a expressão que surgiu no rosto de Mrs. Carew, ao ver Jimmy, surpreendeu-a. Dir-se-ia ter sido uma expressão de reconhecimento.

- Não nos encontrámos já antes, Mr. Pendleton?

- exclamou Mrs. Carew.

Jimmy olhou-a espantado e respondeu:

- Penso que não. Ou melhor, tenho a certeza que não. De contrário, tê-la-ia reconhecido - disse, com uma vénia.

A sua expressão foi tão enfática que todos riram. E John Pendleton galhofou:

- Muito bem, muito bem, meu filho! Eu não o conseguiria fazer tão bem!

Mrs. Carew corou ligeiramente, sem deixar de rir com os outros.

- Olhe, a sério! - insistiu ela. - Fora de brincadeiras. Existe algo de extremamente familiar no seu rosto! Juraria que já o vi algures, se não o encontrei mesmo!

- Quem sabe! - interpôs-se Pollyanna. - Talvez em Boston. Jimmy estuda lá engenharia. Vai construir pontes e barragens quando crescer! - concluiu ela, com alegria, olhando o rapaz com um metro e oitenta, ainda de pé diante de Mrs. Carew.

Todos voltaram a rir, com excepção de Jamie. E só Sadie Dean reparou que Jamie em vez de rir, fechou os olhos, como se alguma coisa o magoasse. E só ela sabia porquê, daí que procurasse logo mudar de assunto. Não surpreendeu, pois, que comesse a falar de livros, flores, animais e pássaros, coisas que Jamie conhecia e compreendia. De facto, ninguém se dera conta dessa manobra de Sadie, nem mesmo Jamie.

Quando os Pendleton se despediram, Mrs. Carew voltou novamente à sensação curiosa de que já tinha visto o jovem Pendleton.

137

- Tenho a certeza que já o vi - declarou, ela pensativa. - Pode ter sido em Boston, mas. - não concluiu a frase e acrescentou: - É um bonito rapaz! Gosto dele!

- Coincide com o meu gosto, também gosto muito dele! - disse Pollyanna. - Aliás sempre gostei do Jimmy.

- Já o conhece há muito, não? - perguntou Jamie um pouco triste.

- Sim, conheci-o há anos, quando era menina. Chamava-se então Jimmy Bean.

- Jimmy Bean! Porquê? Ele não é filho de Mr. Pendleton? - perguntou Mrs. Carew surpreendida.

- Não. Só por adopção.

- Adopção? - inquiriu Jamie. - Então ele não é filho autêntico, tal como eu? - na voz do rapaz notava-se uma curiosa alegria.

- Não. Mr. Pendleton não tem filhos. Nunca foi casado.

Pollyanna calou-se de súbito, notando-se que algo mais teria para dizer, o que não passou despercebido a Mrs. Carew e Jamie, que, desconhecendo as causas, se perguntaram a eles próprios: "Será possível que aquele homem, John Pendleton, se tenha apaixonado por Pollyanna?"

Naturalmente que foi dúvida que lhes ficou no íntimo e portanto não pôde ser confirmada, embora não ficasse esquecida.

16. A decisão de Jimmy

Antes dos Carew chegarem, Pollyanna dissera a Jimmy que estava a contar com ele para a ajudar a entretê-los. Jimmy não se tinha manifestado excessivamente desejoso disso, mas

ainda os visitantes não estavam no solar há quinze dias, já ele se mostrava não só interessado mas ansioso por poder ser útil, a julgar pela frequência e duração das suas visitas e pela insistência em pôr à disposição dos hóspedes os cavalos e os automóveis dos Pendleton.

Entre ele e Mrs. Carew estabeleceu-se uma amizade encantadora baseada no que parecia ser uma forte atracção mútua. Passeavam e conversavam juntos e faziam até planos para o lar das raparigas trabalhadoras, a inaugurar no Inverno seguinte, quando Jimmy estivesse em Boston.

Jimmy não estava só nas suas propostas de diversão. Cada vez mais frequentemente, John Pendleton aparecia com ele. Planeavam passeios a cavalo e de automóvel bem como piqueniques, passando tardes encantadoras lendo livros e fazendo tricot na varanda dos Harrington.

139

Pollyanna estava encantada. Não só os hóspedes eram entretidos, desviando-os de possibilidade de sentirem saudades de casa, como por sua vez se tornaram amigos de outros bons amigos, os Pendleton. Assim, tal-qualmente uma galinha com os seus pintos, ela encorajava as reuniões na varanda e fazia tudo o que podia para manter o grupo unido e contente.

E o Verão foi decorrendo alegre e descontraidamente.

Porém, Pollyanna adivinhava em Jamie alguma amargura subjacente, que antes não vira. Bem percebia que, de vez em quando, ele parecia quase querer evitar os outros e suspirava, como se ficasse aliviado, quando se encontrava a sós com ela. E a razão desse comportamento mais se lhe arreigou no espírito quando uma vez ao observarem os outros a jogar ténis, ele lhe disse:

- Sabe, não há ninguém que me compreenda tão bem como a Pollyanna.

- Que o compreenda?

- Sim, porque a Pollyanna em tempos também não pôde andar.

- Ah, sim, é verdade! - disse Pollyanna, hesitante, percebendo que a sua amargura devia ter transparecido uma vez que ele mudou rapidamente de assunto:

- Então, Pollyanna, porque não me convida a jogar o jogo? No seu lugar, era isso que eu diria. Não, por favor, esqueça! Fui um bruto ao falar-lhe nisso. Esqueça!

140

Pollyanna sorriu e rematou: - Não, não! - mas nunca mais se esqueceu, e ficou até mais ansiosa por estar com Jamie e por o ajudar em tudo que pudesse.

- Jamais poderei deixar que ele perceba que eu não fico contente quando está comigo!

Pollyanna, porém, não era a única no grupo que sentia tal constrangimento. Jimmy Pendleton também o sentia embora procurasse escondê-lo.

Jimmy, naquela altura, não se sentia feliz. Com uma juventude despreocupada e perspectivas que deixavam antever o melhor, ele tornou-se ansioso e também receoso que o rival lhe levasse a rapariga que amava.

Jimmy já não duvidava que estava apaixonado por Pollyanna. E esse sentimento era tão

evidente, que ficava estupefacto ao ver-se tão afectado e impotente face ao que lhe estava a acontecer. Sabia que as suas simpáticas pontes nada valiam quando comparadas com um sorriso de Pollyanna. Tinha consciência, isso sim, de que a ponte mais maravilhosa do mundo seria aquela que o ajudasse a atravessar o receio e a dúvida que sentia existir entre si e Pollyanna. Dúvida por causa de Pollyanna, receio por causa de Jamie.

Interrogava-se sobre se Pollyanna gostaria de Jamie. E admitia que sim. A questão que se lhe punha era se deveria ficar de parte, como um fraco, e deixar que Jamie a fizesse gostar ainda mais dele. Isso sim, revoltava-o. Jimmy decidiu que não haveria de ser assim. Iria para uma luta justa entre ambos.

No entanto, Jimmy sentiu-se corar até à raiz dos cabelos. Como uma luta "justa"? Seria possível haver

141

uma luta "justa" entre ele e Jamie? Sobreveio-lhe de súbito o mesmo que sentira há anos, ainda rapaz, quando desafiou outro para brigar por uma maçã que ambos desejavam e depois descobriu, ao primeiro soco, que o outro era aleijado de um braço. Perdeu propositadamente. Mas, agora, dizia para consigo, era diferente. Pollyanna não era propriamente uma maçã. Era a felicidade da sua vida; e certamente também a dela.

E mais uma vez, Jimmy voltou a corar, ao mesmo tempo que franzia a testa, zangado. Se ao menos conseguisse esquecer a expressão lamentosa do Jamie, "amarrado a duas muletas"! Mas de que serviria? Nem por isso seria uma luta justa, bem o sabia. Portanto, decidia: iria observar e esperar. Daria a Jamie a sua oportunidade.

Sim senhor, que atitude bonita e heróica! Jimmy estava tão exaltado que se sentiu quase feliz, adormecendo em paz nessa noite. Porém, o martírio na prática é uma coisa e na teoria outra. Assim o verificaram os mártires desde tempos imemoriais. Foi fácil decidir, sozinho e no escuro, que o Jamie teria a sua oportunidade. Mas já não era tão fácil fazê-lo na prática, quando isso implicava deixar Pollyanna e Jamie juntos.

Jimmy também estava preocupado com a atitude de Pollyanna, em relação ao jovem aleijado. Para Jimmy parecia que ela de facto gostava de Jamie, pelo zelo que mostrava em relação ao conforto dele e pela ânsia que parecia ter em estar com ele. Um dia como se fosse para desfazer qualquer dúvida que ainda existisse, Sadie Dean teve algo a dizer sobre o assunto.

142

Estavam todos no corte de ténis. Sadie estava sentada sozinha quando Jimmy apareceu.

- Joga a seguir com Pollyanna? - perguntou-lhe Jimmy.

Ela respondeu que não.

- Pollyanna não joga mais esta manhã.

- Não joga mais? - perguntou Jimmy surpreso, pois contava jogar com ela mais tarde. - Porque não?

Sadie Dean não respondeu logo, desabafando com alguma dificuldade:

- Pollyanna disse-me ontem que estavam a jogar ténis de mais e que isso não era simpático para Mr. Carew pois ele não podia jogar.

- Eu sei, mas. - Jimmy não chegou a concluir, franzindo ainda mais a testa, pois Sadie Dean interrompeu-o.

- Mas ele não quer que ela páre de jogar. Aliás não quer que nenhum de nós se comporte de modo diferente por sua causa. É isso que o magoa. Mas ela não compreende!

Ouve algo nas palavras e nos modos dela que causou viva impressão em Jimmy. Uma pergunta aflorou-lhe os lábios. Era visível que se refreava, decerto preocupado, mas perguntou:

- Porquê, Miss Dean? Acha que existe algum interesse especial entre eles?

Ela olhou-o de modo trocista.

- Onde tem os olhos? Ela adora-o! Melhor, eles adoram-se! - corrigiu apressadamente.

143

Jimmy, fora de si, virou-se e afastou-se. Não queria ficar ali mais tempo, a falar com Sadie Dean. Por isso se afastou tão depressa que nem reparou que Sadie Dean também se virara e olhava fixamente para a relva. Era bem evidente que também ela não queria continuar a conversa.

Jimmy Pendleton tentou autoconvencer-se de que aquilo não era verdade. No entanto, verdade ou não, não conseguia esquecer. Procurou ser mais optimista, mas ressentia-se sempre que via Pollyanna e Jamie juntos. Até que acabou por achar que, afinal, era verdade e que se adoravam realmente um ao outro. E o resultado foi sentir o coração pesado como chumbo. De modo que, fiel à promessa que fizera a si próprio, afastou-se resolutamente. "Os dados estavam lançados", disse para si, "Pollyanna não seria dele".

Seguiram-se dias de desassossego para Jimmy. Não ousava afastar-se completamente do solar dos Harrington, receoso que suspeitassem do seu segredo. Agora, estar com Pollyanna, era uma tortura. Até com Sadie Dean, pois não esquecia que fora ela quem lhe abria os olhos. Nem, compreensivelmente, o Jamie podia ser o seu porto de abrigo, restando-lhe apenas Mrs. Carew. Esta, aliás, acolheu-o muito bem, e naqueles dias, realmente, era apenas junto dela que Jimmy se sentia confortado. Correspondeu exactamente ao estado de espírito dele, e era surpreendente como sabia tanta coisa sobre as pontes que ele ia construir. Além disso, era sensata e simpática, sabendo sempre dizer a palavra certa

144

no momento certo. Um dia esteve quase a falar-lhe sobre o "envelope", mas John Pendleton interrompeu-os acidentalmente de modo que acabou por não lhe contar a história.

O "envelope" era uma coisa que remontava à infância de Jimmy e que ele nunca tinha contado a ninguém, salvo a John Pendleton, e isso apenas por altura da sua adopção. Era um sobrescrito branco, grande, gasto pelo tempo e fechado misteriosamente com um selo de lacre vermelho. Fora-lhe dado pelo pai e inseria as seguintes instruções escritas pela sua própria mão:

"Ao meu filho Jimmy. Não deve ser aberto antes de ele fazer trinta anos, excepto em caso de morte, devendo então ser aberto de imediato. "

Às vezes Jimmy especulava sobre o conteúdo desse sobrescrito. Mas quase sempre

esquecia a sua existência. Nos tempos em que esteve no orfanato, o seu maior temor era que o descobrissem ou lho tirassem. Tanto que o usava sempre escondido no forro do casaco. Mais tarde, por sugestão de John Pendleton, foi guardado no cofre da mansão.

"Não sabemos que valor tem", dizia John Pendleton, "e o teu pai queria que o conservasses, por isso não podes correr o risco de o perder. "

Foi este "envelope" que Jimmy esteve quase a referir a Mrs. Carew. E talvez tenha sido melhor assim, pensou Jimmy para consigo. "Quem sabe se ela pensaria que meu pai tivesse tido alguma coisa na sua vida que não fosse correcta? E não quero que assim pense de meu pai. "

17. O jogo e Pollyanna

Antes de meados de Setembro, os Carew e Sadie Dean despediram-se e regressaram a Boston. Apesar de saber que iria sentir a falta deles, Pollyanna suspirou de alívio quando o comboio que os transportava se afastou da estação de Beldingsville. Era um sentimento de alívio que Pollyanna não confessaria a ninguém, e até a si própria pedia desculpas por isso.

"Não é que eu não goste muito deles, de todos eles", pensou ela, ao ver o comboio a desaparecer na curva, "só que estou cansada de ter pena do pobre Jamie, e, assim, ficarei contente por voltar aos dias tranquilos com o Jimmy".

Pollyanna, porém, não regressou aos velhos dias tranquilos com o Jimmy. É certo que os dias que se seguiram foram calmos, mas sem a presença de Jimmy. O jovem só raramente se aproximava da casa e quando a visitava não era o mesmo de antes. Melancólico, inquieto e silencioso ou então excessivamente alegre e falador, em geral manifestava um nervosismo quase incomodativo. Também ele, pouco tempo depois, partiu para Boston.

146

Pollyanna ficou surpreendida ao ver como sentia a falta do amigo. Até o facto de saber que ele estava na cidade e que existia a possibilidade de a vir visitar era melhor do que o vazio da sua ausência total. Mesmo apesar da sua instabilidade de espírito. Até que um dia disse a si própria: "Então, Pollyanna Whitier até parece apaixonada por Jimmy Bean! Será que não consegues pensar senão nele?"

Depois disto, esforçou-se por cultivar a alegria e por afastar Jimmy Pendleton dos seus pensamentos. E a tia Polly, embora involuntariamente, também a ajudou.

Com a partida dos Carew, cessou também a principal fonte de rendimentos e a tia Polly começou de novo a preocupar-se e lamentar-se sobre o seu estado financeiro, repetindo:

- Realmente, não sei, Pollyanna, o que vai ser de nós. É certo que ainda temos uma pequena reserva graças aos hóspedes de Verão, e mais a pequena quantia da propriedade, mas não sei quanto tempo isto vai durar. Se ao menos pudéssemos fazer alguma coisa capaz de render algum dinheiro!

Foi depois de um destes lamentos que Pollyanna leu numa revista sobre um concurso de novelas, com prémios avultados e numerosos, e condições muito atraentes. Dava a ideia de muito fácil e incluía, até, um apelo, que parecia dirigido especialmente a Pollyanna:

Isto é para si que nos está a ler. Não importa que nunca tenha escrito uma novela. Isso não

quer dizer que não possa ou não saiba escrevê-la. Basta experimentar.

147

Não gostava de ganhar três mil dólares? Dois mil? Mil? Quinhentos ou mesmo cem? Porque não? Vá, experimente

Logo Pollyanna pensou: "Ainda bem que vi isto! Diz mesmo que hei- de conseguir! Vou contar à tia, até para que não se preocupe mais..."

Mas já quase ao chegar à porta, reflectiu melhor, parou e cismou: "Bom, pensando melhor, é preferível não lhe dizer. Será melhor fazer-lhe a surpresa. Ai, se eu conseguisse o primeiro prémio!" e foi deitar-se, a conjecturar no que faria com os três mil dólares.

No dia seguinte, Pollyanna começou a escrever a sua novela. Com efeito, com ares muito importantes, pegou numa quantidade de folhas de papel, afiou meia dúzia de lápis e sentou-se na grande secretária antiga dos Harrington, existente na sala de estar. Depois de morder nervosamente em dois lápis, pondo um deles de parte, estragado, desesperada interrogava-se: "Como é que eles arranjarão os títulos? O melhor seria talvez pensar primeiro na história!" Porém, não conseguia arrumar ideias e, ao fim de meia hora, uma folha inteira estava cheia de rasuras, com apenas algumas palavras aqui e ali. Até que a tia Polly entrou na sala, mirou a sobrinha e perguntou:

- Então, Pollyanna, que estás a fazer? Pollyanna riu e corou embaraçada.

- Nada de especial, tia - admitiu ela, com um sorriso divertido. - Mas, quero dizer-lhe, é um segredo, que todavia, ainda não lhe vou contar.

148

- Como queiras! Devo é dizer-te que se estás a tentar pôr em ordem os papéis que Mr. Hart deixou, é escusado! Já o tentei por duas vezes!

- Não, não é isso, é muito melhor - garantiu Pollyanna triunfante, retomando o trabalho.

Aos seus olhos surgira a visão deslumbrante do que faria se recebesse os três mil dólares. Escreveu e rasurou durante mais de meia hora. Depois, mordeu os lápis de desespero e, um pouco desanimada, reuniu as folhas e deixou a sala. "Talvez consiga trabalhar melhor lá em cima. E eu a pensar que seria melhor à secretária! De verdade, esta manhã, acho que não me está a ajudar muito. Vou experimentar na cadeira, junto à janela do meu quarto"

Porém, o cadeirão e a janela do aposento não lhe deram mais inspiração, a julgar pela quantidade de folhas escritas e reescritas que tinha nas mãos. Ao fim de mais meia hora, Pollyanna viu de repente que eram horas de jantar. "Ai, ainda bem", disse a suspirar, "prefiro ir jantar a continuar com isto. Não que não queira continuar, mas, realmente, não fazia ideia do trabalho que dava"

Em todo o mês seguinte, Pollyanna trabalhou afincadamente, mas compreendendo que não era nada fácil escrever uma novela. No entanto, não era pessoa de desistir, e sempre havia o incentivo do prémio de três mil dólares ou até um dos outros, se não conseguisse ganhar o primeiro! Mesmo cem dólares já era alguma coisa! E os dias sucederam-se, com ela a escrever, a riscar e a reescrever, até que finalmente a novela ficou

149

pronta. Depois, foi só levar o manuscrito a Milly Snow para ser dactilografado.

"Lê-se bem, faz sentido! ", pensava Pollyanna para consigo própria enquanto se dirigia a casa dos Snow. "E é uma história bastante bonita, sobre uma menina adorável. Mas receio que haja qualquer coisa que não esteja muito bem. Se calhar não devo contar muito com o primeiro prémio. Também não ficarei desapontada se ganhar um dos mais pequenos. "

Pollyanna não deixava de pensar em Jimmy sempre que ia a casa dos Snow, pois fora na estrada e junto dessa casa que ela o encontrara pela primeira vez, após ter fugido do orfanato. Também agora voltou a pensar nele. Até que, orgulhosamente, subiu apressada os degraus da escada dos Snow e tocou a campainha.

Como habitualmente, os Snow mais não tinham para oferecer a Pollyanna senão o calor das boas-vindas. E, como de costume, em breve estavam a conversar sobre o jogo. Em mais nenhuma casa de Beldingsville o jogo se fazia com tanta satisfação.

- Então, como têm passado? - perguntou Pollyanna depois de ter tratado da questão da dactilografia.

- Optimamente! - respondeu Milly Snow, satisfeita. - Com este é o terceiro trabalho que recebo esta semana. Oh, Miss Pollyanna, nem calcula como estou contente por me ter encorajado a fazer o curso de dactilografia! Ao menos, posso trabalhar em casa! De algum modo, é a si que devo a minha decisão!

- Ora veja que ajuda! - disse Pollyanna modestamente.

150

- Mas é verdade. Nem nunca teria feito o curso se o jogo não tivesse posto a minha mãe muito melhor, permitindo-me dispor de algum tempo. Mas não esqueço, a ideia foi sua. E por isso lhe estou grata!

Mais uma vez Pollyanna objectou. Desta vez foi interrompida por Mrs. Snow, que falou da sua cadeira de rodas de junto da janela. Mrs. Snow falava com tal seriedade que Pollyanna não pôde deixar de ouvir o que ela dizia.

- Oiça menina, acho que não se dá bem conta daquilo que realizou, mas gostava que compreendesse! Hoje vejo nos seus olhos uma expressão de que não gosto. Está atormentada e preocupada com alguma coisa. Eu sei. Posso vê-lo e não me admira. A morte do seu tio, as condições da sua tia, tudo isso, não é pouco! Mas há uma coisa que lhe quero dizer, pois não suporto ver essa sombra nos seus olhos sem a tentar afastar, lembrando-lhe aquilo que fez por mim e por toda a cidade, por todas as pessoas e em todo o lado.

- Mrs. Snow então! - protestou Pollyanna, embaraçada.

- Não é senão a verdade! Não acha que eu era uma criatura rabugenta, sempre a lamuriar, que nunca gostava do que tinha e até descobria o que não tinha? E não me abriu os olhos trazendo-me três coisas, de modo a que eu finalmente tivesse aquilo que queria?

- Mrs. Snow, eu era assim tão impertinente?murmurou Pollyanna.

- Não, não era - objectou Mrs. Snow. - Era isso que a tornava diferente. Você não me fazia prédicas.

151

Se o tivesse feito, também não me teria levado a jogar o jogo. Nem a mim, nem a ninguém! Mas conseguiu levar-me a jogá-lo, e veja o que me aconteceu e à Milly! Aqui estou muito

melhor, sentada numa cadeira de rodas, podendo deslocar-me. Foi muito bom, acredite, porque me proporciona muito maior liberdade, e também aos outros, como é o caso de Milly. Foram os próprios médicos que disseram que devo tudo ao "Jogo do Contentamento". Depois, há as outras pessoas, um bom número nesta cidade, como estou sempre a ouvir. Agora, pensei que poderia ajudá-la sempre que quisesse, pois não julgue que não compreendo como, por vezes, lhe deve ser difícil jogar o seu próprio jogo.

Pollyanna levantou-se. Sorria mas tinha os olhos marejados de lágrimas enquanto estendia a mão para se despedir.

- Obrigada, Mrs. Snow - disse pouco firme. Sim, às vezes é difícil e talvez eu precise de alguma ajuda, quem sabe! - e os olhos brilharam-lhe com a antiga alegria. - Prometo, se alguma vez eu própria não conseguir jogar, jamais esquecerei e ficarei feliz por haver quem o jogue!

18. John Pendleton

Uma semana antes do Natal, Pollyanna enviou a sua história, impecavelmente dactilografada, para o concurso. Os vencedores dos prémios não seriam anunciados antes de Abril, segundo dizia a revista, de modo que Pollyanna preparou-se para a longa espera com a sua característica paciência.

"Não sei porquê, mas não desespero por ainda demorar", dizia para si própria. "Assim, tenho todo o Inverno para pensar que posso ganhar o primeiro prémio. Se pensar que o vou ganhar, e o ganhar mesmo, nunca me terei sentido infeliz. Por outro lado, se o não ganhar, não terei passado todas estas semanas infeliz e poderei até ficar contente com um prémio menor. "

Nos planos de Pollyanna não cabia a possibilidade de não ganhar qualquer prémio. A história, tão bem dactilografada por Millie Snow até parecia já estar impressa.

Esse ano, o Natal não foi uma época feliz no solar dos Harrington apesar dos esforços de Pollyanna. A tia Polly recusou-se em absoluto a autorizar qualquer tipo de festa, mostrando-se tão determinada que

153

Pollyanna nem conseguiu oferecer-lhe um pequeno presente.

Na véspera de Natal, John Pendleton veio visitá-las. Mrs. Chilton não apareceu, mas Pollyanna, cansada de um dia inteiro com a tia, recebeu-o alegremente. Porém, isto não trouxe maior satisfação a Pollyanna pois John Pendleton trouxe consigo uma carta de Jimmy, e a carta pormenorizava os planos que ele e Mrs. Carew faziam para preparar os festejos de Natal num lar para raparigas trabalhadoras. De facto, Pollyanna não estava com disposição para ouvir falar das festas dos outros e muito menos da de Jimmy. John Pendleton, porém, insistiu no assunto, mesmo depois de lhe ter lido entusiasticamente a carta.

- Que grandes proezas - exclamou ele enquanto dobrava a carta.

- Sim, ótimo! - murmurou Pollyanna tentando falar com algum entusiasmo.

- E é esta noite. Gostava de lá estar.

- Sim, sim - murmurou Pollyanna, tentando parecer entusiasmada.
- Mrs. Carew sabia o que fazia quando pediu a Jimmy para a ajudar. Mas gostava de saber se lhe agrada fazer de Pai-Natal para tantos jovens!.
- Claro que vai gostar imenso! - disse Pollyanna.
- Talvez. No entanto, e concordarás comigo, não tem nada com o aprender a construir pontes.
- Ah sim!
- Mas acredito que essas jovens nunca tenham uma noite tão agradável como a que vão passar hoje.

154

- Sim, claro! - respondeu Pollyanna, tentando evitar que a voz lhe tremesse e esforçando-se intensamente por não comparar a sua infeliz noite de Natal, em Beldingsville, com a das raparigas, em Boston, com Jimmy.

Fez-se um breve silêncio, com John Pendleton a fitar a lareira com ar sonhador.

- Mrs. Carew é uma mulher maravilhosa! - disse ele por fim.
- É verdade! - desta vez, o entusiasmo na voz de Pollyanna era sincero.
- O Jimmy já me descreveu algumas das coisas que ela tem feito por essas raparigas - disse John Pendleton, continuando a olhar para o fogo. - Na carta anterior, para além das coisas, falou-me mais sobre ela, confessando-se admirado com a sua real maneira de ser e estar na vida.
- É verdade, Mrs. Carew é muito querida! declarou Pollyanna com calor. - É mesmo muito querida sob todos os aspectos. Eu gosto muito dela.

John Pendleton agitou-se. Virou-se para Pollyanna mostrando uma expressão estranha nos olhos. E insistiu ainda:

- Eu sei que gostas dela. E também sei que existem outras pessoas que gostam dela.
- O coração de Pollyanna parou de bater. Uma ideia súbita ocorreu-lhe. Seria que John Pendleton queria dizer daquela maneira que Jimmy gostava de Mrs. Carew?
- Que quer dizer?

155

Com um gesto nervoso que lhe era peculiar, John Pendleton pôs-se de pé.

- Referia-me às raparigas, evidentemente - respondeu ele com o seu sorriso curioso. - Não achas que aquelas cinquenta raparigas devem adorá-la?
- Sim, claro -, respondeu Pollyanna que murmurou mais alguma coisa apropriada em resposta à observação de John Pendleton.

Os seus pensamentos estavam em tumulto e durante o resto da noite deixou o senhor falar durante quase todo o tempo. E John Pendleton pareceu não se ralar muito com isso. Inquieto, deu uma ou duas voltas à sala, voltando depois a sentar-se no seu antigo lugar, retomando a conversa sobre o mesmo assunto.

- Curiosa a questão do Jamie, não é? Será que ele é mesmo sobrinho de Mrs. Carew?
- Como Pollyanna não respondeu o senhor continuou após um breve silêncio.
- É um ótimo rapaz. Gosto dele. Tem algo de bom e genuíno. Ela está muito ligada a ele.

Gostava de saber se será de facto sobrinho dela.

Fez-se nova pausa. Depois, com a voz ligeiramente alterada, John Pendleton disse:

- Quando penso nisso, não deixa de me parecer estranho que ela não tenha voltado a casar. Continua a ser uma bela mulher, não achas?

- Sim, é verdade.

Na voz de Pollyanna registou-se uma ligeira quebra. Tinha acabado de ver o seu próprio rosto no espelho e nunca se achara a si própria "uma bela mulher".

156

John Pendleton continuava com os olhos postos na lareira. O facto de ter ou não respostas ao que era de responder, parecia ser-lhe indiferente. Aparentemente, parecia apenas querer conversar. Até que, finalmente, se levantou, sem grande vontade, e despediu-se.

Há algum tempo que Pollyanna desejava que ele se fosse embora, para estar só, mas depois de ele ter partido já achava que teria sido melhor ele ter ficado mais tempo. Percebera afinal que não queria ficar sozinha com os seus pensamentos.

Para Pollyanna, era agora claríssimo que Jimmy gostava de Mrs. Carew. Isso explicava o facto de ele ter estado tão triste e inquieto após a partida dela. E seria também a razão pela qual ele a visitara tão poucas vezes a partir daí. Pollyanna associou igualmente uma série de outras circunstâncias ocorridas no Verão, de que bem se lembrava e que reforçavam inegavelmente essa sua convicção.

Tendo agora a certeza de que Jimmy e Mrs. Carew gostavam um do outro, Pollyanna tornou-se especialmente sensível em relação a tudo quanto pudesse fortalecer essa crença. Em breve descobriu o que esperava. Primeiro, nas cartas de Mrs. Carew.

"Tenho estado muito com o seu jovem amigo Pendleton e cada vez gosto mais dele. Porém, gostava, só por curiosidade, de conhecer a fonte deste sentimento estranho de já o ter visto algures.

157

Depois dessa carta, ela passou a referi-lo frequentemente e Pollyanna achava que a presença de Jimmy se tornara para Mrs. Carew uma coisa perfeitamente natural. Noutras fontes, Pollyanna veio ainda a encontrar combustível para o fogo das suas suspeitas. John Pendleton, aparecia cada vez mais frequentemente com as suas histórias sobre o Jimmy e aquilo que ele estava a fazer, sem omitir as referências a Mrs. Carew. A pobre Pollyanna chegava por vezes a pensar se John Pendleton não sabia falar de mais nada que não fosse de Mrs. Carew e do Jimmy.

Havia também as cartas de Sadie Dean que lhe falavam de Jimmy e do que ele fazia com Mrs. Carew. Até Jamie, que de vez em quando escrevia, contribuiu para fortalecer tal ideia. São dez horas. Estou aqui sentado, sozinho, à espera de Mrs. Carew. Ela e Pendleton foram a uma das reuniões no lar.

Claro, do Jimmy propriamente dito, Pollyanna não tinha quase notícias, de modo que pensava tristemente que devia ficar contente com isso, pois "se ele não sabe falar de mais nada senão de Mrs. Carew e das suas raparigas, fico contente por não me escrever muitas vezes! ", desabafou.

19. Jimmy e Jamie

Pollyanna não foi a única a achar difícil aquele Inverno. Em Boston, Jimmy Pendleton, apesar dos muitos esforços para ocupar o tempo e os pensamentos, descobria que nada conseguia apagar a imagem de um certo par de olhos azuis e sorridentes e a memória de uma certa voz adorável.

Jimmy dizia a si próprio que se não fosse Mrs. Carew e o facto de ele lhe poder ser útil, a vida não valeria a pena. Mesmo em casa de Mrs. Carew nem tudo era um mar de rosas, pois estava lá sempre Jamie e este recordava-lhe Pollyanna e os pensamentos tristes a ela associados.

Estando convencido de que Jamie e Pollyanna gostavam um do outro e estando igualmente convencido de que ele próprio tinha o dever de honra de se pôr de lado e deixar o caminho livre ao jovem deficiente, nunca lhe ocorreu investigar mais a questão. Por isso, desgostava-o ouvir falar dela, mormente quando Jamie ou Mrs. Carew, a propósito de notícias recebidas, a lembravam. Precisava de fazer algum esforço para os escutar, apesar da dor que lhe assolava o coração. Para

159

Jimmy, uma Pollyanna que não fosse sua não era mais do que uma fonte de sofrimento e tristeza, e daí que se sentisse aliviado quando deixou Beldingsville. Estar próximo geograficamente de Pollyanna e ao mesmo tempo tão afastado era para ele uma tortura. Um paradoxo, mas era o que sentia.

Em Boston, com todo o ardor de um espírito inquieto que busca distrair-se de si próprio, lançou-se ao trabalho de executar os planos de Mrs. Carew em relação às raparigas trabalhadoras, dedicando a este trabalho todo o tempo que lhe sobrava dos seus próprios deveres. Tudo isso constituía motivo de grande deleite e gratidão para Mrs. Carew.

Assim passou o Inverno para Jimmy. Aproximava-se a Primavera, florida e verdejante, repleta de fragrâncias. Para si, porém, talvez não fosse uma Primavera feliz enquanto o seu coração continuasse mergulhado num Inverno de tristeza.

"Ao menos, se eles marcassem as coisas e anunciassem o noivado de uma vez por todas. Quanto mais não fosse, ficava com uma certeza, e assim acho que suportaria melhor! ", murmurava Jimmy para si próprio cada vez mais frequentemente.

Foi assim que, numa bela manhã dos fins de Abril, viu o seu desejo de ter alguma certeza parcialmente realizado. Eram dez horas da manhã de domingo e Mary,

na casa de Mrs. Carew, conduziu-o ao salão de música dizendo-lhe:

- Vou dizer a Mrs. Carew que já aqui está. Creio que ela o espera.

160

Nesse salão, por inesperado, Jimmy teve um forte baque ao ver o Jamie sentado ao piano. E já se preparava para se retirar discretamente quando o rapaz levantou a cabeça, revelando um rosto corado e olhos febris.

- Então, Carew, aconteceu alguma coisa?

- Aconteceu, se aconteceu! - exclamou o jovem paralítico, agitando nas mãos uma carta aberta. Aconteceu tudo! Diga-me como reagiria se, num instante, lhe surgisse a oportunidade de pedir em casamento a rapariga que ama? Não pense que estou maluco! Embora esteja doido de alegria! Quer ouvir-me Tenho de desabafar com alguém!

Pendleton levantou a cabeça. Era como se, consciente, se preparasse para receber um murro. Empalidecera, mas a voz manteve-se firme quando respondeu.

- Claro que sim, amigo! Ficarei contente por ouvi-lo.

Carew, porém, quase nem esperara pela resposta, apressando-se a contar com alguma incoerência.

- Para si, certamente, não é importante. Dispõe de boas pernas e de liberdade. Tem as suas ambições e as suas pontes. Mas, para mim, isto representa tudo. É uma oportunidade de viver uma vida de homem e, talvez, de realizar uma obra, sem que sejam pontes ou barragens. É alguma coisa! Algo que demonstrei poder realizar! Ouça. Esta carta dá-me a notícia de que uma pequena história que escrevi ganhou o primeiro prémio num concurso. Três mil dólares! E nesta outra carta, uma grande editora aceitou, entusiasmada, o meu primeiro livro para publicação. Por coincidência, vieram

161

as duas esta manhã. É ou não é de se ficar louco de alegria?

- Sim, sim! Claro Felicito-o, Carew, de todo o coração. - Exclamou Jimmy calorosamente.

- Obrigado! Pense no que isto significa para mim. No que significa poder ser independente. No que significa, se puder um dia tornar Mrs. Carew orgulhosa e contente, por ter arranjado um lugar em sua casa e no seu coração a um rapazito aleijado. Já imaginou o que é eu poder declarar-me à rapariga que amo?

- Sim, claro, rapaz! - exclamou Jimmy, com fir meza, apesar de ter empalidecido imenso.

- Porém, mesmo assim, se calhar não devo fazê-lo - sse Jamie, irresoluto. - Bem vê, continuo amarrado a estas muletas.

- Mas, Carew... - começou o outro apressadamente.

Carew levantou a mão decididamente.

- Eu sei o que vai dizer. Peço-lhe que não diga. Não poderá compreender-me. Não está amarrado a duas muletas. Como criar coragem para falar a Sadie?

- Sadie? - interrompeu Jimmy, abruptamente.

- Sim, Sadie Dean! Está surpreendido! Não sabia? Nunca suspeitou do que eu sentia em

relação a Sadie?

- exclamou Jamie. - Terei eu conseguido guardar tão bem esses sentimentos para mim próprio? Tenho tentado, mas... - concluiu desanimado.

- Decerto que conseguiu guardar bem, pelo menos de mim - exclamou Jimmy, alegremente, vendo-se-lhe

um olhar mais brilhante. - Então é de Sadie Dean que

162

gosta. Ótimo! Felicito-o de novo. - Jimmy quase gaguejava, entusiasmado, depois de perceber que era de Sadie e não de Pollyanna que Jamie gostava.

- Não me felicite ainda. Pouco lhe disse, mas posso dizer mais. E eu a pensar que todos sabiam! Diga-me, quem pensava então que fosse, não sendo a própria Sadie?

Jimmy hesitou. Depois, um tanto precipitado, lá se descoseu:

- Pensava que era a Pollyanna. Jamie sorriu e apertou os lábios.

- Pollyanna é uma rapariga maravilhosa e eu gosto dela, mas não mais que isso. E, além disso, creio haver outra pessoa que pode falar a esse propósito.

Jimmy corou embaraçado.

- Crê que sim? - disse, tentando tornar a sua voz impessoal.

- Claro! É mais que evidente que é o John Pendleton.

- John Pendleton? - Jimmy virou-se de repente.

- O quê? Que há com John Pendleton? - perguntou uma outra voz, a de Mrs. Carew, que entrava na sala, sorrindo.

Jimmy, que pela segunda vez em cinco minutos tinha visto o mundo que o rodeava desfazer-se em bocados, mal pôde recompor-se para cumprimentar a senhora. Ao contrário, Jamie virou-se triunfante.

- Nada de especial. Só disse que pensava que John Pendleton teria algo a dizer sobre Pollyanna gostar de alguém. Mas ele.

163

- Pollyanna John Pendleton - Mrs. Carew sentou-se apressadamente numa cadeira.

Se os dois jovens que tinha diante de não estivessem absorvidos nos próprios pensamentos, teriam reparado que o sorriso desaparecera do rosto de Mrs. Carew e que uma expressão estranha, quase de receio, aparecera nos seus olhos.

- Claro - manteve Jamie. - Ou estavam os dois cegos no Verão? Não o viram sempre a falar com ela com tanto interesse?

- Pensei que ele falasse naturalmente com todos

- murmurou Mrs. Carew, desapontada.

- Não tanto como com Pollyanna - insistiu Jamie. - Além disso, não se lembra daquele dia em que estávamos a falar de John Pendleton não ter casado e Pollyanna ficar muito corada e hesitar, dizendo finalmente que ele tinha pensado em casar. uma vez. Foi então que eu fiquei a pensar que existia alguma coisa entre eles. Não se lembram?

- Sim, acho que sim... agora que se falou disso - murou Mrs. Carew. - Mas não liguei.

- Ah! Mas isso eu posso explicar - interrompeu Jimmy humedecendo os lábios secos. - John

Pendleton teve em tempos um caso de amor, mas foi com a mãe de Pollyanna.

- Com a mãe de Pollyanna? - exclamaram ambos, surpreendidos.

- É verdade! Ele gostou dela, há anos, mas ela não lhe correspondeu. Ela gostava de um pastor e foi com ele que casou. - Foi o pai de Pollyanna.

164

- Oh! - respirou de alívio Mrs. Carew, inclinando-se na cadeira. - E foi por isso que ele nunca mais casou?

- Creio que sim - confessou Jimmy. - Portanto, já vê, essa sua ideia não corresponde à realidade. Ele gostou foi da mãe de Pollyanna.

- Pelo contrário, até acho que reforça o que eu disse - insistiu Jamie. Se ele gostou da mãe e não conseguiu ser correspondido, parece-me natural que goste da filha e a queira conquistar, não será?

Mrs. Carew pôs-se em pé de repente e murmurou com um gesto estranho como se quisesse pôr de parte algo detestável. - Sim, eu sei, mas... - e não concluiu a frase, deixando a sala.

Quando regressou, após cinco minutos, reparou surpreendida que Jimmy se tinha ido embora.

- Pensei que ele ia connosco ao piquenique das raparigas! - exclamou ela.

- Também eu - disse Jamie, franzindo a testa.

- Mas desculpou-se dizendo que tinha surgido uma coisa inesperada e ia deixar a cidade. Acho que nem percebi bem o que ele disse. estava a pensar noutra coisa! - e, radiante, mostrou-lhe as duas cartas que durante todo aquele tempo tinha continuado a segurar.

- Oh, Jamie! - exclamou Mrs. Carew contente, depois de ler as cartas - Como estou orgulhosa de ti!

- depois, subitamente, os olhos encheram-se-lhe de lágrimas ao ver a alegria que iluminava o rosto de Jamie.

20. Jimmy e John

Naquela noite de domingo foi um jovem muito determinado e de expressão muito séria que desceu na estação de Beldingsville. E foi um jovem ainda mais determinado que, antes das dez horas da manhã seguinte, atravessou as ruas calmas da cidade e subiu a colina em direcção ao solar dos Harrington. Ao ver

aparecer uma figura familiar e querida na estufa, o jovem ignorou a campainha, atravessou o relvado e o jardim e apareceu inopinadamente a Pollyanna.

- Jimmy! - exclamou ela, quase caindo para trás, de olhos muito abertos.

- De onde surgiu?

- De Boston... a noite passada! Tinha de a ver, Pollyanna.

- Ver-me?

Pollyanna procurava recompor-se. Jimmy parecia tão grande, forte e querido, ali inesperadamente à sua frente, que ela temeu que os seus olhos denunciassem a grande admiração que tinha por ele.

- Sim, Pollyanna. Eu queria... Bem, isto é, pensei que. Melhor, eu receava. Pronto, não

aguento

166

mais, Pollyanna. Tenho de ir direito ao assunto. É, tenho-me mantido de parte, mas acabou-se. Deixou de ser um caso de lealdade. Ele não é aleijado como o Jamie. Tem pés, mãos e cabeça como eu. Portanto, se ele ganhar, terá de ser de uma forma justa. Eu também tenho os meus direitos!

Pollyanna olhou boquiaberta.

- Jimmy Pendleton, de que está você a falar?

- perguntou ela.

O jovem sorriu, envergonhado.

- Não admira que não saiba. Fui pouco claro, não fui? Sabe, eu próprio tenho estado perturbado desde ontem, quando descobri através do próprio Jamie.

- Descobriu. do Jamie?

- Sim. Quando ele me contou do prémio é que eu soube. Disse-me que tinha acabado de ganhar um, e...

- Oh, eu sei! - interrompeu-o Pollyanna, ansiosa.

- Não foi esplêndido? Logo o primeiro prémio de três mil dólares! Escrevi-lhe uma carta a noite passada. Quando vi aquele nome compreendi que era o Jamie, o nosso Jamie. Fiquei tão entusiasmada que até me esqueci de procurar o meu nome. E mesmo depois de o não encontrar, e, portanto, ficar a saber que não recebia nicles, nem sequer o prémio mais pequeno, continuei tão entusiasmada e satisfeita pelo Jamie, que esqueci tudo.

Jimmy, porém, estava demasiado obcecado pelo seu problema e insistiu.

- Sim, foi ótimo. Também fiquei contente. Mas, Pollyanna, o que ele me disse a seguir é que foi importante.

157

Até aí eu pensara que vocês gostavam um do outro. Afinal.

- Pensava que Jamie e eu gostávamos um do outro? - atalhou Pollyanna, empalidecendo.

- É verdade. Mas afinal, ele gosta é de Sadie Dean. E penso que ela também gosta dele.

- Ainda bem. Sinceramente, não sabia.

Pollyanna parou de repente e apanhou uma folha do chão. Quando se ergueu, virara-se ostensivamente

para o outro lado.

- Não conseguia sentir-me bem a competir com um adversário que estava em desvantagem.

- continuou

Jimmy. - Assim, pus-me de parte e dei-lhe uma oportunidade, apesar de quase ter desfeito o meu coração. Foi então que ontem de manhã descobri. E descobri mais outra coisa, pois Jamie diz que existe outra pessoa envolvida. Mas eu não posso concordar com ele, Pollyanna. Mesmo pensando em tudo quanto ele fez por mim. John Pendleton é homem e tem duas pernas como eu para entrar na corrida. Ele terá que competir comigo.

Entretanto, Pollyanna já se virara para ele, meio enfurecida.

- John Pendleton? Jimmy, que quer dizer, que está a dizer de John Pendleton?

O rosto de Jimmy transfigurou-se de alegria. Estendeu ambas as mãos para Pollyanna.

- Então não é verdade, pois não? Vejo nos seus olhos que não é dele que gosta, estou certo? Pollyanna retraiu-se. Estava pálida e trêmula.

168

- Jimmy, que quer dizer? Que quer dizer? - insistia ela, confusa.

- Quero dizer que não é dessa maneira que gosta do tio John. Compreende? O Jamie pensa que gosta dele e que ele gosta de si. Eu, desesperado, até cheguei a pensar que talvez. Ele está sempre a falar de si.

Pollyanna murmurou em voz baixa e cobriu o rosto com as mãos. Jimmy aproximou-se e, com ternura, colocou o braço sobre os ombros dela. Mas Pollyanna retraiu-se de novo.

- Pollyanna! Não me destroe o coração! - pediu ele. - Não gosta nem um pouco de mim? É isso que não me quer dizer?

Ela deixou cair as mãos e olhou-o. O seu olhar tinha uma expressão assustada.

- Jimmy, acha mesmo que ele gosta de mim dessa maneira? - perguntou baixinho.

Jimmy sacudiu impacientemente a cabeça.

- Isso já não interessa, Pollyanna. Claro que não sei. Como poderia eu saber? Isso, porém, não importa, querida. O que importa somos nós. Se não gosta dele e se me der ao menos uma oportunidade para que lhe faça gostar de mim. - agarrou na mão dela, tentando puxá-la para si.

- Não, Jimmy. Não devo! Não posso! - disse ela, empurrando-o com as duas mãos.

- Pollyanna, isso não quer dizer que não gosta de mim, pois não? - reagiu Jimmy.

- Não, não é isso - disse Pollyanna hesitante. Mas, bem vê, se ele gosta de mim, tenho de.

169

- Pollyanna!

- Não, não me olhe assim, Jimmy!

- Quer dizer que casa com ele, Pollyanna?

- Não. Quero dizer. Sim. acho que sim admitiu, em voz baixa.

- Pollyanna, não pode ser! Destroçar-me-ia o coração!

Pollyanna soluçou. Tinha escondido o rosto nas mãos outra vez. Depois, num gesto trágico, levantou a cabeça e olhou a direito para os olhos reprovadores e angustiados de Jimmy.

- Eu sei, eu sei... - balbuciou Pollyanna. - Eu também despedaçarei o meu coração. Despedaço o seu e despedaço o meu coração, mas nunca o coração dele!

Jimmy levantou a cabeça. Nos seus olhos brilhava um fulgor intenso. Toda a sua aparência se modificou. Com uma exclamação triunfante e cheia de ternura, envolveu Pollyanna nos braços estreitando-a contra si.

- Agora sei que gosta de mim! - suspirou ele ao ouvido, em voz baixa. - Disse que também despedaçaria o seu coração. Pensa que agora desistirei de si? Ah, querida, se pensa que agora vou desistir de si é porque não compreende um amor como o meu. Pollyanna, diga que me ama, diga-o com os seus queridos lábios!

Durante um longo minuto, Pollyanna abandonou-se ao abraço terno que a envolvia. Depois, com um suspiro, que era meio de contentamento meio de renúncia, começou a afastar-se.

- Sim, Jimmy, amo-o. - Os braços de Jimmy voltaram a apertar-se e tê-la-iam cingido muito mais se não

170

houvesse algo no rosto dela que o reteve. - Eu gosto muito de si, mas não poderia nunca ser feliz consigo sabendo que. Jimmy, não vê querido? Primeiro tenho de saber se sou livre.

- Que disparate, Pollyanna! Claro que é livre! disse Jimmy outra vez enfurecido.

Pollyanna abanou a cabeça.

- Com isto suspenso sobre mim, não, Jimmy. Não vê? Foi a minha mãe, há muitos anos, que lhe despedaçou o coração, a minha mãe! E durante todo este tempo ele passou uma vida solitária, sem amor, por causa dela. Se ele agora vier ter comigo e me pedir para casar com ele, tenho de lhe dizer que sim, Jimmy. Tem de ser. Não lho posso recusar! Não vê?

Jimmy não via, não podia ver nada. Não podia compreender, por mais que Pollyanna argumentasse e insistisse chorosa. Mas, é verdade, também Pollyanna se mostrava renitente.

- Querido Jimmy - disse Pollyanna finalmente.

- Temos de esperar. É tudo quanto posso dizer agora. Espero que ele não me ame e. não creio que me ame. Mas tenho de saber. Tenho de ter a certeza. Temos de esperar um pouco até descobrirmos, Jimmy... Até descobrirmos

E Jimmy teve que se sujeitar a este plano, embora de coração revoltado.

21. John Pendleton dá a volta à chave

Jimmy regressou nessa noite a Boston num estado em que se misturavam a exaltação da felicidade, o desespero e a revolta. Atrás de si deixava uma rapariga num estado de espírito pouco invejável em relação ao seu. Pollyanna, apesar da sua grande alegria ao saber do amor de Jimmy, sentia-se também desesperadamente aterrorizada com a ideia de John Pendleton a amar. Porém, felizmente para todos, tal situação confusa não durou muito, pois John Pendleton que tinha a resolução do problema, a menos de uma semana após a apressada visita de Jimmy, deu a volta à chave e abriu a porta, dissipando quaisquer dúvidas.

Na quinta-feira à tarde, John Pendleton visitou Pollyanna. Tal como aconteceu com Jimmy, só o viu no jardim a dirigir-se imediatamente a ela. Ao mirar-lhe bem o rosto, sentiu uma pressão no peito.

- Já chegou! - disse ele nervoso, enquanto ela, num gesto involuntário, se virou como se se preparasse para fugir.

- Espera, Pollyanna, é só um momento, por favor

- pediu o senhor, apressando-se em direcção a ela.

172

Eu quero falar justamente contigo. Podemos entrar ali?

- sugeriu, apontando para a estufa.

- Sim, porque não? - disse ela, hesitante. Pollyanna sabia que estava a corar, embora desejasse especialmente naquele momento que isso não acontecesse. E não ajudava nada o

facto de ele querer conversar na estufa, decerto por esse lugar encerrar agora memórias de Jimmy que lhe eram queridas. Só de pensar que ali estava, tremia de nervos. Para descomprimir, disse:

- Está uma tarde encantadora, não está? Não se ouviu resposta. John Pendleton entrara com pressa na estufa e deixara-se cair numa cadeira rústica, sem mesmo esperar que Pollyanna se sentasse, procedimento que não lhe era habitual. Pollyanna, olhando disfarçadamente o seu rosto, achou-o surpreendentemente parecido com o antigo rosto sério e amargurado que recordava da infância, suscitando-lhe uma exclamação involuntária.

John Pendleton, no entanto, não se apercebeu. Estava soturno e pensativo. Até que levantou a cabeça e encarou sombriamente os olhos espantados de Pollyanna.

- Pollyanna.

- Sim, Mr. Pendleton.

- Lembras-te de como eu era quando me conheceste há anos?

- Sim, acho que sim.

- Era um espécime humano deliciosamente agradável, não era?

Na sua perturbação, Pollyanna sorriu forçadamente.

173

- Eu gostava de si, senhor.

Só depois de pronunciar as palavras é que pensou no modo como elas poderiam soar aos ouvidos dele. Ficou então atrapalhadíssima, ficando de corrigir-se quando ele retomou a palavra.

- Eu sei que gostavas, minha querida! Foi essa a minha salvação, Pollyanna. Creio que nunca compreenderás bem quanto a tua confiança infantil e o teu afecto fizeram por mim.

Pollyanna tentou protestar, mas ele prosseguiu.

- Sim, é verdade! Foi a menina e mais ninguém. Pergunto-me ainda se te lembrarás de outra coisa. Acaso te lembras de eu te dizer uma vez que nada senão a mão e o coração de uma mulher ou a presença de uma criança podiam fazer um lar?

Pollyanna estremeceu e sentiu-se corar, aflita.

- Sim, sim... Não... quero dizer, sim, lembro-me. Mas, creio agora que já não é assim. Quero dizer, actualmente, o seu lar é muito feliz tal como está, e.

- Mas é justamente do meu lar que estou agora a falar, querida... - interrompeu o homem, impaciente.

- Pollyanna: sabes o género de lar que eu ambicionava e como as minhas esperanças se desfizeram. Não penses que estou a culpar a tua mãe. Nem pensar! Ela obedeceu apenas ao coração, e fez bem. Fez uma escolha acertada, como veio a demonstrar-se pelo desperdício que fiz da minha vida, bem sei que por causa da desilusão. Mas, Pollyanna, o que é curioso é que acabou por ser a mãozinha da própria a conduzir-me por fim ao trilho da felicidade!

174

Pollyanna humedeceu convulsivamente os lábios.

- Oh, Mr. Pendleton, eu...

Ele, porém, delicadamente e num sorriso, não a deixou prosseguir.

- Sim, foste tu, Pollyanna. Foi a tua mão e o teu "Jogo do Contentamento"!

Pollyanna descontraiu-se visivelmente. O pânico do seu olhar começou lentamente a desaparecer.

- Durante todos estes anos eu evolui para um homem totalmente diferente, salvo numa coisa - fez uma pausa, desviou o olhar para longe, retornando depois ao rosto dela com um ar grave. - Continuo a pensar que é preciso a mão e o coração de uma mulher e a presença de uma criança para fazer um lar!

- Sim, mas já tem a presença da criança! - respondeu Pollyanna, de novo aterrorizada. - Há o Jimmy!

O homem deu uma gargalhada divertida.

- Eu sei, mas já não se pode considerar o Jimmy uma criança - observou.

- Não. Pois claro!

- Além disso, Pollyanna, eu já decidi. Tenho que conquistar a mão e o coração da mulher que me falta!

- a voz baixou de tom, e tremeu um pouco.

- Ah, sim?.

As mãos de Pollyanna remexiam-se nervosamente. John Pendleton parecia não ver nem ouvir nada. Tinha-se posto de pé e caminhava de um lado para o outro.

- Pollyanna, se estivesses no meu lugar e fosses pedir a mão à mulher que amas, como farias?

175

Pollyanna quase caíu da cadeira, olhando ao mesmo tempo para a porta, como se se preparasse, aterrorizada para fugir.

- Mas, Mr. Pendleton, eu não o faria. Acho que é muito mais feliz tal como está!

O senhor ficou surpreso e depois riu amargamente.

- Não me digas que é assim tão mau?

- Mau? - Pollyanna ficou atrapalhadíssima.

- Será que é essa a maneira que encontráste para me suavizar o desgosto que terei quando me disseres que ela não me quer?

- Não. Acredito que ela venha a dizer que sim. Porque não? - foram as palavras que a jovem conseguiu dizer, aterrorizada. - Mas estava a pensar que se a mulher não gosta de si, seria bem mais feliz sem ela, e. - o olhar que viu surgir no rosto de Pendleton levou-a a parar.

- Eu não a quero se ela não gostar de mim.

- Claro que não. Bem me parecia - disse Pollyanna sentindo-se um pouco mais aliviada.

- Além disso, como é uma mulher madura, ela deve saber o que quer - a voz do homem era grave, ligeiramente reprovadora.

- Oh! - exclamou Pollyanna, aliviada e com alegria. - Então gosta de uma pessoa... - Pollyanna conseguiu no último momento evitar dizer "outra pessoa".

- Então não é isso que tenho estado a dizer? - riu John Pendleton, meio aborrecido. - O que eu quero saber é se conseguirei fazer com que ela goste de mim.

176

Era aí que eu estava a contar com a tua ajuda, Pollyanna. É que ela é muito tua amiga.

- Ah é? - perguntou Pollyanna. - Então ela tem que gostar de si. Temos de fazer com que goste! Talvez até já goste, quem sabe? - Fez-se uma longa pausa antes da resposta.

- Pensando melhor, acho que não lhe vou dizer. É. não consegues adivinhar?. Mrs. Carew.

- Oh! - explodiu Pollyanna com incontida alegria. - Que bom! Estou tão contente, muito contente!

Uma hora depois, Pollyanna escreveu uma carta a Jimmy. Era confusa, incoerente e ilógica, mas cheia de alegria. Jimmy deduziu a maior parte do que ela queria dizer a partir do que não estava escrito. Afinal, precisaria ele mais do que isso?

"Oh, Jimmy, ele não me ama a mim. Ama outra pessoa. Não posso dizer-lhe quem é, mas não se chama Pollyanna. "

Jimmy só teve tempo de apanhar o comboio das sete para Beldingsville.

22. Depois de muitos anos

Pollyanna estava tão contente nessa noite depois de ter enviado a carta a Jimmy, que não conseguiu ficar calada. Como sempre, antes de se ir deitar, subiu ao quarto da tia. Nessa noite, após as perguntas habituais, ia a apagar a luz quando um impulso súbito a levou

a sentar-se na cama da tia.

- Tia Polly, estou tão contente, tão contente, que tenho de dizer-lhe uma coisa. Posso?

- Tens de me dizer uma coisa! Claro que sim. São boas notícias, não?

- Sim, tia, acho que sim - corou Pollyanna. Espero que fique contente. Claro que o Jimmy também lho há-de dizer um dia, mas eu quero fazê-lo primeiro.

- Jimmy? - o rosto de Mrs. Chilton alterou-se perceptivelmente.

- Sim, quando ele me pedir em casamento - disse Pollyanna, hesitante e visivelmente corada. - A minha felicidade é tal que tinha de dizer-lhe.

- Pedir-te em casamento? - Mrs. Chilton sentou-se na cama. - Queres dizer que há alguma coisa de sério entre ti e o Jimmy Bean?

178

Pollyanna sentiu-se desolada.

- Porquê, tia, pensei que gostava do Jimmy!

- Eu gosto, no seu devido lugar. E esse lugar não é o de marido da minha sobrinha.

- Tia Polly!

- Vamos lá menina, não te surpreendas. Isso é um disparate e ainda bem que estou a tempo de impedir que isso vá mais longe!

- Mas, tia Polly, já vamos longe. Eu já... Quero dizer, gosto muito dele.

- Então tens de deixar de gostar, Pollyanna, pois nunca permitirei que cases com Jimmy Bean.

- Mas porquê, tia?

- Primeiro e principalmente porque não sabemos nada dele.

- Mas, tia Polly, nós conhecêmo-lo há imenso tempo, desde que eu era pequenina!

- Sim, e o que era ele? Um fugido do orfanato! Não sabemos nada da sua família.
 - Mas eu não vou casar com a família dele! Com uma exclamação impaciente, a tia deixou-se cair na almofada.
 - Pollyanna, estás a fazer- me mal. O meu coração está a palpitar. Já não vou conseguir dormir esta noite. Não podes deixar isto para amanhã?
- Pollyanna pôs-se imediatamente de pé perturbada e arrependida.
- Sim, claro, tia! Amanhã vai pensar de maneira diferente, tenho a certeza! - disse a rapariga, com voz trémula indo apagar a luz.

179

Mas a tia Polly não se sentiu "diferente" na manhã seguinte. A sua opinião, se possível, era ainda mais determinada. Pollyanna argumentava em vão. Bem procurou explicar, inutilmente, que a sua felicidade estava em jogo! A tia, porém, obstinadamente, não aceitava a ideia, sequer. Chegou até a avisar Pollyanna da gravidade quanto aos possíveis malefícios da hereditariedade, dados os perigos em casar com uma pessoa cuja família não era conhecida. Apelou mesmo para o seu sentido do dever e gratidão quanto a ela própria, recordando-lhe como a acolhera naquela casa e avisando-a de que destroçaria o seu coração com tal casamento, conforme o fizera sua mãe.

Quando o próprio Jimmy, radiante, chegou às dez horas, encontrou uma Pollyanna chorosa e assustada, surpreendentemente a tentar evitar que ele entrasse.

Pálido, segurando-a com ternura, ele quis uma explicação.

- Pollyannna, minha querida, que se passa?
- Oh! Jimmy, Jimmy! Porque vieste? Ia escrever- te a... - lamentou Pollyanna.
- Mas já me escreveste, querida. Recebi a carta ontem à tarde, ainda a tempo de apanhar, felicíssimo, o comboio.
- Não... Nessa altura eu não sabia que não podia...
- Não podias o quê? Não me vais dizer agora que existe outra pessoa que gosta de ti e que vou ter de esperar... - perguntou ele, segurando-a.
- Não, não, Jimmy! Não me olhes assim. Não suporto...

180

- Explica-te! Pollyanna! Diz- me o que se passa, por favor!
- Não posso casar contigo.
- Pollyanna, não me amas?
- Sim. Oh, sim.
- Então vais casar comigo! - vociferou Jimmy triunfante, envolvendo-a nos braços outra

vez.

- Não, não, Jimmy, não compreendes. É por causa da tia Polly - disse Pollyanna, tentando libertar-se.

- A tia Polly?

- Sim, ela não me deixa!

- Oh! Não! - Jimmy inclinou a cabeça para trás com uma gargalhada. - Temos de tratar da tia Polly. Deve julgar que vai perder a sua menina, e temos de mentalizá-la que vai antes ganhar um novo sobrinho!

- concluiu, com ar importante.

Mas Pollyanna não sorriu e abanou a cabeça desesperadamente.

- Não, não, Jimmy! Não compreendes! Ela. como te hei-de dizer? Ela opõe-se a ti, por minha causa.

Os braços de Jimmy afrouxaram um pouco e os seus olhos pestanejaram.

- Acho que não a posso censurar. Claro que não sou um deslumbramento - admitiu ele constrangido

- no entanto esforçar-me-ei por te fazer muito feliz.

- Acredito que sim. Eu sei que sim - protestou Pollyanna, cheia de lágrimas.

- Então porque não me dás uma oportunidade, Pollyanna? Mesmo que ela, de princípio, não aprove?

181

Talvez com o tempo, já casados, a possamos conquistar.

- Mas eu nunca poderia fazer isso - lamentou-se

Pollyanna -, depois do que ela me disse. O seu consentimento é indispensável... Fez tanto por mim e

depende muito de mim! Ela agora não está nada bem,

Jimmy. Ultimamente tem sido tão querida e tem-se

esforçado tanto por jogar ojogo, apesar de toda a sua

infelicidade. E até chorou e me pediu que não lhe destroçasse o coração como a minha mãe lhe fez há muito

tempo. Pois é, Jimmy, eu não posso contrariá-la depois

de tudo o que ela fez por mim.

Pollyanna fez uma pausa e depois, com um rubor muito nítido na fronte, continuou.

- Jimmy, se pudesses dizer alguma coisa à tia Polly sobre o teu pai e a tua família...

Jimmy deixou cair os braços. Deu um passo atrás.

As cores abandonaram-lhe o rosto.

- É por causa disso? - perguntou.

- É sim - Pollyanna aproximou-se e tocou timidamente no braço dele. - Não penses que sou eu que

me preocupo com isso, Jimmy. Eu não me preocupo.

Nada disso. Eu sei que o teu pai e a tua família eram pessoas de bem. Mas ela... Jimmy, oh Jimmy, não me olhes assim!

Jimmy, com um murmúrio em voz baixa, afastou-se dela e abandonou a casa.

Depois de abandonar o solar dos Harrington, Jimmy foi directamente para casa e procurou John Pendleton.

Descobriu-o na grande biblioteca onde, alguns anos

182

antes, Pollyanna procurara, receosa, "o armário onde John Pendleton tinha guardado o seu esqueleto".

- Tio John, lembra-se do pacote que meu pai me deixou? - perguntou Jimmy.

- Sim, que se passa filho? - disse John Pendleton assustadoramente surpreendido ao ver a expressão de Jimmy.

- Tenho de abrir esse pacote.

- Mas. e as condições?

- Tem mesmo de ser. Quer fazer-me esse favor?

- Sim, meu filho, claro, se insistes! Mas...

- Tio John, como já deve ter adivinhado, eu amo Pollyanna. Pedi-a em casamento e ela aceitou.

O senhor deu uma exclamação de satisfação, mas o jovem não alterou a sua expressão grave.

- Ela diz agora que não pode casar comigo. porque Mrs. Chilton se opõe. Opõe-se a mim.

- Opõe-se a ti? - os olhos de John Pendleton brilharam de fúria.

- Sim. Descobri a razão quando Pollyanna me perguntou se eu não sabia nada sobre meu pai e minha família.

- Que disparate! Pensei que Polly Chilton fosse mais sensata. Isso é mesmo do carácter dela! Os Harrington sempre foram preconceituosos e orgulhosos, doentamente tradicionalistas e conservadores.

- Eu ia contar a Pollyanna como meu pai era bom, mas depois lembrei-me de repente do pacote e do que estava escrito nele. Porém, não me atrevi a dizer uma palavra sem saber o que continha aquele "envelope".

183

Havia qualquer coisa que o meu pai não queria que eu soubesse antes de fazer trinta anos, idade em que eu seria totalmente adulto e poderia aguentar fosse o que fosse. Percebe? Existe um segredo, algures, nas nossas vidas. Tenho de conhecer esse segredo e tem de ser já.

- Mas, Jimmy, não sejas tão trágico! Pode ser um bom segredo! Talvez seja algo que gostes de saber!

- Talvez. Mas algo de importante conterà para que quisesse que o abrisse só depois de fazer trinta anos! Não, tio John, inclino-me para que seja... sei lá! Só sei que me quis poupar até eu ter idade suficiente para suportar... Não quero culpar meu pai! Seja o que for, é alguma

coisa que ele não podia deixar de fazer, tenho a certeza. Mas, a sua memória que me perdoe, tenho mesmo de saber o que é. Importa-se de o ir buscar?

John Pendleton levantou-se imediatamente.

- Vou buscá-lo - disse. Três minutos depois Jimmy tinha-o nas suas mãos.

- Preferia que fosse o senhor a ler, por favor. Depois conte-me.

- Mas Jimmy, eu... Está bem. - Com um gesto decidido, John Pendleton agarrou numa faca, abriu o "envelope" e retirou o conteúdo. Era um conjunto de vários documentos atados e uma folha dobrada, aparentemente uma carta. John Pendleton abriu primeiro essa carta. Enquanto a lia, Jimmy, tenso e contendo a respiração observava o rosto dele. E assim viu-lhe um olhar de espanto, de alegria e mais qualquer outra coisa que não soube definir na expressão de John Pendleton.

- Tio John, o que é? Diga-me o que é. Já!

184

- É melhor que leias tu próprio - respondeu o senhor, estendendo a carta a Jimmy. E Jimmy leu o seguinte:

" Os documentos aqui incluídos são a prova legal de que o meu filho Jimmy é realmente James Kent, filho de John Kent, que casou com Doris Wetherby, filha de William Wetherby, de Boston. Existe também uma carta, na qual explico a meu filho porque o mantive afastado da família de sua mãe, durante todos estes anos. Se este envelope for aberto por ele, aos trinta anos, ele lerá esta carta e espero que perdoará a um pai que receou perdê-lo completamente, e por isso adoptou esta medida drástica para o conservar. Se o envelope for aberto por estranhos, devido à sua morte, peço que a família da mãe em Boston seja notificada imediatamente e o mesmo lhe seja entregue.

John Kent "

Jimmy estava pálido e abalado quando voltou a olhar para John Pendleton.

- Sou eu, então eu sou o desaparecido Jamie?disse gaguejando.

- Essa carta diz que tens documentos que o provam.

- Então sou sobrinho de Mrs. Carew.

- Claro.

- Mas custa-me a crer! - fez- se uma pausa antes de o rosto de Jimmy ser inundado por uma nova expressão

185

de alegria. - Ah, agora sei quem sou! Já posso falar a Mrs. Chilton da minha família.

- Acho que sim - retorquiu John Pendleton secamente. - Os antepassados dos Wetherbys de Boston remontam ao tempo das cruzadas. Isso deve satisfazê-la. Quanto a teu pai, ele também era de boas famílias, disse-me Mrs. Carew. Apesar de ser bastante estranho e de a família não gostar dele.

- Sim. Pobre pai! E que vida deve ter passado comigo durante todos aqueles anos, receando sempre a perseguição da família. Agora compreendo muitas coisas, que me confundiam antes. Uma vez, uma mulher chamou-me Jamie e ele ficou zangadíssimo! Agora percebo porque é que ele se foi logo embora nessa noite sem sequer esperar pelo jantar. Pobre pai!

Foi logo a seguir a isso que ele ficou doente. Não conseguia mexer as mãos nem os pés, e em breve deixou de conseguir falar. Lembro-me que quando morreu tentou dizer-me qualquer coisa. Agora, posso presumir que quisesse falar-me disto, aconselhando-me talvez a ir ter com a família de minha mãe, mas, na altura, pensei que me estava a dizer apenas para guardar bem o "envelope". Foi o que eu lhe prometi. E por isso é que ele não ficou satisfeito, parecia antes ter ficado mais preocupado. Eu não compreendi. Pobre pai!

- Vamos ver esses documentos - sugeriu John Pendleton. - Olha, há também uma carta dirigida a ti. Não a queres ler?

- Sim, claro. - O jovem riu um pouco envergonhado e olhou para o relógio. - Estava a pensar

186

quando é que poderia voltar ao solar para contar a Pollyanna.

John Pendleton fez uma expressão de reflexão. Depois, olhando para Jimmy, hesitou e disse:

- Sei que queres ver Pollyanna e não te critico, mas parece-me que, dadas as circunstâncias, deves primeiro ir ter com Mrs. Carew e mostrar-lhe estes documentos

- estendeu-lhos.

Jimmy concordou resignado.

- Está bem, é isso que farei.

- E se não te importas, eu vou contigo. Além disso, tenho uma pequena questão a tratar com tua tia. Vamos no comboio das três?

- Vamos sim senhor! Então sou o Jamie! Ainda não estou convencido! - exclamou o jovem, caminhando incansavelmente de um lado para o outro da sala. - Acha que... - interrompeu ele corado. - Acha que a tia Ruth se vai importar muito?

John Pendleton abanou a cabeça. Nos seus olhos surgiu um pouco da antiga melancolia.

- Claro que não, meu rapaz! Estou a pensar em mim...

- Em si! Acha que alguma coisa faria com que eu me desligasse de si? Não tem que se preocupar com isso. E ela também não se vai importar. Tem o Jamie e...

- uma expressão de desânimo abateu-se sobre ele. Tio John, esquecia-me do Jamie. Isto vai ser difícil para ele!

- Já pensei nisso. Será inevitável. No entanto, ele foi adoptado legalmente, não é verdade?

187

- Sim, sim, isso não está em causa. É só por não ser o verdadeiro Jamie e ser aleijado! Ficarão destruído. Ouvi-o falar. Além disso, Pollyanna e Mrs. Carew, as duas, quase me asseveraram estar certas de ser ele o Jamie. Que hei-de eu fazer?

- Não sei, meu rapaz. Mas creio que não poderás fazer outra coisa.

Calaram-se ambos. Jimmy parou de andar de um lado para o outro. Até que, de repente, virou-se animado e adiantou:

- Há uma maneira e vou segui-la. Tenho a certeza de que Mrs. Carew há-de concordar. Não lhe contaremos a ele! Diremos a Mrs. Carew, a Pollyanna e à tia. A ela é que não pode deixar de ser.

- Boa ideia, meu rapaz. Quanto ao resto. - John Pendleton fez uma pausa de dúvida.
- Ninguém tem nada com isso!
- O sacrifício vai ser grande. Pondera bem!
- Ponderar? Já o fiz e não vai ter importância. Com Jamie no outro prato da balança é que não o poderia ser. É tudo!
- Não te critico e penso que estás certo. Além disso, creio que Mrs. Carew concordará assim que souber que encontrou finalmente o verdadeiro Jamie.
- Não é verdade o que sempre disse que me vira algures? - rematou Jimmy, a brincar. - Quanto tempo falta para o comboio partir? Estou pronto!
- Eu ainda não - riu John Pendleton. - Só daqui a algumas horas partiremos - concluiu ele, enquanto se levantava e saía da sala.

23. Um novo Aladino

Os preparativos de John Pendleton para a partida foram feitos com duas excepções, tornadas em duas cartas. Uma, dirigida a Pollyanna, e outra, a Mrs. Polly Chilton. Foram elas entregues, com instruções rigorosas, a Susan, a sua governanta, que deveria proceder à entrega imediatamente após a partida deles. E tudo isso sem conhecimento de Jimmy.

Ao aproximarem-se de Boston, John Pendleton disse a Jimmy:

- Meu rapaz, tenho de pedir- te um favor, ou melhor, dois. O primeiro, é que não digas nada a Mrs. Carew antes de amanhã à tarde; o outro, é deixares-me ir primeiro ser teu embaixador, contigo a aparecer em cena só depois das quatro horas. Concordas?

- Está bem! - respondeu Jimmy. - Satisfaz-me a ideia, até porque estava a pensar como haveria de quebrar o gelo e, assim, tenho quem o faça por mim.

- Ótimo! Então, agora, vou tentar que a tua tia venha ao telefone, para marcar a visita.

Fiel à promessa, Jimmy não apareceu na mansão dos Carew antes das quatro da tarde do dia seguinte.

189

Mesmo então, sentiu-se tão embaraçado que passou duas vezes diante da casa antes de conseguir a coragem suficiente para subir a escada e tocar à campainha.

Em breve, porém, chegou à presença de Mrs. Carew. Voltara a ser ele próprio, pois ela pô-lo imediatamente à vontade e abordou a situação com muito tacto. Ao princípio houve algumas lágrimas e algumas exclamações incoerentes. O próprio John Pendleton teve de lançar apressadamente a mão ao seu lenço. Mas em breve foi restaurada a tranquilidade normal e só o brilho terno dos olhos de Mrs. Carew e a felicidade que se espelhava em Jimmy e John Pendleton marcavam aquela ocasião como algo de incomum.

- Acho que a sua atitude, por causa do Jamie, é tão bonita! - exclamou Mrs. Carew, passado um pouco. - Por razões óbvias, vou continuar a chamar-lhe Jimmy. Além de que também gosto mais desse nome. Acho que está a proceder muito correctamente. Eu própria farei algum sacrifício - continuou ela, com lágrimas nos olhos -, pois teria imenso orgulho em o apresentar ao mundo como meu sobrinho.

- E, tia Ruth, eu... - Jimmy parou imediatamente de falar face a uma exclamação aflita de

John Pendleton, denunciadora da presença do Jamie e da Sadie Dean, acabados de entrar.

O Jamie, espantado e pálido, exclamou:

- Tia Ruth! Tia Ruth não quer dizer que.

190

Os rostos de Mrs. Carew e de Jimmy ficaram sem pinga de sangue. John Pendleton, porém, avançou elegantemente e disse:

- Sim Jamie, porque não? Eu ia dizer-lhe em breve, mas, assim, digo-lhe já.

Jimmy deu um passo adiante, aflito, mas John Pendleton silenciou-o com um olhar.

- Há pouco, Mrs. Carew fez de mim o homem mais feliz do mundo, ao responder-me afirmativamente a uma pergunta. Portanto, se Jimmy me trata por tio John, porque não há-de tratar Mrs. Carew por tia Ruth?

- Oh! - exclamou Jamie contentíssimo, enquanto Jimmy, sob o olhar firme de John Pendleton, salvou a situação, evitando manifestar a sua surpresa e satisfação.

Naturalmente, Mrs. Carew tornou-se o centro do interesse de todos e o perigo foi ultrapassado. Só Jimmy ouviu John Pendleton segredar-lhe, um pouco depois:

- Então, meu maroto, vês como não te vou perder! Queremos-te ambos!

Ainda se ouviam exclamações e parabéns, quando Jamie, ainda mais satisfeito, se virou para Sadie Dean, dizendo enigmático:

- Sadie, vou dizer-lhes agora!

E a expressão felicíssima de Sadie denunciou desde logo a todos o que se passava, antes, portanto, de Jamie começar a falar. Seguiram-se mais parabéns e exclamações de alegria, abraçando-se todos profusamente.

Jimmy, começou a olhá-los com algum desconsolo.

- Está tudo muito bem, para vocês - queixou-se.

- Já se têm uns aos outros, e eu? No entanto, posso

191

dizer-vos que se uma certa jovem aqui estivesse, também teria uma coisa para vos comunicar.

- Espera só um minuto, Jimmy - interpôs-se John Pendleton. - Vamos fazer de conta que eu sou o Aladino e vou esfregar a lâmpada. Mrs. Carew, dá-me licença que chame a Mary?

- Sim, com certeza! - murmurou a senhora, que, tal como os outros, ficara surpreendida.

Momentos depois Mary surgiu à entrada da sala.

- Foi Miss Pollyanna que chegou há momentos?

- perguntou John Pendleton.

- Sim, senhor, ela está aqui.

- Importa-se de dizer-lhe que entre, por favor?

- Pollyanna, aqui? - exclamaram todos em coro, quando Mary saiu, e Jimmy virou-se muito pálido e um tanto corado:

- Sim. Mande-lhe uma nota através da minha governanta, ontem à tarde. Tomei a liberdade de lhe pedir para vir passar alguns dias consigo, Mrs. Carew. Pensei que a jovem precisasse de descansar um pouco e a minha governanta recebeu instruções para permanecer com Mrs.

Chilton e tratar dela. Escrevi também uma nota a Mrs. Chilton - acrescentou, virando-se de repente para Jimmy com uma expressão significativa nos olhos. - E pensei que depois de ela ler o que lhe escrevi, deixaria vir Pollyanna. Está visto que deixou mesmo.

E, de facto, Pollyanna aí estava a transpor a porta, corada, de olhos muito abertos, e um tanto tímida e interrogativa.

192

- Pollyanna, minha querida! - gritou Jimmy, qe correu para ela sem hesitar, tomando-a nos braços e beijando-a.

- Oh, Jimmy, assim, diante de toda a gente! protestou Pollyannna embaraçada.

- Nem que fosse no meio da Avenida Whashin ton tinha de beijar-te - confessou Jimmy. - Basta olhares ao teu redor.

E Pollyanna olhou e viu.

Junto a uma janela, de costas voltadas, estavam Jamie e Sadie Dean. Ao pé de outra janela, também de costas voltadas, estavam Mrs. Carew e John Pendleton.

Pollyanna sorriu tão adoravelmente que Jimmy voltou a beijá-la.

- Oh, Jimmy, como é maravilhoso! - murmura ela docemente. - A tia Polly, agora, já sabe de tud e está tudo bem. Embora, por mim, estivesse sempre tudo bem. Como ela se estava a sentir tão mal por minha causa! Agora está feliz e eu também Jimmy, estou tão contente, tão CONTENTE com tudo!

Jimmy conteve a respiração com uma alegria que até doía.

- Minha querida, só desejo que te sintas sempre assim - disse ele, estreitando-a com força.

- Tenho a certeza que sim - suspirou Pollyanna com um olhar pleno de confiança.

FIM